



UNIVERSIDADE  
CATOLICA  
PORTUGUESA

INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS

**A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, A COVID-19 E O SHARP**

**POWER:**

**A IMPORTÂNCIA DA PERCEÇÃO NA POLÍTICA INTERNACIONAL  
NA ERA DIGITAL**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa com vista à obtenção do  
grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa

Ramo: Relações Internacionais

Sofia Florentino da Silva Pereira | 100518011

Dissertação de Mestrado orientada pelo Tenente-Coronel Francisco Proença Garcia

Instituto de Estudos Políticos

Setembro, 2022

Lisboa, Portugal





UNIVERSIDADE  
CATOLICA  
PORTUGUESA

INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS

**A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA, A COVID-19 E O SHARP**

**POWER:**

**A IMPORTÂNCIA DA PERCEÇÃO NA POLÍTICA INTERNACIONAL  
NA ERA DIGITAL**

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa com vista à obtenção do  
grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais: Segurança e Defesa

Ramo: Relações Internacionais

Sofia Florentino da Silva Pereira | 100518011

Dissertação de Mestrado orientada pelo Tenente-Coronel Francisco Proença Garcia

Instituto de Estudos Políticos

Setembro, 2022

Lisboa, Portugal

## **Resumo**

O conceito “*sharp power*” foi cunhado em 2017 para descrever um poder que não se enquadrava nos clássicos tipos de “duro” ou “suave”. Baseava-se na manipulação, decepção, e subversão, práticas por si antigas.

Dois anos depois, surgiu a COVID-19, um vírus originalmente identificado na República Popular da China (RPC), que num espaço de meses evoluiu para uma pandemia. Perante os possíveis danos à sua reputação, a RPC centrou todos os seus esforços na contenção da história através da gestão de percepção. A perseverança do Estado e a sua luta pela hegemonia passou a depender da vitória da história de que “A China estava a vencer a guerra contra a COVID-19.”

É sobre este quadro que a investigação se desenvolve, numa busca pela autonomia conceptual do *sharp power*, justificando-o, e cisando-o do *soft power*.

Através do estudo da narrativa chinesa da COVID-19, analisa-se o possível impacto desta forma de poder, e apresenta-se as melhores respostas possíveis. Na Era Digital, onde a comunicação é imediata e omnipresente, o controlo da narrativa é chave. Urge compreender as suas implicações para o sistema internacional.

**Contagem de palavras da dissertação:** 33193

**Palavras-Chave:** República Popular da China, *sharp power*, gestão de percepção, COVID-19, Estados Unidos da América, manipulação, subversão

## **Abstract**

The concept “sharp power” was coined in 2017 to describe a power that did not fit into the classic types of “hard” or “soft”. It was based on manipulation, deception and subversion, practices that are ancient in themselves.

Two years later came COVID-19, a virus originally identified in the People's Republic of China (PRC), which within months evolved into a pandemic. Faced with the possible damage to its reputation, the PRC focused all its efforts on containing the story through perception management. The state's perseverance and its struggle for hegemony came to depend on the victory of the story that "China was winning the war against COVID-19."

It is upon this framework that the research develops, in a search for the conceptual autonomy of sharp power, justifying it, and autonomizing it from soft power.

Through the study of the Chinese narrative of COVID-19, the possible impact of this form of power is analysed, and the best possible answers presented. In the Digital Era, where communication is immediate and universal, narrative control is key. It is urgent to understand its implications for the international system.

**Dissertation word count:** 33193

**Keywords:** People's Republic of China, sharp power, perception management, COVID-19, United States of America, manipulation, subversion

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, é meu dever agradecer à Universidade Católica Portuguesa, minha *alma mater*, instituição cujos valores refletem uma educação de excelência. De modo mais particular, agradeço ao Instituto de Estudos Políticos, espaço onde me passei a sentir em casa e onde com familiaridade pude crescer e “aprender a pensar”.

Agradeço profundamente ao meu orientador, o Tenente-Coronel Francisco Proença Garcia, pela sua incansável mentoria, compreensão, e conselhos que jamais esquecerei.

A minha mais eterna gratidão é para com a minha mãe, Isabel Florentino, sem cuja luta e sacrifício nada teria alcançado. Pelo amor incondicional e apoio irrepreensível, o meu muito obrigada. Agradeço também aos meus “anjos da guarda”, com cuja proteção sempre contei.

Foi nos meus amigos mais chegados e a “família que escolhi” que encontrei a força nas horas mais complicadas. Sempre prontos a dizer “Vá, tu consegues!”. Estou-vos extremamente grata.

Ao meu colega de escrita e amigo, Telmo Ferreira, não poderia deixar de agradecer as conversas, as revisões, a paciência e as sugestões.

Sem vós nada seria possível.

# Índice

<b>Resumo</b> .....	ii
<b>Abstract</b> .....	iii
<b>Agradecimentos</b> .....	iv
<b>Índice de Anexos</b> .....	vii
<b>Lista de Abreviaturas, Acrónimos e Siglas</b> .....	viii
<b>Introdução</b> .....	1
1. O caminho da investigação .....	6
<b>1. Poder e Influência</b> .....	13
1.1. Poder .....	13
1.1.1. Poder é poder .....	13
1.1.2. O Poder é sempre uma relação .....	14
1.1.3. As características do Poder .....	15
1.1.4. O Poder está na base da política .....	16
1.1.5. Será a coerção um elemento inexcusável do poder? .....	18
1.1.6. Em suma, poder, .....	19
1.1.7. Novo Contexto .....	20
1.1.8. Adequar o poder ao contexto .....	21
1.1.9. As Faces do Poder Segundo Joseph Nye .....	22
1.1.10. <i>Soft Power</i> por Joseph Nye .....	24
1.1.11. O Futuro do Poder .....	28
1.2. <i>Soft Power Versus Sharp Power</i> .....	28
1.2.1. <i>Sharp Power</i> .....	28
<b>2. Comunicação Política na Era Digital</b> .....	35
2.1. Comunicação Política .....	35
2.1.1. O poder da palavra .....	40
2.2. Gestão de Perceção e Manipulação .....	41
2.2.1. Os donos da verdade e a Engenharia do Consenso .....	42
2.2.2. Formação de Imagem e Gestão de Perceção: Verdade ou Mentira? .....	45
<b>3. República Popular da China</b> .....	49
3.1. Uma breve história .....	49
3.1.1. Política e Sociedade .....	53
3.1.2. Economia .....	55
3.2. Estratégia Chinesa sob Xi Jinping .....	57

3.3.	<i>Soft Power com Características Chinesas</i> .....	64
3.3.1.	<b>Uma questão de interpretação</b> .....	64
3.3.2.	<b>Substituir armas por prendas</b> .....	67
3.3.3.	<b>Um Contraste Curioso</b> .....	71
3.3.4.	<b>Contar “bem” a história da China</b> .....	74
4.	<b>A República Popular da China, a COVID-19 e o <i>Sharp Power</i></b> .....	79
4.1.	Uso de <i>Sharp Power</i> relativamente à gestão de perceção da narrativa do COVID-19 80	
4.1.1.	<b>O <i>Toolkit iliberal</i> da China</b> .....	81
4.1.2.	<b>Gestão de Perceção: Contenção de Informação sobre as origens da COVID-19</b> 83	
4.1.3.	<b>Impedimento de livre investigação</b> .....	88
4.1.4.	<b>Construção e Exportação da Narrativa de Sucesso e Solidariedade</b> .....	89
4.1.5.	<b>A China e a OMS</b> .....	91
4.1.6.	<b>O <i>Blame Game</i></b> .....	96
4.1.7.	<b>A batalha dos valores</b> .....	98
4.1.8.	<b>E quanto aos seus efeitos?</b> .....	103
4.1.9.	<b>Respostas ao <i>Sharp Power</i></b> .....	107
	<b>Resultados da Pesquisa</b> .....	110
1.	<b>O <i>Toolkit Liberal</i>: Respostas ao <i>Sharp Power</i></b> .....	117
	<b>Conclusão</b> .....	122
	<b>Bibliografia</b> .....	132
	<b>Anexos</b> .....	143

## Índice de Anexos

<b>Anexo 1.</b> Gráfico do Continuum Estratégico da República Democrática da China.....	143
<b>Anexo 2.</b> Tabela do Atual Edifício Estratégico da China.....	144
<b>Anexo 3.</b> Organograma do Departamento Central de Propaganda e o Sistema de Controlo dos Media.....	145
<b>Anexo 4.</b> Quadro com a Comparação entre <i>Soft Power</i> e <i>Hard Power</i> .....	146
<b>Anexo 5.</b> Organograma do Departamento Central de Propaganda.....	147
<b>Anexo 6.</b> Organograma do Partido Comunista e Governo Chinês.....	148
<b>Anexo 7.</b> Tabela de Respostas ao <i>Sharp Power</i> .....	149
<b>Anexo 8.</b> Tweet da OMS.....	151
<b>Anexo 9.</b> Tweet da OMS.....	152
<b>Anexo 10.</b> Tweet da OMS.....	153
<b>Anexo 11.</b> Tweet de Lijian Zhao, Porta-Voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros do PCC.....	154
<b>Anexo 12.</b> Gráfico “a maioria pensa que a China fez um mau trabalho a lidar com a COVID-19, embora melhor do que os EUA”.....	155
<b>Anexo 13.</b> Gráfico com a Evolução dos Casos e mortes de COVID-19 na China, de janeiro de 2020 a setembro de 2022.....	156

## Lista de Abreviaturas, Acrónimos e Siglas

- BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
- China - República Popular da China
- CIA – *Central Intelligence Agency*
- COVID-19 – Doença do coronavírus 19
- CPPCC – *Chinese People’s Political Consultative Congress*
- EPL – Exército de Libertação Popular
- IA – Inteligência Artificial
- Nações Unidas – Organização das Nações Unidas
- NED – *National Endowment for Democracy*
- OMC – Organização Mundial do Comércio
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- ONGs – Organizações Não - Governamentais
- ONU – Organização das Nações Unidas
- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte
- PCC – Partido Comunista Chinês
- RPC – República Popular da China
- SARS – Síndrome respiratória aguda grave
- UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

## Introdução

O poder é a base de qualquer relação, humana ou estatal. E é sempre relativo. Outrora principalmente baseado na força, o poder expandiu-se para compreender outras maneiras de atingir objetivos, como a influência.

Mas o poder duro não é apenas o poder pela força. É qualquer um que obrigue ou condicione. Como Joseph Nye nos recorda: “não é necessariamente melhor torcer mentes do que braços.”<sup>1</sup>

Também a comunicação e a reputação sempre fizeram parte do sistema internacional. Mas os efeitos da digitalização e a evolução dos meios de comunicação tornaram a reputação mais frágil, e a competição pela atenção mais feroz. Na Era Digital, a comunicação é chave e do controlo da narrativa pode depender a vitória ou derrota.

Neste cenário e na face da incapacidade de produzir atração e charme – características fundamentais do *soft power* – os estados autoritários focam a sua atenção numa forma de poder mais subversiva, que não se apresenta como dura, mas que usa a força da narrativa.

A esta forma de poder, o mundo liberal daria o nome de *sharp power*. Os estados autoritários, por sua vez, continuariam a chamar de *soft power* e influência legítima.

Por estes motivos e pela dificuldade em medir o impacto do *sharp power*, a sua definição e aplicação não é consensual nos meios académicos e diplomáticos. No ocidente é vista como uma forma de poder iliberal que se alimenta da abertura do liberalismo para semear a discórdia e desinformação. Isto leva os estados autoritários a acusar o ocidente de um “duplo-padrão”,

---

<sup>1</sup> Joseph S. Nye, *O Futuro do Poder* (Círculo de Leitores, 2012), 103.

alegando que usam as mesmas práticas, às quais as democracias atribuem o nome de *soft power* quando as aplicam, e *sharp power* quando aplicadas por estados autoritários.

E hoje, mais do que nunca, importa compreender o poder, em especial, numa altura em que o sistema é ditado pelo desequilíbrio. Pois é o que faz mexer a balança entre os estados e dita o equilíbrio que daí se cria.

No rescaldo da guerra fria os Estados Unidos da América (EUA) mantiveram uma posição de hegemonia sem contestação evidente. E o mundo gozou de um período de bonança, com a aparente garantia do sistema de regras e organizações que o Estado trazia consigo. Criticado por ser “o polícia do mundo”, a verdade é que o seu policiamento dava uma sensação de segurança.

Muito mudou desde então. Caíram as torres gémeas e a “*war on terror*” não se provou um substituto eficiente para unir o mundo ocidental; no mesmo ano em que a República Popular da China (RPC) entrou na Organização Mundial do Comércio, 2001, foi também criado o primeiro iPod; o Facebook nasce em 2004; dois anos depois seguir-se-ia o Twitter; em 2008 surge a maior crise em décadas, a Grande Recessão e a RPC organiza os Jogos Olímpicos; no ano seguinte o uso da fibra ótica massifica-se e emerge o bloco dos BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul; em 2010 surge o Instagram; dois anos depois Xi Jinping é eleito Secretário Geral do Partido Comunista Chinês. 2015 marca o início da crise migratória da União Europeia; um ano depois, Donald Trump é eleito Presidente dos EUA e o TikTok é criado por uma empresa chinesa; em 2018 começa a guerra económica sino-americana. Em 2019 aparece uma nova forma de coronavírus em Wuhan, China.

Os eventos podem parecer aleatórios, mas tiveram um profundo impacto global. O avanço da tecnologia acompanhou a viragem do milénio, trazendo consigo possibilidades e riscos. Do outro lado da moeda emergiram problemas globais: a crise ambiental e o aquecimento global; a escassez de recursos; o populismo e o descrédito nas instituições; uma

recessão democrática; multiplicaram-se as crises, os conflitos de baixa intensidade, intraestatais, e as zonas “cinzentas”, e surgiram doenças como a SARS, a ébola, o Zika, e mais tarde, a COVID-19.

A pandemia da COVID-19 foi o ponto de maior viragem. Não foi a primeira pandemia que o mundo enfrentou, mas foi a que mais impactou. A sua transmissibilidade entre humanos combinada com o constante fluxo de pessoas transformou a epidemia numa pandemia em menos de 4 meses.<sup>2</sup> Pode-se mesmo falar de um mundo antes da COVID-19 e um após.

As imagens que pensámos pertencerem apenas aos futuros distópicos de filmes sobre o fim do mundo tornaram-se reais. A ficção científica transportou-se para o dia-a-dia, com o uso obrigatório de máscaras, sucessivos confinamentos, um vírus desconhecido sem vacina e contra o qual a maioria dos medicamentos se revelavam impotentes. Os hospitais ficaram lotados e as ruas vazias.

O acontecimento era há muito profecia. A comunidade científica alertava para a alta probabilidade do aparecimento de uma pandemia. Ainda assim, os governos não souberam preparar antecipadamente para lhe responder.

Durante todo este período, os EUA e o mundo liberal foram lentamente perdendo a sua credibilidade, interligada com a recessão demográfica e económica. A chegada de Donald Trump à Casa Branca marcou o início de uma nova era na política externa norte-americana. Os compromissos multilaterais foram substituídos pelo “*cherry-picking*” bilateral. O discurso do Presidente pôs em causa alianças da qual o mundo liberal depende. De certa forma, observou-se um afastamento do papel de hegemonia.

Lado a lado com esta depressão do mundo demoliberal, o mundo dos autoritarismos expandiu, e fez proveito da evolução tecnológica que acompanhava. A entrada da RPC na OMC

---

<sup>2</sup> “CDC Museum COVID-19 Timeline”. *Centers for Disease Control and Prevention*. Janeiro 5, 2022, acedido junho 28, 2022. <https://www.cdc.gov/museum/timeline/covid19.html>

marcou a sua reentrada em força no sistema internacional. Acreditou-se na teoria de Francis Fukuyama<sup>3</sup>, de que a Democracia prevaleceria e de que o sucumbir dos seus inimigos era uma questão de tempo. O mundo liberal deixou o iliberalismo entrar, crendo que ao fazê-lo estaria a acelerar o “Fim da História”.

No fim a história foi bem diferente. Como Robert Kagan alerta: “A ordem mundial liberal é frágil e impermanente. Como um jardim, está sempre sob o cerco das forças naturais da história, a selva cujas trepadeiras e ervas daninhas ameaçam constantemente subjugar-la”<sup>4</sup>. E na face da retração norte-americana e depressão demoliberal, o iliberalismo expandiu o seu poder.

Simultaneamente, da incapacidade de dar resposta aos problemas globais surge a necessidade de uma nova ordem. Que hoje se configura numa “desordem mundial”. Um sistema de transição onde apesar de os Estados Unidos da América, o sistema demoliberal e a cooperação multilateral ainda persistirem, a sua força fraqueja. O sistema que o irá suplantar é ainda desconhecido. Um panorama de incerteza prevalece.

E nesse sentido cria-se a oportunidade para que os iliberalismos avancem “com a sua candidatura”, apresentando-se como uma alternativa válida e eficiente ao sistema que deixou de dar resposta.

No caso da China, isto apresenta-se como uma necessidade, pois a sua expansão, além do estatuto de *great-power*, depende da medida em que consegue moldar o sistema à sua imagem. Tal como a seguinte passagem evidencia:

“Há muito tempo que os líderes chineses tomaram consciência da dinâmica coevolutiva presente na política mundial; eles perceberam melhor que os ocidentais que, em parte graças à hegemonia americana, o ambiente internacional seleciona a democracia liberal, ou seja, que a ordem internacional dificulta a ascensão da China em termos de poder pelo facto de o país não deixar de ser um Estado capitalista-autoritário. (...) Por isso, os líderes do Estado-partido têm

---

<sup>3</sup> Francis Fukuyama, “The End of History?”. *The National Interest*, No. 16, 3-18. (1989)

<sup>4</sup> “*The liberal world order is fragile and impermanent. Like a garden, it is ever under siege from the natural forces of history, the jungle whose vines and weeds constantly threaten to overwhelm it.*” Robert Kagan, *The Jungle grows back* (New York: Alfred A. Knopf, 2018), 4.

feito o possível por substituir a preferência pela democracia por mecanismos que selecionem o capitalismo autoritário. E fazem-no operando ao nível das Nações Unidas...”<sup>5</sup>

É sobre este panorama da “passagem de testemunho” de um sistema para outro, e da expansão dos autoritarismos, que urge compreender as novas interligações entre o poder e as suas potencialidades. Poder esse que também sofreu as consequências da evolução tecnológica, alargando os seus campos de ação, para o *ciberespaço*, o espaço e as mentes das pessoas. Pretende-se compreender de que forma o *sharp power* pode ou não impactar esta “luta pelo poder”, dando uma vantagem competitiva à China.

Elegeu-se o caso específico da COVID-19 porque vai além de todos os casos práticos de *sharp power* observados até então. Tem um âmbito global e pede uma resposta global. E porque apresentou um desafio à atual liderança do sistema, e na face da sua resposta limitada, deu a oportunidade à China para promover uma imagem de líder forte e capaz.

Face ao risco de prejudicar a sua imagem e reputação, a China procurou controlar a pandemia, tanto a propagação da doença como a disseminação de informação sobre a mesma. Interessa compreender de que forma a sua preocupação com o controlo da narrativa afetou a comunidade internacional.

Escolheu-se investigar estes tópicos pela sua novidade, pelo desafio que apresentam para a política internacional, e pela sua relevância no atual sistema internacional. A investigação conduzida envereda por caminhos novos e importantes, pois a China pelo seu peso e pela sua ambição é uma potência com o poder de mudar o rumo do atual sistema.

Hoje, com o evidente aprofundamento da competição-conflito dos EUA e da China, na luta pelo lugar da hegemonia internacional, é urgente compreender as armas que a China tem à

---

<sup>5</sup> John M Owen IV, "Prefácio." In *O Poder Autoritário e o desafio para as democracias liberais*, ed. por William Hasselberger e Francisco Proença Garcia (Óbidos: Alêtheia, 2022), 7.

sua disposição, e qual o seu potencial impacto. Poderá esta forma de poder ajudar a China a reconfigurar o sistema internacional?

Pois importa não esquecer que os valores da potência hegemónica se refletem no sistema internacional que vigora. Se a China lograr ocupar o espaço de potência suprema, em detrimento dos EUA, passaremos de um mundo ocidental de base demoliberal, para um mundo sinocentrico com características autoritárias.

Necessitamos de questionar como será um mundo com estas características.

## 1. O caminho da investigação

Inicia-se assim a investigação com o intuito de compreender o *sharp power*, usando o contexto da narrativa COVID-19 como tubo de ensaio e a China como agente. Um dos pontos essenciais subjacentes a esta pesquisa é a definição do *sharp power* e a justificação da sua conceptualização. Antes que se possam analisar os seus efeitos, importa compreendê-lo como tipo de poder, individualizando-o face ao *soft power*, contribuindo para a clarificação do atual debate.

O *sharp power* é classificado como uma forma de poder classicamente autoritária. Ou seja, diz-se que apenas estados iliberais lhe fazem uso. E que associado à sua aplicação está uma força subversiva dos estados revisionistas contra o vigente sistema.

Posto isto, importa também explicar com evidência esta interligação. Para o fazer, elegeu-se a China, o Estado autoritário por excelência, pioneiro em propaganda e na arte da decepção. Enquanto Estado que conjuga com mais sucesso os elementos essenciais do

liberalismo económico com um controlo estatal absoluto sobre a política, reúne as condições ideais para a aplicação do *sharp power*.

Desde a chegada ao poder do atual Presidente Xi Jinping, a RPC deu predominância ao campo da influência das opiniões internacionais no seu leque estratégico. Os recursos económicos e a proteção da rede fechada chinesa criam as condições ideais e únicas para a proliferação de práticas de *sharp power*.

Para exemplificar, basta pensar nos protestos de Hong Kong, uma crise de longa duração, sem qualquer relevância nos *media*; em Taiwan, e em como em meios académicos, em instituições internacionais ou mesmo nos *media*, o país é identificado como parte da China; ou em como apesar do Mar do Sul da China ser disputado territorialmente entre a RPC, e vários outros estados, comumente lhe chamamos Mar do Sul da China.

Assim, impõe-se a questão de porque é que a RPC opta pelo *sharp power*? O que é que a faz aplicar esta forma de poder em detrimento do *soft power*? Com esta base conceptual, caminharemos para a análise do caso específico da COVID-19.

Deverá enumerar-se e dar exemplos das táticas usadas pela China na gestão da narrativa da COVID-19, e de seguida responder à questão: “o uso do *sharp power* pela RPC foi eficaz na gestão da perceção da narrativa COVID-19 e na disseminação da sua influência? (de novembro de 2019 até janeiro de 2021)”

Tendo em atenção que esta é uma nova forma de poder, ainda em estudo, carece de uma argumentação quanto ao seu potencial impacto. Importa perceber qual o seu alcance no quadro internacional. Tem esta forma de poder a mesma eficiência que o *soft power*? O mesmo peso?

Como tal, usar-se-á a eficiência da gestão de perceção da China face à narrativa da COVID-19, como exemplo para o possível impacto e alcance desta forma de poder. “Considerando o uso do *sharp power* pela RPC para gerir a perceção da narrativa COVID-19,

de novembro de 2019 até janeiro de 2021, qual é o potencial impacto e eficácia desta forma de poder?” Esta será a questão de investigação central.

Importa referir que esta dissertação não pretende de modo algum fazer elações sobre as origens do vírus, meramente investigando a gestão de perceção da China quanto às narrativas das origens e da sua gestão da pandemia.

Tendo estabelecido o risco e alcance deste tipo de poder, importará dar um leque de respostas para a nova forma de poder. Deverá recomendar-se as respostas mais eficientes.

Com este trabalho pretende contribuir-se construtivamente para o debate atual e necessário sobre o futuro das relações internacionais. Englobando os conceitos chave de poder, comunicação e China, almeja-se escrutinar o papel da comunicação na política internacional.

Dado o carácter recente do *case-study*, bem como do conceito de *sharp power*, a bibliografia de qualidade é ainda parca. Daí que se depreenda a novidade e importância do seu estudo.

Começa-se com a definição de poder e a distinção de influência, onde serão essenciais as obras *Ciência Política e Relações Internacionais* de Adriano Moreira<sup>6</sup>, *Elementos de Estratégia* de Abel Cabral Couto<sup>7</sup> e *Incursões no Domínio da Estratégia* de José Loureiro dos Santos<sup>8</sup>. O trabalho de Joseph Nye<sup>9</sup> servirá de base para a definição do *soft power*, e para a distinção entre este e o *sharp power*.

---

<sup>6</sup> Adriano Moreira, *Ciência Política* (Coimbra: Edições Almedina, 2014); Adriano Moreira, *Teoria das Relações Internacionais* (Coimbra: Edições Almedina, 2016)

<sup>7</sup> Abel Cabral Couto, *Elementos de Estratégia, Apontamentos para um curso, VOLUME 1* (Alfragide: LeYa, 2020)

<sup>8</sup> José A. Loureiro dos Santos, *Incursões no Domínio da Estratégia* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983)

<sup>9</sup> Joseph S. Nye, *O Futuro do Poder*

Para definir e justificar conceptualmente o *sharp power* usar-se-á a fonte de origem: *Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction*<sup>10</sup>, dos autores Christopher Walker e Jessica Ludwig e o artigo *What is "Sharp Power?"*<sup>11</sup>, também de Christopher Walker.

Para contextualizar o domínio da Comunicação Política na Era Digital, a investigação basear-se-á no artigo de João Canavilhas, *A Comunicação Política na Era da Internet*<sup>12</sup> e o capítulo de Rita Figueiras, *Mediatização 2.0: A integração das redes sociais na praxis política*<sup>13</sup>.

Os conceitos chave de comunicação política utilizados pela RPC: gestão de percepção e propaganda, serão explicados com o auxílio do artigo científico de Peter Callamari e Derek Reveron, *China's Use of Perception Management*<sup>14</sup> e do livro de Noam Chomsky, *Propaganda Política e Manipulação*<sup>15</sup>.

Contar-se-á uma breve história da China, a partir das obras *On China* de Henry Kissinger<sup>16</sup> e *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen: A China e os Direitos Humanos* de Raquel Vaz-Pinto<sup>17</sup>. Para explicar o edifício estratégico chinês sob Xi Jinping, usar-se-á o contributo do especialista Alexandre Carriço<sup>18</sup>.

A China e o *sharp power* têm uma relação especial. Para a justificar contaremos novamente com a obra de Alexandre Carriço<sup>19</sup>; o livro *Soft Power with Chinese Characteristics*

---

<sup>10</sup> Christopher Walker e Jessica Ludwig. "Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction," *National Endowment for Democracy, International Forum for Democratic Studies* (2017) <https://www.ned.org/wp-content/uploads/2017/12/Introduction-Sharp-Power-Rising-Authoritarian-Influence.pdf>

<sup>11</sup> Christopher Walker, "What is "Sharp Power"?" *Journal of Democracy* Volume: 29, Nº 3 (2018)

<sup>12</sup> João Canavilhas, "A Comunicação Política na Era da Internet," VIII Lusocom.

<sup>13</sup> Rita Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração," In *Comunicação Política*, ed. B. Carriço Reis & S.R. Magos, (Lisboa: NIP-C@M & UAL, 2019)

<sup>14</sup> Peter Callamari e Derek Reveron. "China's Use of Perception Management." *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence* Nº 16 (2003).

<sup>15</sup> Noam Chomsky, *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*, trad. por Fernando Santos (São Paulo: umfmartinsfontes, 2014)

<sup>16</sup> Henry Kissinger, *On China* (Great Britain: Penguin Books, 2012)

<sup>17</sup> Raquel Vaz-Pinto, *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen* (Lisboa: Tinta da China, 2010)

<sup>18</sup> Alexandre Carriço, *Harmonizando o Poder: Imagem, Diplomacia Pública e Diplomacia Militar da China* (Letras Itinerantes, Edição e Distribuição de Livros, 2015)

<sup>19</sup> *Ibidem*

de Kinglsey Edney, Stanley Rosen e Ying Zhu<sup>20</sup>; o artigo *China's soft and sharp power* de Joseph Nye<sup>21</sup>; e a apresentação *China's Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions* de Christopher Walker<sup>22</sup>. Anne-Marie Brady<sup>23</sup> será vital para clarificar a discussão que rodeia o uso do conceito *sharp power*.

Tendo estabelecido a base conceptual, transpor-se-á à contextualização do *case-study* do uso do *sharp power* pela China para a gestão da narrativa relativa à COVID-19. Após uma breve apresentação do vírus, a investigação focar-se-á nas práticas chinesas.

Com o auxílio do trabalho de Sarah Cook em *Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets*<sup>24</sup> serão apresentadas as várias táticas que a China usou para controlar a narrativa da pandemia, nos *media*, nas redes sociais e até na Organização Mundial de Saúde. A investigação apoiar-se-á também nos estudos da International Federation of Journalists em *The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy*<sup>25</sup>; de Robert Boxwell em *How China's fake news machine is rewriting the history of Covid-19, even as the pandemic unfolds*<sup>26</sup>, no Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019

---

<sup>20</sup> Kinglsey Edney et al., *Soft Power with Chinese Characteristics* (Versão e-book: London and New York: Routledge, 2020)

<sup>21</sup> Joseph S. Nye, "China's soft and sharp power." *The Strategist*, janeiro 8, 2018, acessado dezembro 1, 2021. <https://www.aspistrategist.org.au/chinas-soft-sharp-power/>

<sup>22</sup> Christopher Walker, "China's Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions." Testemunho no U.S. House Permanent Select Committee on Intelligence, maio 16, 2019, acessado dezembro 16, 2020. <https://www.ned.org/chinas-foreign-influence-and-sharp-power-strategyto-shape-and-influence-democratic-institutions/>

<sup>23</sup> Anne-Marie Brady, "China in Xi's "New Era" - New Zealand and the CCP's "Magic Weapons". *Journal of Democracy* Volume: 28 Nº: 2 (2018), acessado maio 25, 2022 <https://www.journalofdemocracy.org/articles/china-in-xis-new-era-new-zealand-and-the-ccps-magic-weapons/>  
Anne-Marie Brady, "Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping," Texto apresentado na conferência "The corrosion of democracy under China's global influence" da Taiwan Foundation for Democracy (USA: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2017)

Anne-Marie Brady, "On the Correct Use of Terms." *CHINA BRIEF* Volume: 19 Nº: 9 (2019), acessado dezembro 16, 2020. <https://jamestown.org/program/on-the-correct-use-of-terms-for-understanding-united-front-work/>

<sup>24</sup> Sarah Cook, "Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets." *Freedom House*, abril 20, 2020, acessado agosto 2, 2022. <https://freedomhouse.org/article/beijings-coronavirus-propaganda-has-both-foreign-and-domestic-targets>

<sup>25</sup> Louisa Lim et al, "The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy." *International Federation of Journalists*. (Bélgica: maio, 2021) [https://www.ifj.org/fileadmin/user\\_upload/IFJ\\_-\\_The\\_Covid\\_Story\\_Report.pdf](https://www.ifj.org/fileadmin/user_upload/IFJ_-_The_Covid_Story_Report.pdf)

<sup>26</sup> Robert Boxwell, "How China's fake news machine is rewriting the history of Covid-19, even as the pandemic unfolds." *POLITICO*, abril 4, 2020, acessado 2 agosto, 2022. <https://www.politico.com/news/magazine/2020/04/04/china-fake-news-coronavirus-164652>

(COVID-19)<sup>27</sup> e na notícia de Raymond Zhong, Paul Mozur, Jeff Kao e Aaron Krolik, No 'Negative' News: How China Censured the Coronavirus<sup>28</sup>.

A gestão da narrativa da COVID-19 alinha-se com os objetivos da China, e é inseparável do seu conflito-competição com os Estados Unidos da América. Para o justificar usar-se-á o capítulo de Elizabeth Economy, *The United States, China, and the Great Values Game*<sup>29</sup> e o artigo de Zhang Weiwei, *China's victory over COVID-19 underpinned by noble values*<sup>30</sup>.

Após a apresentação do *case-study* e da sua fundamentação, seguir-se-á o trabalho de analisar o impacto e o alcance da gestão de perceção chinesa. Terá a China sido bem-sucedida na sua tentativa de manipular a narrativa da COVID-19? É a esta questão que se tentará responder.

Mas não se esgotam aí os objetivos. Com base no trabalho de Sarah Cook em *Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Expanding Authoritarian Influence*<sup>31</sup>, enumerar-se-á possíveis respostas ao *sharp power*, segundo as melhores práticas atuais.

A investigação terá um carácter maioritariamente dedutivo, através da interpretação do estado de arte. Contudo, recorrer-se-á aos estudos quantitativos do Pew Research Center<sup>32</sup> e da

---

<sup>27</sup> "Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)." World Health Organization, fevereiro 28, 2020, acessado junho 28, 2022. [https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-\(covid-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-(covid-19))

<sup>28</sup> Raymond Zhong et al. "No 'Negative' News: How China Censored the Coronavirus." *The New York Times*, dezembro 19, 2020, acessado agosto 29, 2022. <https://www.nytimes.com/2020/12/19/technology/china-coronavirus-censorship.html>

<sup>29</sup> Elizabeth Economy, "The United States, China, and the Great Values Game," In *COVID-19 and World Order*, ed. por Hal Brands e Francis J. Gavin (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2020).

<sup>30</sup> Zhang Weiwei, "China's victory over COVID-19 underpinned by noble values." *CGTN*, agosto 7, 2020, acessado 31 julho, 2022. <https://news.cgtn.com/news/2020-08-07/China-s-victory-over-COVID-19-underpinned-by-noble-values-SKSMLRcyGY/index.html>

<sup>31</sup> Sarah Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence" *National Endowment for Democracy*, International Forum for Democratic Studies (2021), acessado abril 6, 2021. <https://www.ned.org/wp-content/uploads/2021/02/Chinas-Global-Media-Footprint-Democratic-Responses-to-Expanding-Authoritarian-Influence-Cook-Feb-2021.pdf>

<sup>32</sup> Laura Silver et al. "Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries." *Pew Research Center*, outubro 6, 2020, acessado maio 25, 2022. [file:///C:/Users/User/Downloads/PG\\_2020.10.06\\_Global-Views-China\\_FINAL.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/PG_2020.10.06_Global-Views-China_FINAL.pdf)

International Federation of Journalists<sup>33</sup>, para ajudar a classificar o impacto desta forma de poder na opinião pública internacional e na reputação da China.

Aquilo que se pretende é essencialmente individualizar o *sharp power*, dar-lhe propriedade e justificar o seu uso. Daí discorre a natural compreensão do seu impacto e consequência na cena internacional. Por fim, o objetivo será apresentar formas de resposta eficazes.

Com isto pretende-se compreender a importância da comunicação na política internacional na Era Digital. A rapidez, o acesso democratizado, e o alcance da comunicação, transformaram-na. Urge compreender como os estados capitalizam esta ferramenta, este poder do futuro, e como ele poderá reconfigurar o novo sistema que virá.

---

<sup>33</sup> Lim et al, “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.”

# 1. Poder e Influência

## 1.1. Poder

### 1.1.1. Poder é poder

O legado maquiavélico indica-nos que o poder é poder e só outro poder o pode travar<sup>34</sup>. Sendo o fio condutor que movimenta os atores na política interna e internacional, tem sido tópico de debate desde que os homens se relacionam e procuram exercer a sua vontade sobre a vontade de outros. O poder é a resposta à questão eterna de “*Why should man obey?*” Para traçar a nossa análise começemos pela sua definição clássica e o percurso que fez até aos dias de hoje.

Considerado “o mais importante dos valores.”<sup>35</sup> por Maquiavel, o poder foi desde cedo definido como a capacidade de dominar outros, fazendo com que a vontade própria prevaleça. Segundo Max Weber, é a capacidade de “um ator de uma relação social poder levar a cabo a sua vontade”<sup>36</sup> sobre a dos outros. Para o autor era a “capacidade de obrigar”<sup>37</sup> os outros a fazer algo que se coaduna com os nossos objetivos, e que caso contrário, estes não fariam.

Os clássicos, como Robert Dahl e Edward Shils, convergem na defesa desta tese, de que o poder é na sua essência a capacidade de levar os outros a fazer algo, no sentido dos seus objetivos. “O Poder aparece assim, na primeira observação, como uma estrutura ou aparelho, finalmente composto de homens, que decidem e usam a força como argumento final para serem obedecidos.”<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> “...usando o poder, e só um poder superior o poderá travar.” Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 275.

<sup>35</sup> Moreira, *Ciência Política*, 139.

<sup>36</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 24.

<sup>37</sup> Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 237.

<sup>38</sup> Moreira, *Ciência Política*, 108.

Aqui importa distinguir entre autoridade e poder. Pois enquanto a primeira se define pela “obediência pelo consentimento”<sup>39</sup>, a segunda é a capacidade de obrigar a obediência.

### 1.1.2. O Poder é sempre uma relação

Não entendido como algo físico<sup>40</sup>, “*o Poder não é uma coisa, é uma relação*”<sup>41</sup> com os outros. Pelo que só existe na medida em que é usado face aos outros e que: “o seu utente influencia o comportamento dos outros no sentido das suas intenções.”<sup>42</sup> A sua subjetividade dificulta a sua quantificação, pois o seu sucesso depende também do alvo e do poder deste.

Contudo, aliado ao seu aspeto relacional, o poder tem uma componente concreta, a dos recursos de que dispõe – das fontes. Sejam militares, económicos, ou demográficos, são imprescindíveis para a concretização do poder. Porém, recursos sem estratégia ou liderança não produzem poder.

A Venezuela, por exemplo, é o Estado com as maiores reservas de petróleo<sup>43</sup> no mundo, uma matéria-prima de alto valor comercial, mas isso não traduz automaticamente em poder. Apesar de ter as maiores reservas mundiais, não se encontra entre os maiores produtores. Pelo contrário, são os EUA que dominam o mercado, sendo os maiores produtores, detendo 18,5 %

---

<sup>39</sup> Moreira, *Ciência Política*, 27-28.

<sup>40</sup> “...o poder não é uma coisa, é uma relação entre vontades que utilizam recursos à sua disposição.” Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 241.

<sup>41</sup> Moreira, *Ciência Política*, 109.

<sup>42</sup> *Ibidem*, 110.

<sup>43</sup> No final de 2021, a Venezuela tinha 24,4 % das reservas mundiais de petróleo, sendo o país mais rico nesta matéria-prima. "OPEC Share of World Crude Oil Reserves." Organization of the Petroleum Exporting Countries, acedido setembro 25, 2022. [https://www.opec.org/opec\\_web/en/data\\_graphs/330.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm)

<sup>44</sup>da produção mundial. Ou seja, recursos sem orientação ou estratégia não se traduzem em poder, neste caso em poder económico.

### **1.1.3. As características do Poder**

Em *Elementos de Estratégia, Apontamentos para um curso, VOLUME 1*, Abel Couto<sup>45</sup> apresenta uma hipótese de síntese das características do poder, explicando que em primeiro lugar este é relativo, aos outros, ao que pretende atingir, onde e quando. Representado pela balança do poder, é subjetivo porque depende da perceção que os outros têm dele e da personalidade de quem o exerce. Apesar de não ser mesurável ou quantificável, é convertível. Simultaneamente é multidisciplinar porque não depende de um só recurso ou fonte e é mutável porque muda/evolui com o tempo. É também um meio instrumental, não um fim. E por último, é moralmente neutro.

Importa ainda distinguir Poder Potencial de Poder Concreto: o primeiro de acordo com a definição de Abel Couto são todos os recursos disponíveis ou possíveis, em desenvolvimento ou latentes, entre outros, já o Poder Concreto, Real ou Efetivo são as forças/recursos aplicados para o fim estratégico.<sup>46</sup>

O que os distingue é a disponibilidade – a capacidade de dispor dos recursos – e de os mobilizar. É a Liberdade de ação que materializa o poder. Apesar de não ser quantificável, para José Loureiro dos Santos, o peso do poder é o sucesso do poder em ato face ao objetivo.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> "Distribution of crude oil production worldwide in 2021, by leading country." Statista, acedido setembro 25, 2022.  
<https://www.statista.com/statistics/236605/share-of-global-crude-oil-production-of-the-top-15-oil-producing-countries/>

<sup>45</sup> Couto, *Elementos de Estratégia, Apontamentos para um curso*.

<sup>46</sup> *Ibidem*

<sup>47</sup> Loureiro dos Santos, *Incursões no Domínio da Estratégia*.

Apesar de apresentarem especificidades próprias, os autores convergem na generalidade dos fatores, reunindo elementos físicos e imateriais, humanos e materiais, compreendendo desde recursos militares à educação.

O domínio do poder está ligado a quem o recebe, a quem é obrigado ou influenciado por este. A sua amplitude é a “diferença entre a maior recompensa e a pior punição que um poder (utente de poder) pode oferecer ou infligir”<sup>48</sup>, ou seja, é flexibilidade de ação.

Todos estes elementos convergem para a conceção do poder, orientado pela estratégia e centro de gravidade de quem o exerce.

#### **1.1.4. O Poder está na base da política**

De acordo com Abel Cabral Couto, “...a Política envolve sempre uma luta pelo poder.”<sup>49</sup> O poder é “A” ferramenta da política internacional porque no contexto de estado de natureza, e na ausência de normais morais, o sistema internacional é marcado pelas relações de poder, onde o *Rule of Law* é substituído pelo *Rule of the Strongest*. Neste cenário anárquico, onde os estados são soberanos, é a distribuição do poder, estabelecida pelas balanças de poder entre os principais estados, que define o equilíbrio do sistema internacional.

Abel Couto afirma que:

“Podemos, portanto, definir a política de poder como um sistema de relações internacionais em que os Estados se consideram a si próprios como fins últimos e em que, consequentemente, empregam, ao menos com propósitos vitais, os meios à sua disposição que

---

<sup>48</sup> Loureiro dos Santos, *Incursões no Domínio da Estratégia*, 30.

<sup>49</sup> Couto, *Elementos de Estratégia, Apontamentos para um curso*, 77.

considerem mais eficazes e avaliados apenas segundo o critério do seu valor em caso de conflito.”<sup>50</sup>

No sistema internacional a segurança ou a garantia é uma utopia, porque o poder não se autolimita. Só pode ser limitado por outros poderes superiores. E sempre que existe um vazio de poder, outro se apressa a preenchê-lo “(o poder tem horror ao vazio...)”<sup>51</sup>. Daí que seja tão importante perceber o poder e como este se comporta nas relações entre estados.

Relações essas maioritariamente traçadas pelo uso da força, com limites impostos pelo poder de cada Estado.<sup>52</sup> Assim ao longo da história, autores como Tucídides, Maquiavel, Raymond Aron e Thomas Hobbes focaram a sua análise do poder enquanto uso da força, dando-lhe primazia como a sua expressão plena.<sup>53</sup>

Em particular, segundo Adriano Moreira, Raymond Aron “...apenas na guerra encontrou o fenómeno autonomizador das relações internacionais ...”,<sup>54</sup> e para o filósofo, a violência estava na génese dos estados, e perpetuou-se, como sendo “...sempre a última instância das relações entre os estados...”<sup>55</sup>

---

<sup>50</sup> Couto, *Elementos de Estratégia*, 81.

<sup>51</sup> *Ibidem*, 88.

<sup>52</sup> “... é a anarquia maquiavélica que vigora, cada Estado soberano intervindo até onde o poder de constringer lho permite.” Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 276.

<sup>53</sup> “... o uso dos *recursos físicos* ao dispor do agente traduz o estágio final e pleno do uso do Poder” Moreira, *Ciência Política*, 110.

<sup>54</sup> Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 307.

<sup>55</sup> *Ibidem*

### 1.1.5. Será a coerção um elemento inexcusável do poder?

Se a pergunta for colocada à escola realista da área das Relações Internacionais, a generalidade responderia que o poder tem de impor/obrigar a algo. Mas será a coerção ou a imposição um elemento necessário do poder?

Segundo o autor Loureiro dos Santos o poder pode dissuadir se reduzir acontecimentos não desejados, ou coagir ou influenciar se, pelo contrário, aumentar os acontecimentos pretendidos. Já Klaus Knorr diferencia poder de influência, de acordo com a seguinte passagem:

“...quando numa relação entre A e B as escolhas de B são restringidas pelo seu receio de sanções, explícitas ou supostas, por parte de A, dir-se-á que há uma relação de poder; haverá uma relação de influência quando as escolhas de B são aumentadas, em vez de diminuídas, pela capacidade de A. (...) à coação, explícita ou implícita, corresponde uma relação de poder; à persuasão ou à espera de uma recompensa corresponde uma relação de influência.”<sup>56</sup>

John Kenneth Galbraith, por outro lado, acredita que o poder é mais do que simplesmente imposição, sintetizando 3 tipos de poder: o condigno que usa o castigo ou pena; o compensatório, que usa a promessa de pagamento ou benefício; e por fim, o poder condicionado, que modifica as preferências ou crenças, fazendo o alvo acreditar que a nossa opção é a melhor. Para o autor é essencial que a submissão a este não seja evidente para os alvos, ao contrário do que acontece nos restantes tipos de poder.<sup>57</sup>

Segundo o autor as fontes do poder são a personalidade, propriedade ou recursos e organização. Apesar de cada um estar mais ligado a uma forma de poder, não existe uma correlação exclusiva entre fontes e tipos de poder.

Mas poder, uso da força, e força, apesar de comumente confundidos, não são sinónimos. Enquanto o uso da força é o uso de recursos militares para fins de guerra, usa-se “...a expressão

---

<sup>56</sup> Couto, *Elementos de Estratégia*, 52.

<sup>57</sup> John Kenneth Galbraith, "La anatomía del poder. Una perspectiva general," In *La anatomía del poder*, por John Kenneth Galbraith (Ariel Economía)

*força para dimensionar quantitativamente e qualitativamente os recursos à disposição da vontade política do agente; e a expressão poder para designar a capacidade de influenciar a conduta de terceiros,...*<sup>58</sup> E o poder tem muitas fontes, sendo a imagem realçada desde cedo enquanto elemento facilitador da legitimidade e obediência pois o poder também depende da percepção que os outros têm dele.<sup>59</sup> “Além de dispor da base de poder, de o saber e querer usar, é importante que se tenha prestígio ou imagem.”<sup>60</sup>

#### **1.1.6. Em suma, poder,**

É o centro gravitacional da política,<sup>61</sup> o combustível que move homens e estados. Historicamente definido como uma relação que resulta da união de capacidades físicas, recursos – materiais e imateriais –, e capacidades psicológicas – que orientam a estratégia e a concretizam. Seja pela coerção ou pela influência, é a capacidade de levar os outros a fazer o que pretendemos.

---

<sup>58</sup> Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 238.

<sup>59</sup> “A imagem, sem necessária coincidência com a realidade, é um ingrediente da força do poder efetivo, porque apela para os juízos populares de legitimidade e facilita a obediência.” Moreira, *Ciência Política*, 360.

<sup>60</sup> Loureiro dos Santos, *Incursões no Domínio da Estratégia*, 32.

<sup>61</sup> “...no processo político interno e externo, não existe outro fator envolvido além do poder.” Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 240.

### 1.1.7. Novo Contexto

O contexto internacional mudou e o poder mudou com ele<sup>62</sup>: os estados já não são os únicos atores; a interdependência substituiu a autarcia; as guerras entre estados deram lugar aos conflitos internos; as guerras híbridas tomaram a vez das guerras abertas ou totais; e a informação circula livre e expeditamente. A inovação tecnológica abriu um mundo de possibilidades, conferindo novas áreas de ação (como o espaço, e o ciberespaço), novas prioridades e novas capacidades ao poder.

Este novo contexto de interdependência e difusão pede poderes que vão para lá da força e de capacidades “duras”, o que abre uma janela de oportunidade para a emergência de estados que no mundo de ontem (do uso da força), não seriam os mais fortes. Ora tomemos o exemplo da República Popular da China (RPC), cuja ascensão internacional não se baseou no poder militar. Pelo contrário, quando fez uso desta, sofreu as repercussões, sendo vista como a parte agressora, como por exemplo nas crises com Taiwan. O regresso da RPC à “mesa dos grandes” teve na sua génese a adesão à Organização Mundial do Comércio, a atratividade do seu mercado e a abertura ao mundo. Ou seja, não foi fruto de poder “duro”.

O uso da força e destreza em batalha deixaram de ser a única definição de potência, porque esta se tornou demasiado dispendiosa, não só monetariamente, mas no que toca ao custo de oportunidade. Disputar o poder pela força é caro e põe em causa relações económicas de peso e mancha a reputação dos Estados. Apesar de ser o derradeiro poder, “...a guerra deixou de ser a decisão final na cada vez maior gama do século XXI”<sup>63</sup>, pelo que outros tipos de poder tomaram o seu lugar.

---

<sup>62</sup> “As ONG também tentam levar os estados à ação atacando a sua reputação nacional, e os próprios estados competem para criar narrativas que aumentem o seu poder suave e reduzam o dos adversários. (...) a legitimidade é uma realidade do poder e as lutas pela legitimidade envolvem custos reais.” Nye, *O Futuro do Poder*, 96.

<sup>63</sup> *Ibidem*, 27.

### 1.1.8. Adequar o poder ao contexto

Segundo Joseph Nye: “uma boa mão de póquer não vence, caso o jogo seja de bridge.”<sup>64</sup> Tal como o autor nos desafia a pensar, não traríamos facas para um debate, ou ameaçaríamos potenciais parceiros com armas nucleares para os tentar influenciar. Poderíamos até fazê-lo, mas facilmente teria o resultado oposto<sup>65</sup>, e tratar-se-ia de coerção, não influência. Assim, a primeira questão que se coloca é que jogo vamos jogar? É boxe? Ou póquer? Se hoje o jogo mais jogado é o segundo, então o poder suave tem mais utilidade do que o duro.

Perante este novo contexto mundial, Joseph Nye entende o poder como mutável e define-o como “...a capacidade de fazer coisas em situações sociais que afetam os outros com o objetivo de obter o resultado que pretendemos.”<sup>66</sup> Distingue-se das definições clássicas pois abdica da condição de obrigar alguém a fazer algo. E se estes o quiserem fazer ou acreditem ser a melhor opção possível?<sup>67</sup> **Não há necessidade de contrariar preferências alheias se já estiverem alinhadas com as nossas.**

O poder é também subjetivo pois depende “... de um contexto especificado que nos diga quem recebe o *quê*, *como*, *onde* e *quando*.”<sup>68</sup> Assim o poder é uma relação intencional, num certo contexto, em que fazendo uso dos recursos à disposição se consegue, alinhar o comportamento de outros, para servir os nossos objetivos.

---

<sup>64</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 27.

<sup>65</sup> “...ao passo que a capacidade militar, uma das mais importantes fontes de poder internacional, pode levar aos resultados desejados numa batalha com carros blindados, mas não na Internet.” *Ibidem*, 22.

<sup>66</sup> *Ibidem*, 24.

<sup>67</sup> “Podemos afetar-lhes o comportamento moldando-lhes as preferências de formas que produzam aquilo que queremos, em vez de dependermos de cenouras e varas para lhes alterarmos o comportamento no momento decisivo.” *Ibidem*, 29.

<sup>68</sup> *Ibidem*, 26.

### 1.1.9. As Faces do Poder Segundo Joseph Nye

O pensamento de Joseph Nye é revolucionário porque reúne mais faces do poder relacional e desprende-as das fontes/recursos que dispõem. A primeira face, inicialmente identificada por Yale Robert Dahl, baseia-se na coerção ou persuasão e consiste em obrigar os outros a fazerem algo que não queriam inicialmente. Ou seja, é o poder duro.

A segunda face, definida por Peter Bachrach e Morton Baratz, trata-se de atração e passa por "...modelar as preferências dos outros afetando-lhes as expectativas do que é legítimo ou exequível"<sup>69</sup>, englobando o enquadramento e criação de objetivos.<sup>70</sup> Por fim, a última face do poder, descoberta por Steven Lukes, trata-se da persuasão ou atração e é a modelação das "...preferências básicas ou iniciais..."<sup>71</sup> pela sua raiz, pela base ideológica sobre a qual são construídas.

A atração define-se como um magnetismo que chama atenção e seduz. Para ser atrativo um estado precisa de reunir "benignidade, brilhantismo ou competência e beleza ou carisma."<sup>72</sup>

Já a persuasão:

"...está bastante ligada à atração. Trata-se do uso de argumentos para influenciar as crenças e as ações dos outros **sem a ameaça de força**, ou a promessa de pagamento. A persuasão envolve quase sempre algum grau de manipulação, sendo alguns pontos enfatizados e outros negligenciados."<sup>73</sup>

E,

"o enquadramento de objetivos está ligado à persuasão. É mais provável que um argumento enquadrado de forma atraente visto como legítimo pelo alvo seja persuasivo. (...) As

---

<sup>69</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 31.

<sup>70</sup> Quem sofre este enquadramento pode ou não ter consciência de que este é fabricado, mas "Se aceitarem a legitimidade das instituições, ou o discurso social que enquadrou os objetivos, podem não se sentir injustamente constrangidos..." *Ibidem*, 31.

<sup>71</sup> *Ibidem*, 31.

<sup>72</sup> *Ibidem*, 114.

<sup>73</sup> *Ibidem*, 115.

narrativas são especialmente importantes no enquadramento de questões de uma forma persuasiva, para que alguns «factos» se tornem importantes, enquanto outros são ignorados.”<sup>74</sup>

As duas últimas dimensões do poder são mais subtis, penetrando na origem das preferências dos outros, evitando confronto e coerção no momento decisivo. É nestas que tradicionalmente se insere o poder suave, onde através do enquadramento, da persuasão e da atração, se condiciona o alvo às alternativas que nos são mais vantajosas.

Porém, é também nesta dimensão que a subtileza do poder se torna potencialmente perigosa pois a linha entre a manipulação e a modelagem de preferências é ténue. Esta última é válida desde que não se comprometa a Liberdade e a formação voluntária de preferências.

O derradeiro desafio que Joseph Nye coloca é a quebra do estigma de que o poder duro tem de advir de recursos duros, e de que apenas recursos suaves produzem poder suave. Assim, como todos os outros recursos “, os recursos militares podem produzir tanto poder duro com poder suave...”<sup>75</sup> O Programa Marshal é um exemplo claro da ambivalência das fontes do poder: um programa de ajuda económica que simultaneamente aumentou a atração dos EUA na Europa e ajudou a alinhar as suas políticas; e conteve o avanço soviético, uma ameaça geopolítica. Para o autor, a melhor forma de um Estado vingar neste século é fazer uso dos dois grandes tipos de poder: *soft e hard*, aplicados em equilíbrio mediante as circunstâncias, ao que deu o nome de *smart power*.

---

<sup>74</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 116.

<sup>75</sup> *Ibidem*, 69.

### 1.1.10. *Soft Power* por Joseph Nye

Cunhado por Joseph Nye nos anos 80, o poder suave é um conceito amplamente usado, e erradamente associado com tudo o que não seja militar. Na verdade, "...o poder suave é um conceito descritivo e não normativo"<sup>76</sup>, não se restringindo a uma só fonte. Apesar de ser tipicamente construído a partir da cultura, dos valores, da política e da diplomacia, um exército também pode produzir poder suave se a possibilidade de uma aliança for atrativa, como a OTAN; e da mesma forma um tratado económico pode ser poder duro se constringir as escolhas. É a possibilidade de se atingir objetivos sem recorrer à coerção, força, medo, pagamento, mas pela influência da atração e persuasão, que define o *soft power*.

Ambos conseguem alterar a ação do outro, a diferença entre o poder duro e suave é a forma como o fazem. Como Alexandre Carriço explica, o primeiro fá-lo pela coerção ou uso da força, ao passo que o segundo usa a cooptação ou a influência. (ver anexo 4)

Em concreto, o *soft power* é a cola aglutinadora dos sistemas internacionais, pois é também através da atração política que o conjunto do sistema político, das regras, dos ideais, e das instituições emanados pelo Estado, que o sistema se mantém. O sistema assente nos valores da Democracia liberal, capitalismo e respeito pelo multilateralismo que vigorou desde o fim da 2ª Guerra Mundial, é disto exemplo.

Da mesma forma, o *soft power* é associado à bondade, mas "à semelhança de qualquer forma de poder pode ser usado com bons e maus objetivos. Hitler, Estaline e Mao detinham bastante poder suave aos olhos dos acólitos, mais isso não o tornava bom."<sup>77</sup> A capacidade e os meios para exercer influência, não garantem a sua virtude. Como Joseph Nye reitera: "**não é necessariamente melhor torcer mentes do que braços.**"<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 103.

<sup>77</sup> *Ibidem*

<sup>78</sup> *Ibidem*

O sucesso do *soft power* depende em igual medida do perpetrador e do alvo, pois depende da percepção que este tem do primeiro. Depende igualmente da criação e manutenção de uma reputação benigna e credível, de modo a não comprometer a percepção externa. Mas a reputação demora décadas a construir, e por vezes segundos a destruir. Caso se opte por estratégias suaves, mas se faça demonstrações de poderio militar, a credibilidade e a benignidade podem estar perdidas. Na Era Digital, isto é ainda mais certo porque o escrutínio é contínuo e público.

Como tal, o poder suave exige um compromisso, de “*practice what you preach*” para ganhar credibilidade. E esta, tal como a reputação demora tempo a construir, pelo que se deve encarar o *soft power* como um jogo de *endurance*.

A RPC é um dos exemplos disto, tendo começado a capitalizar o seu poder suave depois da crise global de 2008, traduzindo-o em resultados palpáveis: na atratividade e expansão do Consenso de Pequim sobrepondo o Consenso de Washington, especialmente junto de estados autoritários. Contudo, apesar de todos os esforços, e talvez devido a esses mesmos, o seu poder suave é limitado e prejudicado pelas suas demonstrações de força<sup>79</sup>. “Pese embora as tentativas de transformar o Xinhua e a Televisão Central da China em adversários da CNN e da BBC, **«não há audiência internacional para a propaganda evidente.»**”<sup>80</sup>

Mesmo quando é bem-sucedido, na maioria dos casos, o *soft power* não produz resultados imediatos, pelo que muitos rejeitam a sua importância. Por fim “... os instrumentos do poder suave não se encontram totalmente sob o controlo dos governos. Embora os governos controlem a política, a cultura e os valores fazem parte das sociedades civis.”<sup>81</sup>

É difícil dominar algo que não nos pertence. A cultura, a opinião, os ideais, constroem-se socialmente, não se moldam em laboratórios ou conselhos de ministros. Logo o poder suave

---

<sup>79</sup> Alexandre Carriço, *Harmonizando o Poder*.

<sup>80</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 111.

<sup>81</sup> *Ibidem*, 105.

não pode ser fabricado. E quando o é, os resultados ficam aquém do esperado pois “... depende da credibilidade e quando os governos são vistos como sendo manipuladores e a informação é associada à propaganda, a credibilidade fica destruída.”<sup>82</sup>

Numa era de democratização de informação e de difusão de poder pelos vários agentes, especialmente não-estatais, os estados têm de aceitar que já não têm o monopólio da comunicação e da informação e que tanto um Estado pode exercer diplomacia pública sobre a opinião pública de outros estados como uma pessoa individual pode exercer poder suave como a ativista Greta Thunberg já nos exemplificou<sup>83</sup>. Como tal, devem caminhar para uma comunicação interativa, uma *two way street*, não um monólogo.

Para reforçar a credibilidade, a abertura do Estado à crítica, ao humor e à dissidência é chave. Estados como os EUA e o Reino Unido, cuja mensagem é geralmente bem recebida, são conhecidos pela livre crítica e humor com que variados programas retratam o Estado.

O modelo chinês não é compatível com estas necessidades, pois o Estado-partido assenta sobre o controlo total, e a possibilidade de abdicar de parte e delegá-lo na sociedade civil, ainda que pudesse gerar um *soft power* mais genuíno, acarretaria demasiados riscos para o partido. A dissidência e a crítica, bem como a espontaneidade da opinião pública livre não se coadunam com um Estado autoritário.

A seguinte passagem de Joseph Nye reitera esta incompatibilidade, explicando como a China prejudica o seu *soft power*:

“Tal como frisa um observador, se «o verdadeiro poder suave vem de uma sociedade e não do governo, o governo da China continua a silenciar grande parte dos seus elementos mais criativos e diversificados, enquanto o currículo dos direitos humanos, o sistema político, a força económica e o crescente poder militar chinês continuam a prejudicar a sua imagem externa.»<sup>84</sup>

---

<sup>82</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 105.

<sup>83</sup> “Os meios de comunicação já não são uma linha reta entre dois governos, públicos, sociedades e organizações não governamentais.” *Ibidem*, 125.

<sup>84</sup> *Ibidem*, 132.

Informação é poder, e perante o paradoxo da abundância, “é a atenção, e não a informação, que passa a ser o recurso escasso, e quem consegue distinguir informação valiosa de entre o ruído de fundo ganha poder.”<sup>85</sup> Assim, as narrativas debatem-se pelo tempo de antena. Mas como podemos avaliar quem sai vitorioso?

Se medir o poder já é difícil, é ainda mais difícil avaliar ou quantificar o poder suave. Assim, importa realçar que a melhor forma de o fazer, segundo Joseph Nye, é pela alteração de opiniões: **“A eficácia da diplomacia pública é avaliada pela quantidade de opiniões mudadas (tal como mostrado em entrevistas, ou em inquéritos), não pelos dólares, nem pelos produtos com níveis de produção elevados.”**<sup>86</sup>

O poder suave pode ser direto ou indireto. No primeiro caso influenciam-se diretamente indivíduos. No segundo caso – e mais comum – o público é influenciado e este por sua vez pressiona os seus líderes. Quando é direto, a avaliação da causação direta é feita através da análise dos processos. Por outro lado, a avaliação do poder indireto exige adicionalmente o uso de inquéritos de opinião pública e análises de conteúdos.

Ainda assim, é mais fácil identificar quando o *soft power* falha do que provar que foi responsável pelo sucesso de algo específico, pois não é imediato e estão sempre envolvidas muitas outras variáveis. Joseph Nye explica que:

“Um estudo sugere três condições necessárias para o uso eficaz por parte do estado de poder suave através do segundo modelo de opinião pública: comunicar com um alvo pretendido num **mercado funcional de ideias**; persuadir o alvo a mudar de atitude em relação a uma questão política, e garantir que a nova atitude influencia os resultados políticos.”<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 126.

<sup>86</sup> *Ibidem*, 130.

<sup>87</sup> *Ibidem*, 119.

### 1.1.11. O Futuro do Poder

“No fim, o poder ou é exercido pela força ou pela legitimidade”<sup>88</sup> Hoje, o uso da força não ficou obsoleto, mas “...está a assumir novas formas.”<sup>89</sup> De linhas e trincheiras, passámos pelas armas semiautomáticas e pelas bombas nucleares. Hoje, na quarta geração da guerra, a força expressa-se pela penetração no âmago do território<sup>90</sup>, não físico, mas psicológico e cultural do outro. Em tempos a descoberta da pólvora revolucionou o campo de batalha<sup>91</sup>, hoje, o *smartphone* e a internet fazem as honras do uso da força.

Esta nova Era acrescentou uma dimensão ao campo de batalha: a “mente das pessoas.”<sup>92</sup> E na guerra de percepções, não é quem vence que conta a história, mas sim quem conta a história vencedora.<sup>93</sup>

## 1.2. *Soft Power Versus Sharp Power*

### 1.2.1. *Sharp Power*

Segundo Joseph Nye, “em tempos, Mao Tsé-Tung disse que o poder estava no cano de uma arma...”<sup>94</sup>. Hoje ele está na câmara de qualquer *smartphone* e no teclado de qualquer computador, à disposição de todos e em tempo real, pelo que “a política global envolve

---

<sup>88</sup> “*In the end, power is exercised either through force or legitimacy.*” Aldo Matteucci, “Soft Power: The Means to Success in World Politics.” *Diplomacy*, 2005, acedido maio 21, 2022.

<https://www.diplomacy.edu/resource/soft-power-the-means-to-success-in-world-politics/>

<sup>89</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 52.

<sup>90</sup> “«Cada geração sucessiva penetrou mais profundamente no território inimigo num esforço para o derrotar.»” *Ibidem*, 52.

<sup>91</sup> “...a revolução da pólvora nos primórdios da Europa moderna, a Revolução Industrial do século xix, a Segunda Revolução Industrial do início do século xx e a atual Revolução da Informação.” *Ibidem*, 56.

<sup>92</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 58.

<sup>93</sup> “«..., pois vencemos a batalha da comunicação estratégica, e por isso ganhámos a guerra.»” *Ibidem*, 61.

<sup>94</sup> *Ibidem*, 84.

«combates verbais» entre as narrativas em competição, ...”<sup>95</sup>, recriando à escala internacional a criação da opinião pública, que Pierre Bourdieu descrevia como um sistema de forças.<sup>96</sup>

Com base no avanço destas narrativas concorrentes através do emprego de táticas que apesar de não trabalharem diretamente a coerção também não usam apenas a atração, o *National Endowment for Democracy*, mais precisamente Christopher Walker e Jessica Ludwig, cunhou o conceito de *sharp power*<sup>97</sup>. Um conceito novo que vem dar nome a práticas antigas, que ganharam maior tração na Era Digital, fazendo uso dos novos meios tecnológicos à disposição.

Pertencente ao campo sociopsicológico do poder, trabalha na esfera da opinião pública, e da construção da “...*imagem* assumida pela população, as suas *attitudes* e *expectativas*.”<sup>98</sup>. Parece inserir-se na terceira face do poder de Joseph Nye porque procura enquadrar e condicionar as escolhas a partir da sua raiz, mas fá-lo de forma coerciva, e desafia a definição tradicional porque, na maioria das vezes, o agente não sabe que é alvo de *sharp power*. Distingue-se do *soft power*, que se traduz em atração e sedução, porque o *sharp power*:

“...não é uma ‘*charm offensive*’ nem um esforço para ‘conquistar corações e mentes’, o quadro comum de referência para esforços de ‘*soft power*’. Esta influência autoritária não se trata principalmente sobre atração ou até persuasão, pelo contrário, centra-se em **distração e manipulação**.”<sup>99</sup>

Partilhando algumas características com o poder suave, acaba por ser mais comumente interpretado como tal, e explicado face ao mesmo, como uma degeneração ou desvirtuação. Contudo, como nos explicam os autores, apesar de ambos trabalharem habitualmente as

---

<sup>95</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 109.

<sup>96</sup> Pierre Bourdieu, *Public Opinion does not Exist*. (1972)

[https://is.muni.cz/el/fss/podzim2019/POLn4102/um/blok1/Bourdieu\\_PO\\_Does\\_Not\\_Exist.pdf](https://is.muni.cz/el/fss/podzim2019/POLn4102/um/blok1/Bourdieu_PO_Does_Not_Exist.pdf)

<sup>97</sup> Walker e Ludwig, “Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction”

<sup>98</sup> Moreira, *Teoria das Relações Internacionais*, 243.

<sup>99</sup> “... is neither a ‘*charm offensive*’ nor an effort to ‘win hearts and minds,’ the common frame of reference for ‘*soft power*’ efforts. This authoritarian influence is not principally about attraction or even persuasion; instead, it centers on distraction and manipulation.” Walker e Ludwig. “Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction,” 6.

mesmas dimensões, enquanto um atrai, persuade e condiciona em Liberdade, o segundo constringe.

É possível autonomizá-lo enquanto conceito de poder duro que se mascara de suave, como um lobo vestido de cordeiro, ao agir sobre as áreas da Cultura, Academia, Media e Publicações<sup>100</sup>, que são simultaneamente identificadas pelo público como “fontes suaves” e as áreas mais vulneráveis e expostas dos estados.

Este poder duro que aparenta ser suave procura moldar as narrativas e concepções base no seio das sociedades em que se instala, e a partir daí alterar a perceção que têm de si e até gerar dano. Prospera do livre fluxo de informação e da abertura, daí que seja maioritariamente aplicado por estados autoritários face a sociedades liberais.

### **Fundamentalmente, Joseph Nye define o *sharp power* da seguinte forma:**

**“*Sharp power* é um tipo de poder duro.** Manipula informação, que é intangível, mas a intangibilidade não é a característica distintiva do poder suave. Ameaças verbais, por exemplo, são simultaneamente intangíveis e coercivas.

**Verdade e abertura** criam uma linha que divide poder suave e *sharp* em diplomacia pública. Quando a agência oficial de *media* da China, Xinhua, transmite abertamente noutros países, está a aplicar técnicas de poder suave, e devemos aceitá-lo. Quando a China Radio International **secretamente** apoia/financia 33 estações de radio em 14 países, a fronteira do *sharp power* foi passada, e devemos expor a violação do voluntarismo.

**Mas decepção extrema em enquadramento pode ser vista como coercivo; apesar de não ser violenta, ela previne a escolha substantiva.**<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> Walker e Ludwig. “Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction”

<sup>101</sup> “*Sharp power is a type of hard power. It manipulates information, which is intangible, but intangibility is not the distinguishing characteristic of soft power. Verbal threats, for example, are both intangible and coercive. Truth and openness create a dividing line between soft and sharp power in public diplomacy. When China’s official news agency, Xinhua, broadcasts openly in other countries, it is employing soft-power techniques, and we should accept that. When China Radio International covertly backs 33 radio stations in 14 countries, the boundary of sharp power has been crossed, and we should expose the breach of voluntarism. But extreme deception in framing can be viewed as coercive; though not violent, it prevents meaningful choice.*” Nye, “China’s soft and sharp power.”

Ou seja, quando o enquadramento de escolhas restringe – mesmo que os alvos não se apercebam – e impede a formação de escolhas livres e significativas, estamos perante *sharp power*.

O conceito é recente e controverso pois a sua definição não é consensual. Tendo sido definido pelo NED como uma prática dos países autoritários por excelência, Rússia e China, contra os países livres, a controvérsia da sua definição é indissociável do binómio Mundo Livre *versus* Estados Autoritários.

Contudo, e devido às semelhanças aparentes entre o *sharp power* e o *soft power*, para muitos, as mesmas práticas que no ocidente são instrumentos de *soft power*, quando utilizadas pelos autoritarismos são injustamente denunciadas como *sharp power*. O erro que se comete é o de vincular obrigatoriamente a prática com o tipo estado. Não é necessário que um estado seja iliberal para praticar *sharp power*, mas a verdade é que a maioria dos que o faz correspondem a esse grupo. Importa perceber porquê e qual o limite que separa o *soft power* do *sharp power*.

O conceito é também complexo porque a interpretação habitual do poder compreende-o intrinsecamente ligado com as suas fontes, pelo que erradamente se assume que um poder que deriva de cultura ou educação tem de ser um poder suave. Mas não são as fontes que definem o poder, mas sim a sua forma de emprego, o objetivo e a resposta à pergunta: O alvo foi constrangido/obrigado ou influenciado/atraído? Ou por outras palavras, ganhou alternativas ou perdeu-as?

No caso do *sharp power*, o público é constrangido e o seu condicionamento oculto ou mascarado, pelo que este perde alternativas pois as decisões que toma são feitas com base numa limitação das hipóteses.

Assim se depreende que **um agente não é mais livre ou menos constrangido se tomar uma decisão com base num condicionamento de preferências do que se for obrigado a**

**tomá-la à lei da bala**, pois não são as fontes ou recursos que definem o tipo de poder, mas a sua aplicação. E coerção não deixa de ser coerção só porque é feita sem recurso ao uso de armas.

A diferença mais gritante é que no primeiro caso o poder é escondido, omitido e no segundo, o poder é visível e declarado. Pelo que corresponde ao argumento de Noam Chomsky (ver capítulo 2), de que a manipulação eficaz do rebanho é feita sem que este note. *Sharp power* é uma promessa de influência que constringe, pois, as escolhas do recetor não aumentam. São condicionadas e enquadradas.

O *sharp power* é também um poder que exige um elevado grau de engenharia, para o qual convergem esforços estatais que garantem o apertado controlo da narrativa produzida. Como tal, difere também aqui do *soft power*, ao qual o comparam. Pois este poder é mais eficaz quando gerado pela sociedade e pelos seus agentes, em vez de maquinado por governos.

O verdadeiro *soft power*, o charme que advém da criatividade real, a atratividade de uma sociedade vibrante, de uma cultura influente ou até mesmo ideologia, não é orquestrado, e é fracamente imitado pelos estados autoritários.<sup>102</sup> Controladores por natureza, estes estados pecam por centralizar as suas técnicas de influência e por sufocar ou calar a atratividade natural.

Adicionalmente, o *sharp power* que os estados autoritários praticam agora internacionalmente, têm vindo a praticar desde a sua origem a nível interno. É graças à engenharia do consenso e da manipulação da opinião pública em torno do “inimigo externo” que garantem a sua sobrevivência. Uma vez mais confirmando a teoria de Noam Chomsky (ver capítulo 2). A manipulação e gestão da “narrativa correta”, ou seja, da sua, mais do que uma tática de poder, é para estes estados, uma questão de sobrevivência, é o seu centro de gravidade estratégico.

---

<sup>102</sup> Alexandre Carriço, *Harmonizando o Poder*.

Sendo as autocracias fechadas na sua gênese, e os estados liberais abertos, gera-se aqui uma janela de oportunidade para a aplicação de *sharp power*. Os primeiros, não permitem ingerência interna por parte de entidades externas, sejam estes jornalistas, estados ou empresas. Já os segundos ficam vulneráveis porque não se protegem com muros nem barreiras.

Graças a esta disparidade de abertura, apenas um dos lados pode influenciar e promover narrativas, pois os estados autoritários limitam fortemente o seu acesso.<sup>103</sup>

De natureza corrosiva<sup>104</sup>, o *sharp power* infiltra-se no ambiente aberto dos estados visados, alimentando e promovendo uma narrativa que não só lhe é benéfica, como denigra a imagem do seu adversário, corrompendo instituições, pessoas, noções e ideais.

O dicionário Merriam-Webster define subversão como “uma tentativa sistemática de derrubar ou enfraquecer um governo ou sistema político por pessoas que secretamente trabalham a partir do seu interior”.<sup>105</sup> É neste sentido que o *sharp power* opera, sendo a subversão uma importante característica do mesmo.

É também de difícil identificação porque além de ser superficialmente parecido com o *soft power*, é imune aos sistemas legais. Tanto J. Michael Cole como Anne-Marie Brady<sup>106</sup> referem que a dificuldade de se combater o *sharp power* é que este “passa entre os pingos da chuva”, evadindo legislação existente, e atuando nos campos cinzentos da lei. Ainda que muitos dos métodos empregados sejam incorretos, desonestos e injustos, não são indiscutivelmente ilegais.<sup>107</sup>

---

<sup>103</sup> “...there is little parity in an exchange between an open society and a deliberately closed one. In the marketplace of ideas, authoritarian regimes simply do not respect the rules: They protect their own controlled environments while attempting to tip the scales abroad.” Walker e Ludwig. “Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction”, 21.

<sup>104</sup> J. Michael Cole, “The Hard Edge of Sharp Power.” *Macdonald-Laurier Institute Publication*, outubro, 2018, 9.

<sup>105</sup> “subversion” Merriam-Webster, acessado setembro 25, 2022.

<https://www.merriam-webster.com/dictionary/subversion>

<sup>106</sup> Brady, “Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping”

<sup>107</sup> Cole, “The Hard Edge of Sharp Power.”, 21.

Contudo, há mais uma variável que pesa na balança do poder: o dinheiro. Sendo o *sharp power* um poder duro, este tem de o ser pela coerção, e para o fazer depende também da condição económica e comercial dos estados envolvidos. Ou seja, para garantir o prevalecer da sua narrativa, os estados autoritários capitalizam nas relações de dependência pré-existentes. Uma empresa ou Estado pode não querer deixar de se referir a “Taiwan” como Estado independente, mas se disso depender uma relação económica próspera com a República Democrática da China, não têm escolha, senão autocensurar-se.

E assim chegamos ao argumento principal do *sharp power*: é um poder duro porque subtrai a escolha, condiciona a decisão, manipula a narrativa. O alvo é obrigado porque lhe são retiradas as restantes opções, ou porque lhe são negadas ou porque já foi condicionado psicologicamente a acreditar que estas não existem, ou não lhe estão disponíveis. Existe escolha, da mesma forma que existe informação, mas esta não é livre nem consciente.

## 2. Comunicação Política na Era Digital

### 2.1. Comunicação Política

A comunicação é um elemento insubstituível da política, formando um elo de ligação entre o público e a classe política, sendo os *media* responsáveis por construir a ponte entre os dois. Daqui deriva o espaço público. Ou, nas palavras de Rita Figueiras, “a comunicação política pode ser descrita como o produto da interação dinâmica entre a sociedade, os partidos políticos e os *media*.”<sup>108</sup>

E porque é a comunicação tão importante para a política?

“...por centrar a sua atenção em alguns fundamentos das democracias como a cidadania do conhecimento, entendida como o acesso a **informação relevante não distorcida**, ou o livre acesso aos espaços de debate onde os cidadãos podem deliberar e desenvolver os seus próprios argumentos.”<sup>109</sup>

E porque “A percepção que os cidadãos têm dos políticos é condicionada por aquilo que lhes é transmitido pelos vários dispositivos de comunicação, nomeadamente os *media*.”<sup>110</sup>

Na Era Digital a importância da comunicação política tornou-se ainda mais evidente porque os meios para a fazer evoluíram, multiplicaram-se e democratizaram-se. À rádio adicionámos a televisão, à televisão a cores a internet, e agora as redes sociais. Meios dos quais a maioria da população dispõe, dando-lhe palco a “custo zero” – o que significa que a comunicação política é cada vez mais um diálogo, (ou deveria ser), onde o público reage e interage.

---

<sup>108</sup> Rita Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração," 47.

<sup>109</sup> Canavilhas, "A Comunicação Política na Era da Internet," 3.

<sup>110</sup> *Ibidem*, 4.

Segundo João Canavilhas<sup>111</sup> os novos mecanismos diferenciam-se pela sua capacidade de interação e de fornecimento de informação; acesso ilimitado a nível geográfico e temporal; acesso universal a partir da internet – com algumas exceções, como é o caso das redes chinesas, num circuito fechado, protegidas pela *Great Firewall* da China.

Esta multiplicidade, acesso e características dos meios fez-se acompanhar de uma aceleração do fluxo de informação, traduzindo-se num excesso da mesma, face ao qual, a atenção se tornou o recurso mais valioso. Agora a grande questão não é apenas comunicar eficazmente, nem ter a melhor mensagem, mas como permanecer relevante. Nos casos mais evidentes, a busca pela relevância leva a uma mediatização da comunicação política<sup>112</sup>.

Por outro lado, a facilidade e rapidez da comunicação significa também um maior escrutínio, mais atento e mais rápido. Não são permitidos falhas ou erros, sendo facilmente detetados e dificilmente esquecidos. (Quando algo entra no campo da internet é quase impossível garantir a sua eliminação total)<sup>113</sup>. Pelo que a reputação se tornou mais preciosa e simultaneamente mais cara (custosa).

Para explicar as implicações deste novo contexto para a comunicação política, baseamo-nos na citação de Rita Figueiras:

“Ao longo do século XX, a deslocação do sistema mediático para o centro do espaço público alterou o equilíbrio de poderes entre os atores da comunicação política. (...) tornou-se o meio privilegiado através do qual as lutas políticas passaram a ser articuladas no espaço público. (...) A mediatização 2.0 tem sido rentabilizada de modo a guiar a comunicação política num contexto de elevada complexidade, escassez de atenção e reputação.”<sup>114</sup>

---

<sup>111</sup> Canavilhas, "A Comunicação Política na Era da Internet"

<sup>112</sup> “Acresce que, quanto maior é o consumo da política através dos media, maior é a pressão que os políticos sentem para se adequarem à lógica mediática, o que, por seu turno, torna cada vez mais difícil destrinçar a política da sua mediatização.” Rita Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração", 48.

<sup>113</sup> Pedro Emanuel Santos. “É possível apagar o nosso rasto online? Fomos descobrir” *Jornal de Notícias Magazine*, fevereiro 11, 2020, acedido a setembro 25, 2022. <https://www.noticiasmagazine.pt/2020/privacidade-online-adeus-e-ate-sempre/estilos/comportamento/242664/>

<sup>114</sup> Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração," 50.

Recentemente tivemos a oportunidade de assistir a um exemplo do impacto da comunicação no poder<sup>115</sup>: o famoso *sofagate*. A simples falha na colocação de uma cadeira, foi visto como um ataque da Turquia à União Europeia, e o embaraço manifestado pelos seus representantes foi, para os espectadores, um reflexo da fraqueza da mesma. A verdade é que a imagem importa.

Aquilo que se conclui é que na Era Digital, **existe mais informação, mas menos informação relevante. Existe mais escrutínio, mas mais desinformação. Existe mais comunicação, mas menos atenção. Existe mais rapidez na comunicação, mas também maior rapidez no esquecimento.**

Para perseverar, políticos e estados investem cada vez mais em novas metodologias de comunicação para acompanhar o complexo espaço público, e dependem cada vez mais dos *media*.

“Isto confere aos meios de comunicação um poder enorme na construção da realidade política e no moldar da cognição pública (...). Acresce que, quanto maior é o consumo da política através dos *media*, maior é a pressão que os políticos sentem para se adequarem à lógica mediática (...), o que, por seu turno, torna cada vez mais difícil destriçar a política da sua mediatização.”<sup>116</sup>

E esta dependência não é necessariamente boa nem o seu contrário. A política retira a sua legitimidade do espaço público e precisa dos meios de comunicação para o fazer, daí que se adapte para os acompanhar. A mediatização é apenas mais um passo na evolução, onde se mantêm os objetivos, expande-se a capacidade de ação, mas como em tudo, é contraposta pelos seus riscos, neste caso para a Liberdade da formulação de opiniões e pelo desfasamento da verdade.

---

<sup>115</sup> Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração," 69.

<sup>116</sup> *Ibidem*, 48.

Contudo, tem levado a que os políticos procurem melhorar a sua gestão comunicacional. Tem também significado o crescimento da relevância das redes sociais, um espaço não controlado pelos *media* tradicionais, onde os políticos têm maior autonomia para transmitir as suas mensagens, e que segundo João Canavilhas<sup>117</sup> é uma oportunidade para o encetar de uma conversa mais direta com o eleitorado. Mas simultaneamente, e porque as redes sociais são livres e acessíveis para quase todos, também existe um maior escrutínio por parte do público e dos adversários. Um problema do qual a China abdicou ao criar as suas próprias redes, com as suas próprias regras e escrutínios.

Da mesma forma que muitas vezes notamos que nos está a ser sugerido um anúncio exatamente do produto que precisávamos, podemos receber uma mensagem política desenhada para nós: *microtargeting*<sup>118</sup>. Mas como é que podem saber o que precisamos ou construir uma mensagem para nós? Porque todos os internautas deixam um rasto, e os mesmos dados que são recolhidos para construir campanhas de marketing também o podem ser para a personalização de campanhas políticas.

Ainda assim, e apesar de ter amplificado a rapidez, facilidade e abrangência das mensagens, a mediatização da política e o uso das redes sociais não alteraram as funções tradicionais da comunicação política, mas potencializaram-nas: transmitir a sua mensagem, orientar o público, definir a agenda, criar narrativas favoráveis a si e o contrário relativo aos seus oponentes.

Contudo, é cada vez mais difícil “separar o trigo do joio” e perceber o que é política e o que é mediatismo, e o que é verdade ou não. O impacto deste problema ficou comprovado no caso das eleições presidenciais norte-americanas de 2016, em que a Cambridge Analytica usou

---

<sup>117</sup> Canavilhas, "A Comunicação Política na Era da Internet,"

<sup>118</sup> O conceito define a prática de publicidade construída e orientada para influenciar as escolhas dos indivíduos. Fá-lo, analisando os dados e comportamentos dos mesmos e criando mensagens personalizadas. "Microtargeting." Information Commissioner's Office, acedido setembro 25, 2022. <https://ico.org.uk/your-data-matters/be-data-aware/social-media-privacy-settings/microtargeting/>

dados e criou mensagens específicas para denegrir os concorrentes. Apesar de não se conseguir quantificar em concreto quantos votos alterou, a intervenção abusiva teve uma influência bastante significativa na criação e promoção da narrativa vencedora.

O caso ilustrou o real poder da comunicação na política e foi uma chamada de atenção para o perigo do uso abusivo de dados pessoais e da manipulação da opinião pública. Colocou em causa valores democráticos essenciais como o direito à privacidade, a necessidade do consentimento, mas também a tomada de decisão consciente de forma livre.

Este novo contexto comunicacional traz uma dificuldade acrescida: se por um lado oferece um espaço aberto a todos, sejam agentes, estados, apoiantes, militantes e figuras influentes, ou *opinion-makers*, também significa que dá espaço a mecanismos de manipulação, como *spindoctors*<sup>119</sup>, *bots*, *fake-news*, “campanhas negras”<sup>120</sup>, ou até a segmentação das mensagens e o uso de dados pessoais para construir mensagens “personalizadas” que não sejam rejeitadas pelo leitor, ou o *microtargetting*. A maneira de os eliminar permanentemente seria escrutinar e aprovar antecipadamente todos os conteúdos, mas ao fazê-lo estaríamos a subordinar a comunicação e conseqüentemente a verdade e a informação à vontade de um agente.

Ou seja, é suposto que a comunicação política seja aberta, visto que forma a ponte e medeia o público e os regimes/governos. Assim, os agentes comunicam, e produzem diferentes narrativas e conteúdos que nem sempre corresponderão à realidade. Tentarão manipular e fazer a sua narrativa vingar. Mas para manter a legitimidade e a comunicação não passar a ser um monólogo não se pode ultrapassar a barreira da Liberdade de decisão.

---

<sup>119</sup> “...verdadeiros criadores de imagens que utilizam todas as estratégias e dispositivos ao seu dispor com o intuito de favorecerem o político para quem trabalham.” Canavilhas, “A Comunicação Política na Era da Internet,” 4.

<sup>120</sup> “...que correspondem a estratégias de comunicação desenhadas para denegrir os oponentes.” Figueiras, “Mediatização 2.0: a integração,” 58.

Como já explicado no capítulo sobre o poder, aquilo que difere a coerção da influência é se as escolhas do alvo são aumentadas ou reduzidas. Assim, aquilo que se procura é uma diversidade e um livre mercado de ideias. Caso contrário teremos opiniões constringidas, não influenciadas.

A linha vermelha a traçar é a diferença entre ter uma opinião influenciada, persuadida, encorajada por outros (construída com os outros) ou ter uma opinião modelada, manipulada, condicionada ou constringidas pelos outros (construída pelos outros).

### **2.1.1. O poder da palavra**

Face ao papel incomparável que desempenham na construção da opinião pública, os *media* são simultaneamente de quem os políticos mais dependem e quem mais os pode prejudicar<sup>121</sup>. É a sua capacidade de escrutínio e independência na produção jornalística que os torna tão valiosos em Democracia, pela garantia da imparcialidade, pela incorruptibilidade, pelo compromisso para com a verdade. E quando isto se prova insuficiente, o livre mercado das ideias leva a que esta prevaleça.

Há nesta nova era de comunicação política uma oportunidade para a aproximação e renovação da política. João Canavilhas<sup>122</sup> e Rita Figueiras<sup>123</sup> convergem na crença de que a comunicação é uma parte intrínseca da política, da qual esta depende, porque é o elo de ligação que medeia a política e as audiências, mas também porque é decisiva na criação da opinião pública. Daí que os novos *media* e a generalização do seu uso, não tenham desconfigurado a

---

<sup>121</sup> Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração," 48.

<sup>122</sup> Canavilhas, "A Comunicação Política na Era da Internet."

<sup>123</sup> Figueiras, "Mediatização 2.0: a integração."

comunicação política nem extirpado a sua importância. Muito pelo contrário, os objetivos base mantêm-se<sup>124</sup>, revigorados com acesso a novos meios, mais rápidos e acessíveis.

## 2.2. Gestão de Percepção e Manipulação

Propaganda e manipulação estão longe de serem conceitos novos em comunicação. Lembremo-nos da propaganda nazi, dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, ou da propaganda norte-americana com o Plano Marshall. Todas elas campanhas de larga escala com o objetivo de propagar uma mensagem positiva sobre si e/ou denegrir a do adversário. E todas impactaram significativamente a opinião pública. A primeira ao criar uma cultura de obediência e de perseguição aos inimigos do Estado; a segunda ao marcar um acontecimento histórico de um Estado renascido, cuja prestação passou a ser o *benchmark* internacional; e a última ao melhorar a imagem dos EUA junto dos aliados com redobrada confiança e simultaneamente conter o avanço do comunismo num plano geoestratégico.

---

<sup>124</sup> “Neste desenvolvimento, a política perdeu o controlo da sua visibilidade, mas a nova relação comunicativa potenciada pela web 2.0 – onde os media tradicionais deixaram de ter o monopólio da mediação no espaço público – introduziu um processo de comunicação mais complexo, e que inclui um movimento de desintermediação social, que tem permitido às instituições e atores manter variados objetivos políticos tradicionais: conduzir a sua própria visibilidade, recuperar a ligação direta com os eleitores, e observar as suas manifestações espontâneas, bem como influenciar a produção noticiosa.” Figueiras, “Mediatização 2.0: a integração,” 69.

### 2.2.1. Os donos da verdade e a Engenharia do Consenso

Noam Chomsky, referência na definição de manipulação contemporânea para efeitos políticos, compreende a sociedade como estando dividida entre os *opinion-makers*, uma classe elitista que manipula a narrativa; e o rebanho, a população geral domesticada que é apenas recetora da mensagem apresentada pela primeira.<sup>125</sup> É através desta manipulação, utilizando propaganda direcionada e comunicando de forma estratégica, para moldar a opinião pública, que se chega à “engenharia do consenso”.

O medo é das armas mais poderosas que possuímos. E para o autor, são as narrativas do medo, do inimigo comum, do terror, capazes de movimentar multidões e criar consenso onde este não existe, que mais eficazmente orientam o rebanho. Contudo, se o sucesso da manipulação da opinião pública assenta na premissa de que a maior parte da sociedade tem de ser apática, desinteressada, desorganizada e “burra”, um desvio desta base poderá significar uma maior dificuldade em moldar opiniões.

Apesar de ser uma teoria que simplifica o problema, argumenta que a política se movimenta em torno de mensagens e narrativas, e que a opinião pública é criada com o auxílio dessas mesmas imagens. Para o autor, o último objetivo político é a manipulação política, ou seja “...controlar a mente da população.”<sup>126</sup>

Neste paradigma, a propaganda é cada vez mais necessária porque nos estados democráticos é preciso que a orientação seja velada, e não violenta, para que segundo Noam Chomsky, se mantenha a “ilusão da democracia” e para que o “rebanho” seja ludibriado a pensar que tem algum poder e que as suas escolhas são “suas”.<sup>127</sup> O autor afirma:

---

<sup>125</sup> “Conduziremos as massas ignorantes para um mundo que elas são estúpidas demais para compreender sozinhas”. Chomsky, *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*, 8.

<sup>126</sup> *Ibidem*, 11.

<sup>127</sup> *Ibidem*

“É necessário, também, falsificar completamente a história. Essa é outra maneira de superar as tais restrições doentias: passar a impressão de que quando atacamos e destruímos alguém, na verdade estamos nos protegendo e nos defendendo de agressores e monstros perigosos, e assim por diante.”<sup>128</sup>

Utiliza-se o *spinning* para reverter a verdade e falsificar a narrativa, tomando por certo o que é errado e vice-versa, como acontece no livro *1984* de George Orwell, em que Guerra era Paz.<sup>129</sup> Para exemplificar, Noam Chomsky conta-nos como os empresários conseguiram sabotar a greve na Steel, em 1937, ao fazerem “*spin*” à narrativa dos sindicalistas, transformando-os de vítimas em agressores:

“O plano era imaginar formas de colocar a população contra os grevistas, apresentando-os como desordeiros, nocivos à população e contrários ao interesse geral. O interesse geral é o ‘nosso’, o do homem de negócios, do trabalhador, da dona de casa. Todos esses somos ‘nós’. Nós queremos ficar juntos e partilhar de coisas como harmonia e americanismo, e também trabalhar juntos. Aí vêm esses grevistas malvados e desordeiros, criando confusão, quebrando a harmonia e profanando o americanismo. Precisamos detê-los para que todos possamos viver juntos.”<sup>130</sup>

Segundo o autor a verdade é sempre adulterada: “...qualquer que seja a situação, a imagem do mundo que é apresentada à população tem apenas uma pálida relação com a realidade.”<sup>131</sup> Por exemplo: costuma falar-se do nazismo como a pior calamidade e crime contra a humanidade. Mas será que isso corresponde à realidade? Ou é a narrativa que vigora? Os números de mortos provocados pela guerra civil chinesa e conseqüente regime ultrapassam largamente os números de mortos pelos nazis. Da mesma forma, os números de mortos em gulags e resultantes das políticas de emaciamento soviéticas ultrapassam os números de mortos do Holocausto.<sup>132</sup> Ainda assim é Auschwitz que nos surge no pensamento e não a China.

---

<sup>128</sup> Chomsky, *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*, 17.

<sup>129</sup> George Orwell, *Nineteen eighty-four* (New York: Alfred A. Knopf, 1992)

<sup>130</sup> Chomsky, *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*, 12.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 17.

<sup>132</sup> Estima-se que o regime de Mao Zedong tenha provocado cerca de 80 milhões de mortes, enquanto se atribuem cerca de 12 milhões de mortes em campos de concentração e 30 milhões de mortes derivadas da 2ª Guerra Mundial a Adolf Hitler, e entre 30 a 40 milhões de mortes a Joseph Stalin. Valerie Strauss e Daniel Southerl. "How Many Died? New Evidence Suggests Far Higher Number for the Victims of Mao Zedong's Era." *The Washington Post*, julho 17, 1994, acessado setembro 25, 2022.

Taiwan é outro exemplo do sucesso da propaganda e *spinning*: apesar de no pós-guerra civil ter mantido o seu estatuto internacional enquanto “A” China e o lugar no Conselho de Segurança das Nações Unidas, hoje é apenas um Estado dissidente, uma pequena ilha que são raros os que reconhecem enquanto Estado independente e que para a opinião geral é parte d’“A” China.

Aplicando estes ensinamentos à realidade atual, a guerra Ucraniana-Russa que teve início em fevereiro de 2022, pode ser noticiada de duas formas: “Rússia invade território ucraniano” ou “Rússia defende territórios que declararam independência.” São duas perspectivas completamente diferentes que transmitem uma percepção distinta. A primeira apresenta a Rússia como agressor, ao passo que a segunda a pinta como salvador.

Importa aqui recordar a controversa afirmação de Pierre Bourdieu de que a “opinião pública não existe”. Na sua visão:

“há, por um lado, opinião mobilizada, opinião formulada, grupos de pressão mobilizados em torno de um sistema de interesses; e, por outro, certas inclinações, opiniões num estado implícito que, por definição, não são realmente opiniões, se por opinião entendemos um discurso formulado com a pretensão de coerência.”<sup>133</sup>

Ou seja, a opinião pública é construída por forças que lutam entre si pela vitória.

---

<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1994/07/17/how-many-died-new-evidence-suggests-far-higher-numbers-for-the-victims-of-mao-zedongs-era/01044df5-03dd-49f4-a453-a033c5287bce/>

<sup>133</sup> “...there is, on the one hand, mobilized opinion, formulated opinion, pressure groups mobilized around a system of interests; and on the other, certain inclinations, opinions in an implicit state which, by definition are not really opinions, if by opinion we mean a formulated discourse with a pretention to coherence. Pierre Bourdieu, *Public Opinion does not Exist*, 129.

## 2.2.2. Formação de Imagem e Gestão de Percepção: Verdade ou Mentira?

Semelhante ao que os *spin-doctors* fazem pelos políticos, a gestão de percepção usada em contexto internacional vai um passo mais longe. A CIA explica que:

“Percepção, o processo de criação de imagens do mundo pode ser entendido como envolvendo dois subprocessos. Os dados sensoriais são primeiramente adquiridos, depois organizados e analisados para formar uma imagem coerente e compreensiva. Como tal, uma percepção errada do mundo pode surgir tanto de dados errados, como de um processamento errado de dados corretos.<sup>134</sup>

Ou seja, a gestão de percepção não trabalha necessariamente com mentiras ou com informação errada.

A maioria das imagens construídas baseiam-se em verdades concretas, ou pelo menos contêm um fundo de verdade, como tal é a forma como são organizadas e apresentadas ao público-alvo que faz a diferença na interpretação e imagem gerada. A gestão de percepção “...vai para além de mera tentativa de enganar o adversário através da transmissão de falsas intenções; ele envolve as tarefas mais sofisticadas de manipular diretamente uma percepção da realidade...”<sup>135</sup> **Assim, conclui-se que a gestão de percepções trabalha sobre construções da realidade.**

O agente gere a percepção deixando migalhas de informação, correta, incorreta ou um pouco de ambas, estrategicamente colocadas para que o alvo siga o caminho desejado e chegue à conclusão pretendida. E esta pode ser tanto uma imagem mais positiva de si, como uma imagem mais negativa dos seus inimigos. Pode basear-se na apresentação de uma situação ou pelo condicionamento dos objetivos, para que correspondam aos do gestor de percepção.

---

<sup>134</sup> “*Perception, the process of forming images of the world, can be thought of as involving two sub-processes. Sensory data is first acquired, then [it is] organized and analyzed to form a coherent, comprehensive picture. Thus misperception of the world can arise either from incorrect data, or from malprocessing of correct data.*” Callamari e Reveron. “China’s Use of Perception Management,” 2.

<sup>135</sup> “...goes beyond mere attempts to outwit the opponent by conveying false intentions; it involves the more sophisticated tasks of directly manipulating a perception of reality...” *Ibidem*, 5.

Esta tática vai mais longe do que o *spinning*, que a decepção, a desinformação ou a mentira, porque penetra profundamente no campo do adversário, é velada e baseia-se na realidade, tornando-se mais difícil de detetar. É um processo moroso de manipulação política onde o alvo participa inconscientemente, ao chegar às conclusões pretendidas sozinho (ou pelo menos aparentemente para si, pois desconhece que foi alvo de manipulação).

Mas e porque o alvo é tão importante neste caso, é preciso compreendê-lo cabalmente, os seus desejos, crenças, pontos de referência, cultura e psicologia, para que se possa antever as suas reações e percepções, e perceber como podem afetar a sua tomada de decisão.

Primeiramente, o gestor de percepção almeja modificar a imagem que o alvo tem de si, levando a uma alteração da sua resposta/ação, e para o fazer irá delinear uma estratégia com um fundo de verdade, passando por 4 passos:

“... (1) chamar a atenção do alvo; (2) apresentar informação relevante para manter a sua atenção; (3) apresentar a informação de forma consistente com a memória ou experiência do alvo; e (4) repetidamente comunicar a informação para manter a coerência, e evitar que o alvo descubra a conspiração.”<sup>136</sup>

Derek Reveron e Peter Callamari, autores do *paper China's Use of Perception Management*<sup>137</sup>, alertam para os 6 princípios a observar na gestão de percepção: o primeiro passa pelo “*McGruder's Principle*” segundo o qual é mais fácil e credível manipular uma crença pré-existente do que tentar invertê-la com mentiras. O segundo prende-se com o condicionamento, o qual é feito pela apresentação de dados a “conta-gotas”, pois o alvo irá mais facilmente desconfiar de informação “apresentada de bandeja”. O terceiro é a necessidade de se basear o

---

<sup>136</sup> “(1) getting the target's attention; (2) presenting relevant information to hold the target's attention; (3) portraying the information in a way consistent with the target's memory or experiences; and (4) repeatedly communicating the information in order to remain congruent, and avoiding the ploy from being discovered by the target.” Callamari e Reveron, “China's Use of Perception Management.”, 3.

<sup>137</sup> *Ibidem*

mais possível na verdade, dando credibilidade à narrativa. A utilização de mecanismos de *feedback* para poder redesenhar a estratégia mediante a resposta do alvo é o quarto princípio.

Em quinto lugar deve-se estar duplamente atento a quaisquer alterações subtis (“The Monkey’s Paw”) ou efeitos negativos.<sup>138</sup> O último princípio prende-se com a gestão geral do projeto de gestão de percepção, ou seja, com o seu planeamento, desenvolvimento, e cronologia.

Importa ainda perceber que mesmo que se “desmascare” a narrativa apresentada, será mais custoso “vender” essa história do que a imagem já plantada, porque a dúvida já está instalada.

Reiteramos assim a conclusão de que a chave da gestão da percepção é uma mistura cirúrgica de tempo e verdade. A apresentação estratégica de verdades no tempo certo e com o enquadramento correto condiciona a imagem que os alvos irão produzir. Possuir a informação correta não significa que a imagem passada corresponda à realidade. Se nos derem as peças de um puzzle e o montarmos de forma incorreta, as peças eram as corretas, mas a imagem não vai corresponder à verdadeira.

No *case-study* apresentado por Derek Reveron e Peter Callamari a China conseguiu manipular a história da colisão entre um jato F-8 chinês e um avião de reconhecimento EP-3E Aries da marinha norte-americana, garantindo que os EUA saíssem como os agressores enfraquecidos, obrigados a pedir desculpa. Conseguiram-no porque contiveram o incidente inicialmente, garantindo o controlo da narrativa oficial, e foram plantando dados estratégicos ao longo do tempo, baseados na verdade, mas capitalizando em preconceitos internacionais sobre os EUA. A China reverteu o acidente a seu favor, promovendo a narrativa de que os EUA são uma potência hegemónica e imperialista, que tinha passado os limites da soberania chinesa.

---

<sup>138</sup> Callamari e Reveron, "China's Use of Perception Management.",3-4.

Sendo a comunicação o campo da gestão da percepção, os meios de comunicação são os seus principais condutores, e como tal, são as sociedades abertas com *media* independentes os alvos mais suscetíveis a estas práticas. Como os autores alertam: “Estados não-democráticos tendem a ter uma tática militar defensiva, mas uma abordagem politicamente ofensiva; e a gestão de percepção é usada no ambiente político.”<sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> “*Nondemocratic states tend to have a defensive approach militarily, but an offensive approach politically; and perception management is used in the political environment.*” Callamari e Reveron, “China’s Use of Perception Management.”, 12.

### 3. República Popular da China

#### 3.1. Uma breve história

Hoje conhecida por nação revanchista, o Reino do Meio outrora foi a civilização mais avançada do mundo. Pioneira na invenção do papel, era a nação desconhecida e inalcançável. Uma manta de retalhos de culturas, línguas, etnias, unida sob um único lema: a China.

Mais que um Estado-nação, é um Estado-civilização, com uma existência remota e etérea. Após séculos de invasões repelidas, conheceu a derrota face ao poderio das potências ocidentais, com o fracasso das guerras do ópio, tendo ditado o fim da dinastia imperial, culminando com a ocupação japonesa: o conhecido “século da humilhação”. No “*sick man of Asia*”<sup>140</sup>, o vazio de poder levou à guerra civil entre nacionalistas e comunistas, tendo os últimos prevalecido sob a longa marcha.

Os nacionalistas, membros do Kuomintang refugiaram-se na ilha chinesa “Formosa”, agora Taiwan. Até 1971 considerada a “verdadeira china”, perdeu a soberania quando a *mainland* foi reconhecida pela comunidade internacional e lhe tomou o lugar no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Já sob o regime do Partido Comunista Chinês (PCC), a China passou por fases de desenvolvimento, cada uma caracterizada pelos seus líderes. O primeiro, Mao Tsé-Tung, deu vida à revolução vermelha, quebrando com o ocidente e com meio mundo. Destruiu para reconstruir uma nova China.

Deng Xiaoping que lhe seguiu, trouxe as políticas mais inovadoras e fez a cisão entre o comunismo e o puritanismo de Mao Tsé-Tung, contrapondo-o com o desenvolvimento

---

<sup>140</sup> Jonathan Fenby, *The Penguin History of Modern China* (Reino Unido: Penguin Books, 2019)

económico, com a reconciliação com o ocidente, e com a reunificação da sociedade. Foi no seu tempo que quebrando com os moldes rígidos do comunismo, pela primeira vez se desagregou “pobreza” de “comunismo”, dando a origem ao conceito de “*communism with chineses characteristics*.” Sob a sua égide, a China seguia o moto “*hide your ambitions and disguise your claws*”.<sup>141</sup>

Os dois líderes que lhe precederam, Jiang Zemin e Hu Jintao, acompanharam a transição do milénio, e trouxeram um período de crescimento, de consolidação dos objetivos alcançados e estabilidade económica.<sup>142</sup> Jiang Zemin destacou-se por ter garantido os recursos necessários para a ascensão. E Hu Jintao deu os primeiros grandes passos na influência externa, através do apoio e ajuda a outros países. Até que em 2012, Xi Jinping, lhe tomou o lugar e em 2013, tornou-se oficialmente Presidente da RPC, tomando uma posição de dianteira na cena internacional. (ver anexo 1)

Passadas as provas do século XIX, a China de hoje já não procura uma existência pacífica ou desenvolvimento contido. Restituir o respeito do tempo imperial, retomar o seu lugar na Ásia e no mundo, e reescrever as regras à sua imagem são estes os seus objetivos.

Construída sob os ensinamentos de Confúcio, tem uma filosofia própria, onde a ordem é essencial. Na hierarquia dos valores, o todo sobrepõe-se à parte, e a sobrevivência e evolução da civilização sobrepõe-se à vontade individual. Para olhos ocidentais, habituados à lente do individualismo e Liberdade individual, pode parecer que existe uma inversão de valores, ou até mesmo um corromper dos mesmos.<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Maj General Rajiv Narayanan, "Strategic Continuum of China's Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC." USI Occasional Paper, *Centre for Strategic Studies and Simulation* (CS3), Nº 1 (2018), 1.

<sup>142</sup> Kissinger, *On China*

<sup>143</sup> Vaz-Pinto, *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen*

Contudo, este é enquadramento moral que rege a China. Daí que questões como os direitos humanos, onde se inclui a Liberdade de expressão e crítica, sejam vistos não pelo prisma de um direito, mas de o dever que cada um tem para com a RPC.

Também a sua cultura estratégica se distingue da ocidental porque desde a sua fundação é focada não só em elementos físicos e recursos materiais, mas na superioridade psicológica, o supremo domínio. Ilustrada mais manifestamente por Sun Tzu, em a *Arte da Guerra*<sup>144</sup>.

O *wei-qi*, popular na China, joga-se fazendo uso desta mentalidade: cerca-se o adversário, esgotando o seu potencial estratégico. Esta tática, enraizada na história da estratégia político-militar da China toma o nome de “*strategic encirclement*”, e é usada até aos dias de hoje,<sup>145</sup> no continente asiático.<sup>146</sup>

A China de hoje apresenta-se confiante e decidida em reerguer a glória de outrora. Mais do que “aceitação” por parte do ocidente, procura ser reconhecida como uma potência a respeitar. Para consolidar a sua posição tem investido em várias práticas de “encanto”, desde apoio financeiro, investimento, à promoção da cultura a nível internacional, até práticas que entram no campo do *sharp power*. Entre as primeiras podemos incluir programas de intercâmbio estudantil, projetos financeiros e iniciativas como o Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (Macau). Curiosamente todas as anteriores podem também ser incluídas no segundo grupo, pois quando passam o limite da Liberdade e da coerção também elas constituem *sharp power*.

Graças a estes esforços hoje o Consenso de Washington tem sido rivalizado pelo Consenso de Pequim. O primeiro caracteriza-se pela influência internacional do sistema demoliberal, do sistema capitalista e dos morais que o líder do mundo livre representa – EUA.

---

<sup>144</sup> Sun Tzu, *Arte da Guerra*, trad. por Cristina Carvalho (Lisboa: Clássica Editora, 2012)

<sup>145</sup> Kissinger, *On China*, 24-32.

<sup>146</sup> Narayanan, "Strategic Continuum of China's Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC.", 6.

Já o segundo é a exportação do sistema chinês, por um lado autoritário e repressivo, por outro lado, pautado pelo progresso económico. Este é um sistema que tem ganho tração junto de estados autoritários.

Especialmente porque a China o apresenta como um plano sem condicionantes. O Consenso de Pequim desconstrói a ideia de que apenas a Democracia traz prosperidade, e dá aos estados autoritários uma alternativa em que mantêm o poder, sem reservas. Contudo, e recordando-nos de que “não há almoços grátis”<sup>147</sup> pertencer ao sistema chinês não vem sem os seus custos.

No caso do mundo liberal, é promovida e encorajada a adesão à Democracia, e muitas vezes o auxílio e cooperação depende da medida em que os valores dos estados se alinham com o demoliberalismo. Na esfera de influência chinesa o auxílio é prestado, mas quem não cumpre as metas impostas, corre o risco de ficar refém ou ver parte dos seus bens confiscados, como aconteceu com o porto de Hambantota e o aeroporto internacional da Zâmbia.

Por exemplo, o porto de Mombaça, o maior porto do Quênia, foi construído com ajuda do Banco de Exportações e Importações da China, e face a problemas de pagamento do empréstimo concedido para a construção de uma linha férrea no país tem levantado questões sobre uma possível penhora em prol da China. Um caso que não vem isolado: “No final de 2017, o Governo do Sri Lanka, ao não cumprir com as obrigações com a China, cedeu o porto de Hambantota para o Executivo chinês por um período de 99 anos”<sup>148</sup> e a Zâmbia cedeu “o seu aeroporto internacional à China.”<sup>149</sup>

---

<sup>147</sup> Expressão económica

<sup>148</sup> Lusa, "Dívida queniana pode levar China a penhorar maior porto do país." *Diário de Notícias*, dezembro 19, 2018, acessado setembro 11, 2022.

<https://www.dn.pt/lusa/divida-queniana-pode-levar-china-a-penhorar-maior-porto-do-pais-10344497.html>

<sup>149</sup> Lusa, "Dívida queniana pode levar China a penhorar maior porto do país." *Diário de Notícias*.

Por um lado, o sistema democrático preocupa-se com a exportação do regime e dos valores que representa. A RPC preocupa-se com a expansão do poder e de características que lhe garantam hegemonia incontestada.

### 3.1.1. Política e Sociedade

Com 1,41 mil milhões de habitantes<sup>150</sup>, 70% dos quais população ativa, com pelo menos 56 etnias identificadas<sup>151</sup>, 9 fés/religiões<sup>152</sup>, com cerca de mais 200 idiomas, a China é uma manta de retalhos cosidos e mantidos sob uma única vontade e narrativa comum. Com 9,424,702.9 km<sup>2</sup> de extensão de terra,<sup>153</sup> é o terceiro maior Estado no mundo (ultrapassado apenas pela Federação Russa e pelo Canadá) onde as desigualdades – pobreza *versus* riqueza, urbanização no litoral *versus* deserto e desertificação no interior, industrialização *versus* manufatura, desenvolvimento *versus* tradição, comunismo *versus* capitalismo, rigidez *versus* criatividade – proliferam.

Um Estado de antagonismos, de impossibilidades e improbabilidades.

Como é próprio de um sistema político totalitário, na China confunde-se o partido com o Estado, conforme ilustrado no anexo 6, ocupando este toda a vida política do país. Daí que o líder do Estado seja simultaneamente o Secretário-Geral do Partido. O Partido Comunista da

---

<sup>150</sup> Número de habitantes, % de população ativa e kms de território referentes ao ano de 2020. “Data » China.” The World Bank, acedido junho 20, 2022.

[https://data.worldbank.org/country/china?most\\_recent\\_value\\_desc=true](https://data.worldbank.org/country/china?most_recent_value_desc=true)

<sup>151</sup> “National Minorities Policy and Its Practice in China”. Permanent Mission of the People's Republic of China to the United Nations Office at the Geneva and other Internacional Organizations in Switzerland, setembro 1999, acedido junho 20, 2022. <https://www.mfa.gov.cn/ce/cegv/eng/bjzl/t176942.htm>

<sup>152</sup> Eleanor Albert e Lindsay Maizland. “Religion in China” Council on Foreign Relations, setembro 25, 2020, acedido junho 20, 2022.

<https://www.cfr.org/background/religion-china>

<sup>153</sup> Número de habitantes, % de população ativa e kms de território referentes ao ano de 2020. “Data » China.” The World Bank.

China e a República Popular da China, sendo duas figuras oficialmente diferentes, na prática misturaram-se.

Também no campo dos *media* e da informação, o PCC tem um papel muito interventivo, e como se pode observar pelo anexo 3, o *Xinhua*, os canais de televisão e rádio, bem como o mercado dos *media*, estão sob a alçada do Departamento Central de Propaganda. Um Departamento com várias valências, que refletem as preocupações chinesas, desde o Gabinete da Opinião Pública, ao Gabinete de Desenvolvimento de Notícias, Publicações, Rádio e Televisão, bem como o Gabinete Central para a Civilização Espiritual. (ver anexo 5).

Samantha Hoffman<sup>154</sup> explica-nos que socialmente, os métodos de controlo são também cada vez mais sofisticados, e hoje, graças à tecnologia de recolha de dados (Big-Data), o PCC controla os seus cidadãos através do sistema de crédito social. Recolhendo os dados sob o pretexto de antever e prevenir situações indesejadas, premeia e penaliza os cidadãos. Apesar da tecnologia estar associada às “*smart cities*” e à prevenção do crime e problemas sociais, a hipervigilância garante que os “olhos e ouvidos” do partido podem captar o que é dito e escrito, e nada impede que não se deixem ficar pela prevenção de crime.

Muito pelo contrário, o enfoque do sistema de crédito social extravasa para o controlo social e a prevenção da crítica, da livre discussão e da apresentação de alternativas políticas. Se é verdade que o sistema permite prevenir crimes sociais, pode igualmente esmagar uma revolução no seu estado mais embrionário.

Os efeitos desta ferramenta de gestão e engenharia social ultrapassam também fronteiras terrestres, alcançando tanto cidadãos estrangeiros de ascendência chinesa como empresas internacionais e até governos soberanos. Segundo Samantha Hoffman<sup>155</sup> este é o objetivo mais ignorado do sistema de crédito social: o controlo e molde da narrativa no campo internacional.

---

<sup>154</sup> Samantha Hoffman, "Social Credit." *Australian Strategic Policy Institute* - Policy Brief, Nº 6, 2-15. (2018)

<sup>155</sup> *Ibidem*

Porque funciona como uma mordação que abafa narrativas alternativas e promove a sua, e da mesma forma que condiciona a narrativa em casa, também empresas e governos estrangeiros são sujeitos a aceitar a narrativa chinesa, ou sofrer as consequências – as quais muitas vezes estão acima das suas possibilidades.<sup>156</sup> A prevalência da “verdade chinesa” é considerada uma forma de poder discursivo ou “*the right to speak*”<sup>157</sup>, conferindo-lhe estatuto no sistema internacional. Como a autora destaca:

"Moldar e influenciar a tomada de decisão é uma tática preventiva para garantir segurança estatal e o controlo do partido. O PCC lida com as ameaças "combinando tratamento com prevenção, mas concentrando-se principalmente na prevenção". **Isso não torna o resultado menos coercivo**".<sup>158</sup>

O massacre da Praça de Tiananmen selou o acordo consuetudinário entre o partido e a sociedade: em troca de prosperidade económica, sacrificariam a Liberdade política. Graças a esta situação o PCC tem gozado de uma governabilidade sem aparente oposição.

### 3.1.2. Economia

O Estado dos antagonismos é o que reúne mais brilhantemente o capitalismo com o centralismo governamental. O “comunismo com características chinesas” como nomearia Deng Xiaoping, líder do movimento que lhe deu vida, é hoje um modelo replicado um pouco por todo o mundo. Adotado por estados autoritários e democracias iliberais, o “capitalismo de estado” parece a solução perfeita para estados autoritários que procurem crescimento económico.

---

<sup>156</sup> Hoffman, "Social Credit",

<sup>157</sup> *Ibidem*, 7.

<sup>158</sup> “*Shaping and influencing decision-making is a pre-emptive tactic for ensuring state security and party control. The CCP deals with threats by “combining treatment with prevention, but primarily focusing on prevention”. That doesn’t make the outcome less coercive.*” *Ibidem*, 5.

Contra factos não há argumentos, e os números mostram que a China era já em 2020 o 2º maior poder a nível económico – com um PIB de 14,687,673.89 milhões de dólares, face ao PIB de 20,893,743.83 dos Estados Unidos da América<sup>159</sup> – apesar de todas as previsões cétricas e condicionantes que ditavam o seu insucesso. Ainda assim, o milagre do crescimento chinês tem vindo a decair em comparação com os seus valores de referência, apresentando em plena pandemia um crescimento anual de 2,2% do PIB<sup>160</sup>. Contudo, estes valores “baixos” superam os valores da maioria dos países desenvolvidos da orla ocidental.

O maior mercado do mundo tem um enorme peso não só pela sua dimensão, em número de consumidores e extensão, explodindo com oportunidades de negócio, mas também pela interdependência que foi criando ao longo dos anos. Desde a sua abertura ao ocidente e adesão à OMC, a China tem investido e feito parcerias estratégicas que aumentam a dependência de outros em relação a si.

A crise de 2008, da qual o ocidente não recuperou totalmente a nível financeiro e reputacional, exacerbou estas dependências, e deu uma oportunidade de visibilidade para o modelo alternativo que a RPC representa.

Hoje, com a *Belt and Road Initiative* a China procura aumentar a sua esfera de influência e expandir o seu alcance. Da Ásia à África tem investido largamente no desenvolvimento de infraestruturas essenciais em países em vias de desenvolvimento, os quais muitas vezes não tendo disponibilidade financeira para liquidar os empréstimos, acabam por ficar dependentes da vontade do império chinês, de acordo com os exemplos já apresentados.

---

<sup>159</sup> “GDP (current US\$) – China, United States”. The World Bank, acedido junho 18, 2022.  
[https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-US&name\\_desc=false](https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-US&name_desc=false)

<sup>160</sup> “GDP growth (annual %) - China”. The World Bank, acedido junho 18, 2022.  
<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?locations=CN>

### 3.2. Estratégia Chinesa sob Xi Jinping

Não sendo totalmente consensual, acredita-se que a ordem internacional apesar de já não ser uma hegemonia americana também não é completamente multipolar. Para autores como Henry Kissinger sistema internacional encontra-se em momento de transição.<sup>161</sup> E por enquanto, ao invés de se poder falar de uma ordem, é mais correto falar de uma desordem internacional.

Esta metamorfose lenta deve-se ao sistema internacional de interdependência que equilibra os lados das balanças do poder. Simultaneamente o Brexit; as eleições norte-americanas de 2016 e a mudança de política externa dos EUA que lhe seguiu de “America First”; a falha do sistema ocidental após 2008, e a incapacidade de recuperar a níveis pré-crise; o descrédito no sistema democrático; o crescimento do populismo; o fracasso no combate global às alterações climáticas foram os sinais que culminaram com o aparecimento da COVID-19, que apresentou um desafio ainda maior à já fraca ordem. Isto criou a oportunidade perfeita, unindo o vazio de poder no sistema internacional à fraqueza dos adversários, levando Xi Jinping a acreditar que este era o momento certo para agir.

Para trás ficaram o desenvolvimento pacífico e os objetivos contidos. Hoje a China ambiciona domínio regional e global, pretendendo refazer a ordem internacional à sua imagem. Rush Doshi argumenta em favor desta tese no seu livro *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*, como a seguinte passagem indica:

---

<sup>161</sup> "Estamos a caminhar para um mundo que se está a reordenar e que pode parecer mais ordenado em alguns períodos de tempo, mas não vejo nenhum sinal de que estamos a caminhar para uma ordem mundial de acordo com a minha definição -nomeadamente, um sistema que é aceite, que é internalizado pela maioria dos participantes chave". "We are moving towards a world that is reordering itself and that may appear more ordered at some periods of time, but I see no sign that we are moving towards a world order in my definition of it—namely, a system which is accepted, which is internalised by the majority of the key participants." Bronwen Maddox, "New world disorder: An interview with Henry Kissinger." *Prospect*, setembro 18, 2014, acedido setembro 25, 2022.  
<https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/new-world-disorder-an-interview-with-henry-kissinger>

“Estamos agora nos primeiros anos do que vem a seguir - uma China que não só procura influência regional como tantas grandes potências procuram, mas como Evan Osnos argumentou, ‘que se prepara para moldar o século XXI, tal como os Estados Unidos da América moldaram o século XX’.”<sup>162</sup>

O autor explica que através de “*strategies of displacement*” (seguido a lógica do jogo do *wei-qi*) a China está a substituir os EUA na cena internacional.

Retomando a armadilha de Tucídides, os titãs estão destinados a competir, e da mesma forma que Atenas e Esparta lutaram pelo domínio da Grécia Antiga, agora os EUA e a China estão a disputar o domínio já não só do Pacífico, mas do sistema internacional. A ascensão de um novo poder – neste caso (re)ascensão de um velho poder – que desafia o *status-quo*. Rush Doshi evidencia:

“Para estados em ascensão, o ato de substituir pacificamente o poder hegemónico consiste em duas grandes estratégias geralmente seguidas em sequência. A primeira estratégia é a de anular o exercício dessas formas de controlo do poder hegemónico, particularmente as que se estendem sobre o estado ascendente; afinal de contas, nenhum estado ascendente pode substituir o poder hegemónico se este permanecer à mercê do poder hegemónico. A segunda é construir formas de controlo sobre outros; de facto, nenhum estado ascendente pode tornar-se hegemónico se não conseguir assegurar a deferência de outros estados através de ameaças coercivas, induções consensuais, ou legitimidade legítima”.<sup>163</sup>

“A mulher de César não basta ser honesta, deve parecer honesta”<sup>164</sup>. O mesmo acontece com os estados que almejam hegemonia. Não basta ser forte, possuir recursos. Primeiro porque não existe poder se não for utilizado em relação a outro. E porque não basta ser o mais forte, tem de cultivar essa perceção junto da comunidade internacional.

---

<sup>162</sup> “...we are now in the early years of what comes next - a China that not only seeks regional influence as so many great powers do, but as Evan Osnos has argued, 'that is preparing to shape the twenty-first century, much as the U.S. shaped the twentieth'.” Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order* por Rush Doshi. (E-mail pelo Sinosism), julho 20, 2021.

<sup>163</sup> “For rising states, the act of peacefully displacing the hegemon consists of two broad strategies generally pursued in sequence. The first strategy is to blunt the hegemon's exercise of those forms of control, particularly those extended over the rising state; after all, no rising state can displace the hegemon if it remains at the hegemon's mercy. The second is to build forms of control over other; indeed, no rising state can become a hegemon if it cannot secure the deference of other states through coercive threats, consensual inducements, or rightful legitimacy.” Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*.

<sup>164</sup> Expressão atribuída ao imperador romano Júlio César.

A China de hoje não é a mesma de Deng Xiaoping, o tempo de se conter e esperar já passou. Começou por implementar estas estratégias ao “expulsar” os EUA da Ásia, seguido da construção da sua própria ordem regional, das quais são exemplo as disputas regionais, nas quais a China se recusa a responder perante os mecanismos internacionais, permanece impune e a sua vontade vigora.

Como Rush Doshi explica um Estado que não consegue manter a sua “casa em ordem”, nem controlar o “seu quintal”, não tem poder:

"Até que uma potência em ascensão tenha conduzido com sucesso um bom grau de destruição e construção na sua região de origem, permanece demasiado vulnerável à influência do hegemónico para se voltar com confiança para uma terceira estratégia, a expansão global, que visa tanto a destruição como a construção a nível global para afastar o hegemónico da liderança internacional."<sup>165</sup>

Pelo que para se aclamar de potência internacional há que em primeiro lugar, ser uma potência regional incontestável. Chegados à última fase, o objetivo atual passa pela substituição dos EUA no domínio internacional.

A história do sistema internacional foi marcada por oscilações e até substituições nos equilíbrios de poder que o organizam, pelo que podemos questionar qual seria o “problema” de uma ordem chinesa agora tomar o lugar. A nível global uma “*World Order with Chinese characteristics*”<sup>166</sup> implicaria o domínio não só das instituições, refazendo-as à maneira chinesa, como também o controlo da influência psicológica. Nas palavras de Elizabeth Economy:

“Como sublinha o comportamento da China ao longo do curso da pandemia, esta visão representa uma ameaça a uma série de normas que estão na base da ordem atual, incluindo a

---

<sup>165</sup> “... until a rising power has successfully conducted a good degree of blunting and building in its home region, it remains too vulnerable to the hegemon's influence to confidently turn to a third strategy, global expansion, which pursues both blunting and building at the global level to displace the hegemon from international leadership.” Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*.

<sup>166</sup> Narayanan, "Strategic Continuum of China's Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC.", 1.

Liberdade de navegação e de sobrevoo, o livre comércio, as sociedades abertas, e o Estado de direito, bem como às instituições internacionais que encarnam estas normas. Xi procura criar o que tem caracterizado como "uma comunidade de destino partilhado para a humanidade" - uma ordem baseada em regras em que as normas e valores dos países autoritários e os dos sistemas democráticos coexistem e são protegidos igualmente."<sup>167</sup>

Este argumento de que a China pretende alterar a ordem vigente é também defendida no Prefácio do livro "O Poder Autoritário"<sup>168</sup>. "Este reavivado sentido do destino é uma força avassaladora... A China quer ser a China e ser aceite como tal, não como um membro honorário do Ocidente".<sup>169</sup> A RPC está a reclamar o lugar que acredita ser seu por direito, história e poder.

Mas a estratégia de Xi Jinping, apesar de diferir das abordagens anteriores, vem no seguimento de um "*strategic continuum*"<sup>170</sup>, que remonta ao tempo de Mao Tsé-Tung. O Sonho da China, objetivo estratégico de hoje, não é um desejo seu, mas da China enquanto identidade e nação. E a agressividade e assertividade da estratégia de Xi Jinping, que já não se pauta pelo "desenvolvimento pacífico", mas por uma liderança em expansão, só é possível graças aos esforços dos que o precederam. (ver anexo 1)

A Iniciativa *Belt and Road* é o retomar da Rota da Seda, e uma forma de reclamar soberania estratégica e influenciar zonas de importância geopolítica para a China.

Em setembro de 2020, quase um ano após o aparecimento da COVID-19, Brian Wong identificava dois traços de destaque na estratégia chinesa: "*charm offensive*" e "*wolf warrior*

---

<sup>167</sup> "As China's behavior over the course of the pandemic underscores, this vision poses a threat to a number of norms underpinning the current order, including freedom of navigation and overflight, free trade, open societies, and the rule of law, as well as to the international institutions embodying these norms. Xi seeks to create what he has characterized as "a community of shared destiny for mankind"—a rules-based order in which the norms and values of authoritarian countries and those of democratic systems coexist and are protected equally." Economy, "The United States, China, and the Great Values Game," 370.

<sup>168</sup> Owen IV, "Prefácio", 7.

<sup>169</sup> "This reawakened sense of destiny is an overpowering force... China wants to be China and accepted as such, not as an honorary member of the West." Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*.

<sup>170</sup> Narayanan, "Strategic Continuum of China's Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC.", 1.

*diplomacy*”, combinando a propaganda para criar uma imagem positiva com uma modalidade mais agressiva de diplomacia.<sup>171</sup> Por um lado, a cenoura, por outro o pau.

E porque é importante para a China o estabelecimento de uma ordem à sua imagem? É que em Relações Internacionais, na ausência de regras e moral, estas são impostas pelo “mais forte”. Atualmente, o sistema que ainda vigora, mas que passo a passo degenera, ainda reflete os valores dos EUA e do mundo livre, da primazia da Democracia liberal, do indivíduo, da Liberdade, do capitalismo, e das instituições internacionais, mas também do multilateralismo e da segurança coletiva. Valores esses que como John M. Owen IV afirmava não servem os interesses chineses, e para a China necessitam de revisão.<sup>172</sup>

Friedrich Hayek afirmava que **“A importância da liberdade deve-se ao facto de não sabermos como os indivíduos a utilizarão.”**<sup>173</sup> Ou seja, que a utilidade da liberdade se prende com a sua incerteza, com a impossibilidade de prever todas as decisões e ações que os indivíduos tomarão em liberdade.

A mesma faceta da Liberdade que a torna tão bela para os ocidentais é o que a China mais teme: a sua volatilidade. Imprevisível, incontável, é uma bomba-relógio para uma civilização unida sob um Estado autoritário, autocrático e repressivo, com uma cultura que valoriza a harmonia sobre o caos, o controlo, a ordem, o dever e o respeito sobre a vontade, os desejos e a desordem, o todo sobre o indivíduo, a nação sobre a Liberdade.

Estes ideais dificilmente se coadunam no mundo harmonioso que a China almeja. Para um Estado autoritário, e repressivo, a Liberdade representa caos, instabilidade e até perigo. Pois Liberdade pode ser várias coisas, mas não é sinónimo de ordem estatal. É uma harmonia

---

<sup>171</sup> Brian Wong, "China's Two Pronged Diplomacy." *The Diplomat*, setembro 12, 2020, acessado 31 julho, 2022. <https://thediplomat.com/2020/09/chinas-two-pronged-diplomacy/>

<sup>172</sup> Owen IV, "Prefácio", 7.

<sup>173</sup> Friedrich Hayek, *A Constituição da Liberdade*, trad. por Pedro Elói Duarte (Lisboa: EDIÇÕES 70, 2018), 59.

descontrolada. Da mesma forma que a Democracia não é compatível com o modelo estatal chinês, também a Liberdade é incompatível com a ordem que a China pretende estabelecer.

No jogo internacional, o mais forte faz as regras, o poder dita a moral, ou seja, face à inexistência de um “governo” que legisle e faça cumprir as regras, é o mais forte, ou os mais fortes que organizam o sistema internacional à sua imagem. Assim, as regras e valores de base do sistema internacional serão reflexo daqueles que o compõem.

Pelo que se entende que para um Estado que procura emergir e expandir, seja necessário impor as suas próprias regras pois as que existem não servem os seus propósitos. É isto que se sucede no caso da China. Entra em choque com o sistema atual pois as regras foram definidas com lentes ocidentais, e em certos aspetos isto prejudica a China: por exemplo em matéria de direitos humanos ou nas questões territoriais no Mar do Sul da China.

“A RPC está a procurar mudança na ordem internacional.”<sup>174</sup> Mais que um querer, a pretensão de reconfigurar o sistema é uma necessidade/consequência natural de um Estado-civilização que sente que está a cumprir o seu destino e a retomar um lugar que é seu por direito. Tal como já citado, segundo Rush Doshi a China não quer ser um “membro honorário do cidente”.<sup>175</sup>

Sob o regime de Xi Jinping a estratégia de comunicação global chinesa: “visa influenciar as perceções internacionais sobre a China, moldar os debates internacionais sobre o governo chinês e reforçar a gestão sobre a esfera pública em língua chinesa na China, bem como a nível global.”<sup>176</sup>

---

<sup>174</sup> “The PRC is seeking change in the international order.” Anne-Marie Brady. “China in Xi’s “New Era” - New Zealand and the CCP’s “Magic Weapons”, 68.

<https://www.journalofdemocracy.org/articles/china-in-xis-new-era-new-zealand-and-the-ccps-magic-weapons/>

<sup>175</sup> “... honorary member of the West.” Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order*.

<sup>176</sup> “...aims to influence international perceptions about China, shape international debates about the Chinese government and strengthen management over the Chinese-language public sphere in China, as well as globally.” Brady, “Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping,” 9.

A aposta chinesa na expansão da influência internacional não pertence a Xi Jinping, pelo contrário, foi encetada muito antes. Mas é sob o seu governo, graças à posição estratégica chinesa, à experiência interna de censura e propaganda, e à explosão de tecnologia disponível, que esta toma um maior papel.

Mais do que uma escolha, é uma necessidade que alimenta os seus objetivos: a promoção do modelo chinês, o Consenso de Pequim, “da história chinesa correta”, do bloco estratégico económico, o avanço da sua agenda a nível internacional, afunilando para o objetivo final do estabelecimento de uma ordem sinocentrica.

Hoje, a China reergue-se sob o Sonho Chinês e a pretensão de um Mundo Harmonioso – uma vontade que unifica a nação, que vai além do individualismo e do egoísmo. É um sonho coletivo para o qual contribuem milhões de pessoas.

É sobre este objetivo superior de ordem e harmonia que se orienta o edifício estratégico da China, tal como Alexandre Carriço nos apresenta no anexo 2. Numa lógica quase que platónica, a harmonia e “felicidade” caracteriza-se por uma ordem, segurança e paz de cada um ocupar o seu lugar predestinado, e numa lógica mais comunista e também chinesa, contribuir com o seu sacrifício para a sua nação. Alexandre Carriço<sup>177</sup> explica a mundivisão da RPC segundo uma perspetiva tendencialmente realista, construtiva e pragmática, pacífica, mas não pacifista, ou seja, preferindo “quebrar a resistência do inimigo sem ter de traçar armas.”<sup>178</sup>, mas não o evitando se considerar os seus interesses ameaçados.

A China compreende-se enquanto civilização, não como Estado-Nação. E confere a si própria – a sua autoperceção – enquanto superior, um argumento sustentado pelas invenções com as quais contribuiu para o avanço da humanidade. Recordando a lógica aristotélica segundo a qual existia uma escravatura natural, os mais aptos para governar – superiores – tinham a

---

<sup>177</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*

<sup>178</sup> Tzu, *Arte da Guerra*, 47.

obrigação de governar os menos aptos – inferiores – numa lógica de escravidão benevolente.<sup>179</sup> Também a China crê que a sua superioridade lhe confere um dever de orientação da ordem internacional.<sup>180</sup>

A China entende o poder de forma realista e calcula o poder segundo o método do Poder Nacional Abrangente. Tem optado por uma estratégia de *shi* sobre a estratégia de *li*, ou seja, procurando vencer guerras sem as travar, erodindo o *shi* do inimigo, sem recurso a meios militares, usando meios imateriais. Contudo, e porque não é uma potência pacifista, a estratégia do *li* enfraquece a primeira, pois foca-se nos meios materiais, físicos e bélicos, em resultados imediatos.

É o desequilíbrio e má gestão do emprego destas duas estratégias que acaba por explicar a fraqueza do *soft power* chinês.

### 3.3. *Soft Power com Características Chinesas*

#### 3.3.1. **Uma questão de interpretação**

Nos anos 70, Deng Xiaoping transformou o comunismo à imagem chinesa, reemergindo sob o nome de “*communism with chinese characteristics*”. Mais tarde a China viria a dar o seu cunho ao conceito de “*soft power*”, agora “*soft power with chinese characteristics*”.

Ao associar o conceito de *soft power* com “características chinesas”, a China já nos diz que está a fazer a sua própria interpretação do termo. Ao fazê-lo impermeabiliza-se contra acusações de que as suas práticas são *sharp power*. Contudo, como a autora Anne-Marie

---

<sup>179</sup> Aristóteles, *Política*, ed. bilingue trad. port. António Campelo Amaral e Carlos Gomes (Vega, 1998).

<sup>180</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*, 99-100.

Brady<sup>181</sup> explica, independentemente dos conceitos que sejam usados para o nomear, “interferência externa”, “guerra de informação”, “*soft power*” ou “*charm offensive*”, todos se referem à *United Front Work*, uma política de base do PCC que engloba todas as operações de influência, internas e externas lideradas pelo Communist Party’s United Front Work Department. Sob esta égide a RPC foca-se em 4 principais áreas: controlar e capitalizar a diáspora chinesa como agente da narrativa chinesa, “moldar” o exterior a aceitar (co-optar) e promover a visão chinesa, promover uma estratégia de comunicação global que suprima críticas e promova a agenda chinesa, e por fim, apoiar o bloco estratégico do *Belt and Road Initiative*<sup>182</sup>.

Ainda assim, muitos autores refutam a ideia do *sharp power* e advogam que as políticas chinesas na busca por uma criação de uma imagem positiva e poder de narrativa nada diferem das ocidentais: são igualmente *soft power*. Pelo que persiste a dúvida de se China de facto projeta *sharp power* ou se se trata de um caso de manipulação ocidental.

No fundo, trata-se de diferentes interpretações dos mesmos objetivos: a produção de uma imagem positiva, a atração do seu sistema e o aumentar da zona de influência. É natural que um político chinês rejeite a ideia do *sharp power* pois para si a RPC pratica *soft power*. Como Joseph Nye explicava o que difere entre estas duas formas de poder é que uma é conseguida em Liberdade, e a primeira não,<sup>183</sup> e a cultura chinesa não define a Liberdade da mesma forma que o ocidente.

O *soft power* de que se fala hoje foi definido por um norte-americano, para explicar o poder norte-americano, numa época em que o sistema internacional era dominado por valores ocidentais. Ou seja, é na sua génese, ocidental. Neste sentido, o *sharp power* é o “*takeover*” chinês.

---

<sup>181</sup> Brady. "On the Correct Use of Terms."

<sup>182</sup> *Ibidem*

<sup>183</sup> Nye, "China's soft and sharp power."

E enquanto o ocidente valoriza o indivíduo, a Liberdade, a expressão, a criatividade e alimenta uma sociedade civil ativa, na China a ordem, a harmonia, a nação sobrepõem-se. Logo, a interpretação que se faz dos meios e dos limites para se atingir o *soft power* são culturalmente diferentes.

Não se diz com isto que se deva relativizar a questão, mas para se responder a práticas desafiadoras há que as compreender. E aliada às bases culturais que afastam as interpretações, há mais uma vertente a considerar: o carácter revisionista chinês, um Estado com a ambição de rever o sistema internacional que acredita não o incluir.<sup>184</sup>

Da mesma forma que o *sharp power* se sustenta no pressuposto de que a China não está a jogar pelas regras internacionalmente aceites, também esta pode advogar que as regras não foram feitas para si, e que está a jogar um jogo viciado.

Acreditando que o ocidente construiu um mundo que a excluí e que a submete a regras injustas que a inferiorizam e demonizam, o PCC não tem outra hipótese senão “ripostar”. Se se assume que toda a imagem internacional é construída, então para a China o uso do *sharp power* é apenas a retomada do controlo da sua narrativa. Conforme a seguinte passagem explica:

“Este otimismo é de certa forma um otimismo zangado ou ressentido, na medida em que os escritores se queixam que a China *já* deveria ter um nível mais elevado de poder suave do que o que efetivamente tem em relação aos Estados Unidos e ao Ocidente em geral. O que mantém a China em baixo, queixam-se, é a manipulação ocidental ilegítima nos bastidores das alavancas do poder discursivo, que os sombrios atores ocidentais utilizam para denegrir a reputação da China.”<sup>185</sup>

---

<sup>184</sup> Owen IV, "Prefácio.", 7.

<sup>185</sup> “*This optimism is in a sense an angry or resentful optimism to the extent that writers complain China should already have a higher level of soft power than it actually does have relative to the United States and the broader West. What keeps China down, they complain, is behind-the-scenes, illegitimate Western manipulation of the levers of discourse power, which shadowy Western actors use to malign China's reputation.*” Edney et al., *Soft Power with Chinese Characteristics*, 60.

A crença de que o oeste manipula a percepção que se tem da China, originando a má imagem que se tem da mesma, acaba por ter dois efeitos: justifica a necessidade do *sharp power* e é um bode expiatório para os fracos resultados que as políticas chinesas têm.<sup>186</sup>

### 3.3.2. Substituir armas por prendas

O livro *Soft Power with Chinese Characteristics* recorda a máxima chinesa: “substitui armas de guerra por prendas de jade e seda”<sup>187</sup>. Ainda que o conceito de *sharp power* esteja ainda na sua infância, a prática de gerir percepções é já antiga, e está enraizada na cultura chinesa, sendo que os seus principais pensadores, como Sun Tzu já advogavam a arte de vencer guerras por meios psicológicos e de decepção.<sup>188</sup> As prendas de jade e seda – fossem estas ofertas físicas, como bens, ou comerciais, como o acesso ao mercado chinês, ou até mesmo honras e favorecimentos – foram desde o início do império, usadas como forma de distração.

Também o conceito da *United front*, originalmente uma tática leninista de alianças estratégicas, foi adaptada pelo PCC nos anos 30 e inclui: “trabalhar com grupos e indivíduos proeminentes na sociedade; gestão de informação e propaganda; e também tem sido um meio para facilitar a espionagem.”<sup>189</sup> Como Anne-Marie Brady salienta a política hoje significa “influenciar, **subverter**, e se necessário, sobrepor-se às políticas”<sup>190</sup> dos seus parceiros/concorrentes “e promover os interesses do PCC a nível global”.<sup>191</sup>

---

<sup>186</sup> Edney et al., *Soft Power with Chinese Characteristics*

<sup>187</sup> “...replace weapons of war with gifts of jade and silk...” *Ibidem*, 51.

<sup>188</sup> “Toda a arte militar se baseia na dissimulação.” Tzu, *Arte da Guerra*, 37.

<sup>189</sup> “...working with groups and prominent individuals in society; information management and propaganda; and it has also frequently been a means of facilitating espionage.” Brady, “Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping,” 2-3.

<sup>190</sup> “...to influence, subvert, and if necessary, bypass the policies...” *Ibidem*, 3.

<sup>191</sup> “...and promote the interests of the CCP globally.” *Ibidem*

Séculos atrás, já a China era pioneira na arte da gestão de perseguição: para manter a integridade territorial do extenso império, jogava adversários uns contra os outros, ludibriando-os, aplicando a máxima de “*divide and conquer*” evitando assim que estes se juntassem para a derrubar<sup>192</sup>, de acordo com a citação:

"Em certo sentido, Mao sucedeu. O que conferiu uma vantagem especial às manobras de Mao foi que a política chinesa no Estreito estava a ser executada ostensivamente com a bênção de Moscovo, no que dizia respeito ao mundo. Pois Khrushchev tinha visitado Pequim três semanas antes da segunda crise do Estreito de Taiwan - pelos encontros desastrosos sobre as questões da base submarina - tal como tinha estado lá nas semanas iniciais da primeira crise, quatro anos antes. Em nenhum dos casos Mao tinha revelado as suas intenções aos soviéticos, nem antes nem durante a visita. Em cada caso, Washington partiu do princípio - e Eisenhower alegou o mesmo numa carta a Khrushchev - que Mao estava a agir não só com o apoio de Moscovo, mas a seu pedido. Pequim estava a acrescentar o seu aliado soviético à sua linha diplomática contra a sua vontade e, na verdade, sem que Moscovo percebesse que estava a ser usado".

E quando isto falhou, e perante a invasão, a civilização usou a manipulação contra os seus adversários para que estes assimilassem a cultura chinesa, e não o seu inverso.

Mais tarde, com recurso a meios de comunicação mais sofisticados, o PCC manipulou a imagem do Reino Unido durante as negociações para a *handover* de Hong Kong, tendo aproveitado um momento em que a Primeira-Ministra, Margaret Thatcher, caiu de joelhos, parecendo que estava a fazer o *kowtow*, prática milenar para prestar respeito e reverência. De certa forma, a imagem que passou é que o Reino Unido estava de joelhos perante a República Popular da China.<sup>193</sup>

---

<sup>192</sup> “*In a sense Mao succeeded. What conferred a special edge to Mao’s maneuvers was that the Chinese policy in the Strait was being carried out ostensibly with the blessing of Moscow so far as the world was concerned. For Khrushchev had visited Beijing three weeks before the second Taiwan Strait Crisis – for the disastrous encounters over the submarine base issues – much as he had been there in the opening weeks of the first crisis four years earlier. In neither case had Mao revealed his intentions to the Soviets either before or during the visit. In each instance Washington assumed – and Eisenhower alleged as much in a letter to Khrushchev – that Mao was acting not only with Moscow’s support but at its behest. Beijing was adding its Soviet ally to its diplomatic lineup against its will and indeed without Moscow realizing that it was being used.*” Kissinger, *On China*, 174.

<sup>193</sup> “*The scene was caught by television cameras, shown on the Hong Kong evening news, and replayed many times thereafter on Hong Kong television. The pictures conveyed the impression that Thatcher, shaken by Deng’s tough stance, was kowtowing....*” Ezra F Vogel, *Deng Xiaoping and the Transformation of China* (Versão e-book: Harvard University Press, 2011), 498.

Estes exemplos históricos, bem como a origem da *United Front* mostram-nos que o *sharp power* é característico da China, pioneira nesta prática. Hoje, é ainda mais evidente: enquanto outros estados autoritários utilizam o *sharp power*, o PCC domina-o, investindo mais e indo mais longe do que qualquer outro.<sup>194</sup> Os tentáculos da sua influência chegam mesmo à Organização Mundial da Saúde, comprometendo a imparcialidade das Nações Unidas, um elemento essencial do sistema internacional.<sup>195</sup> Pois além da sua predisposição histórica, cultural, filosófica e sociopolítica, tem também os meios e o poder para a executar.

Como Jessica Ludwig e Christopher Walker explicam:

"No caso da China, um sistema sofisticado de manipulação online - que inclui um vasto sistema de censura com várias camadas e "monitores de conteúdo online" em departamentos governamentais e empresas privadas, que figuram entre os milhões - foi concebido para suprimir e neutralizar o discurso político e a ação coletiva, mesmo encorajando muitas pessoas comuns a sentirem-se como se pudessem expressar-se sobre uma série de questões com as quais se preocupam".

O seu investimento no aperfeiçoamento dos métodos de censura e manipulação a nível nacional<sup>196</sup>, que agora exporta<sup>197</sup>, garantiu-lhe a dianteira na aplicação da gestão de percepção a nível mundial. Tendo apostado numa censura velada, criou uma falsa sensação de Liberdade, uma Liberdade controlada<sup>198</sup>, que contraria a própria definição (ocidental). Assim é-lhe possível manipular à larga escala sob a aparência da Liberdade.

---

<sup>194</sup> "China is in a league of its own when it comes to operating within the public sphere of democracies" Christopher Walker, "What is "Sharp Power"?", 15.

<sup>195</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power."

<sup>196</sup> "In China's case, a sophisticated system of online manipulation—which includes a vast, multilayered censorship system and "online content monitors" in government departments and private companies who number in the millions—is designed to suppress and neutralize political speech and collective action, even while encouraging many ordinary people to feel as though they can express themselves on a range of issues they care about." Walker e Ludwig. "Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction", 12.

<sup>197</sup> "The key Chinese state-linked efforts to manipulate foreign information environments have grown such that hundreds of millions of news consumers around the world routinely view, read, or listen to information created or influenced by the CCP, often without knowing its origins." Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence", 1.

<sup>198</sup> Hoffman, "Social Credit"

Ainda que a prática do *sharp power* não lhe seja exclusiva, acontece que os autores convergem na tese de que a China supera todos os outros praticantes. E Christopher Walker nota que:

“Glenn Tiffert constatou que os censores ou hackers empresariais podem agora fabricar versões do registo histórico, em sintonia com a mudança dos requisitos ideológicos ou políticos do PCC - e que ao simplesmente consolidar digitalmente as fontes em servidores sob o seu controlo, um governo autoritário inteligente pode projectar o seu regime de censura doméstica no estrangeiro, a fim de moldar a opinião pública à escala global. À medida que a aprendizagem de máquinas e outros avanços tecnológicos aceleram, a precisão e abrangência com que o governo chinês e outros regimes autoritários serão capazes de modernizar a censura está destinado a crescer.”<sup>199</sup>

Paralela e ironicamente face às acusações que faz contra o mundo liberal, a China apostou fortemente na imunização do regime contra ameaças externas, erguendo novos muros, como o *Great Firewall* – um rígido conjunto de legislação e política que rege e escuda a Internet chinesa. Para obter controlo total da comunicação dentro do país, investiu ainda no desenvolvimento de sistemas que replicam a Google, o Facebook e o WhatsApp: sendo estes o Wechat (ou Weixin), o Sina Weibo, e o TikTok, com alcance global.

É contraditório que pese embora toda a predisposição histórica, alinhamento cultural e crença desta civilização milenar e superior na arte da decepção, dissimulação e no poder da imagem e da narrativa, na qual tanto investe, obtenha resultados tão aquém do esperado.

---

<sup>199</sup> “... Glenn Tiffert has noted that enterprising censors or hackers can now fabricate versions of the historical record, attuned to shifting CCP ideological or political requirements—and that by simply digitally consolidating sources onto servers under its control, a savvy authoritarian government can project its domestic censorship regime abroad in order to shape public opinion globally. As machine learning and other technological advances accelerate, the precision and comprehensiveness with which the Chinese government and other authoritarian regimes will be able to modernize censorship is bound to grow.” Christopher Walker, “China's Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions.”

### 3.3.3. Um Contraste Curioso

De acordo com o ranking de *soft power* da Portland, USC Center on Public Diplomacy, em 2019 a RPC classificava-se no 27º lugar geral. Na área do governo, os resultados eram ainda piores: o 29º lugar, ficando apenas à frente da Federação Russa.<sup>200</sup>

Por contraste, o investimento previsto de:

“...50 mil milhões de dólares para o Banco Asiático de Investimento em Infraestruturas, 41 mil milhões de dólares para o Novo Banco de Desenvolvimento, 40 mil milhões de dólares para o Silk Road Economic Belt e 25 mil milhões de dólares para a Rota Marítima da Seda, a fatura total da *charm offensive* da China na frente económica é substancial.”<sup>201</sup>

Ou seja, os ganhos ficam aquém dos custos.

O autor Alexandre Carriço<sup>202</sup> explica esta deficiência na aplicação do *soft power*, acreditando que se deve tanto à centralização do poder chinês, e subsequentemente da mensagem, como às demonstrações de poder duro militar, que causam desconfiança e contradizem a narrativa do “desenvolvimento pacífico”.

Michael Cole<sup>203</sup> acredita que é devido a esta ineficácia no *soft power* que a China se vê “obrigada” a recorrer a outros métodos: o *sharp power*. Conforme identificado por Brian Wong<sup>204</sup>, a China opta por uma estratégia que mistura elementos duros com outros mais suaves, o que à primeira vista pode parecer uma inteligente aplicação do conceito de *smart power*, contudo, aquilo que se verifica é que ao misturar estes elementos a China compromete o sucesso do seu *soft power*. Se apregoa objetivos de desenvolvimento pacífico, mas depois faz

---

<sup>200</sup> “The Soft Power 30.” USC Center on Public Diplomacy Portland, acedido maio 25, 2022.

<https://softpower30.com/>

<sup>201</sup> “...\$50 billion for the Asian Infrastructure Investment Bank, \$41 billion for the New Development Bank, \$40 billion for the Silk Road Economic Belt and \$25 billion for the Maritime Silk Road, the total bill for China’s *charm offensive* on the economics front is substantial.” Edney et al., *Soft Power with Chinese Characteristics*, 7.

<sup>202</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*.

<sup>203</sup> Cole, “The Hard Edge of Sharp Power.”

<sup>204</sup> Brian Wong, “China’s Two Pronged Diplomacy.”

demonstrações de poderio naval e se recusa a acatar decisões sobre as suas pretensões territoriais no Mar do Sul da China, torna-se difícil crer na sua benevolência.

Alexandre Carriço<sup>205</sup> explica que esta falta de eficácia e de eficiência do *soft power* se deve a um défice de compreensão dos públicos e de como comunicar com estes, aliado à barreira linguística, mas acima de tudo a uma contradição entre projeção de imagem *versus* ação, gerando desconfiança ao invés de projetar uma imagem positiva e pacífica.

Adicionalmente, a impermeabilidade do tecido jornalístico, social e político chinês *versus* a abertura do mundo liberal, descredibilizam a mensagem transmitida (construída ou aprovada pelo PCC) o que novamente promove a desconfiança.

Disto resulta que os maiores esforços chineses de *soft power*, dos quais são exemplo os Jogos Olímpicos de 2008, a Exposição de Xanghai ou a celebração do sexagésimo aniversário da RPC<sup>206</sup> fiquem aquém do esperado. De acordo com o autor Alexandre Carriço,<sup>207</sup> apesar de atingirem objetivos concretos, no campo externo as perceções sobre a China têm vindo a ser prejudicadas pelas suas desmonstrações de poder, e pela desconfiança que o regime gera.

Disto resulta que os esforços de *soft power* chinês não obtêm resultados homogéneos por toda a parte. Existe uma clara divisão entre as opiniões junto de estados desenvolvidos com democracias estáveis, face as opiniões de estados em vias de desenvolvimento com democracias frágeis e/ou recentes. Em 2019, a grande maioria na Austrália, Reino Unido, Suécia, Países Baixos, Alemanha, Coreia do Sul, Espanha, França, Canadá, Itália e Japão, tinha uma imagem desfavorável da China.<sup>208</sup>

Já o estudo desenvolvido pelo Afrobarometer mostra que entre julho de 2019 e abril de 2020, a maioria em Angola, Botswana, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Etiópia,

---

<sup>205</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*.

<sup>206</sup> *Ibidem*

<sup>207</sup> *Ibidem*

<sup>208</sup> Sendo que o valor mais baixo registado é de 53 % de opinião desfavorável, em Espanha. Silver et al. “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”

Gabão, Gana, Guiné, Quênia, Lesoto, Malawi, Mali, Namíbia, Nigéria, Serra Leoa, Tunísia e Uganda, “...cerca de seis em cada 10 africanos (59%) dizem que a influência económica e política da China no seu país é ‘positiva’ ou ‘muito positiva’.”<sup>209</sup> Os EUA ficam atrás com 58%. Contudo, o modelo norte-americano ainda é considerado o melhor para o desenvolvimento, obtendo 32% de preferência enquanto 23% prefere o modelo chinês.

Alexandre Carriço argumenta<sup>210</sup> que apesar da sua autoperceção ser exagerada e por vezes arrogante, a perceção externa que se tem da China também sofre os efeitos da incompreensão que resulta por se tratar de um mundo distinto. E a insistência da China numa mensagem manipulada, construída, debitada e regurgitada, sem intervenção livre de meios independentes, serve apenas para potenciar más-interpretações e suscitar mais desconfiança.

A estes condicionantes adiciona-se a incapacidade crónica da China de gerar *soft power* como o ocidente o entende: mais do que a diplomacia pública tradicional perpetrada pelo Estado e os seus agentes, o *soft power* encontra-se nos agentes livres, independentes que acabam por ser os melhores *marketeers* do seu próprio país: os indivíduos. E neste ponto, o PCC discorda veementemente porque os seus *marketeers* são formatados para passar uma só mensagem: o discurso aprovado pelo PCC.

---

<sup>209</sup> Josephine Sanny e Edem Selormey. “Africans regard China’s influence as significant and positive, but slipping”. *Afrobarometer*. Dispatch No. 407, novembro 17, 2020, acedido setembro 28, 2022. <https://www.afrobarometer.org/publication/ad407-africans-regard-chinas-influence-significant-and-positive-slipping/>

<sup>210</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*.

### 3.3.4. Contar “bem” a história da China

“Alavancar propaganda, desinformação, censura e influência sobre os pontos-chave do fluxo de informação, estes esforços vão além de simplesmente ‘contar a história da China.’”<sup>211</sup> Contar “bem” podia significar contar de acordo com os factos, mas neste caso caracteriza-se por corresponder à narrativa que mais favorecer e mais se alinhar com os propósitos chineses. Um discurso único, uma só verdade, apenas uma narrativa: em suma, contar “bem” a história da China, dentro e fora das fronteiras.

A máxima do contar “bem” a história da China traça um paralelo com “o regime de verdade” de Michel Foucault, perante a qual existe uma só verdade. Alexandre Carriço explica-nos:

“Partindo da moldura analítica ‘realista-constitutivista’ selecionada e aplicando à China o ‘regime de verdade’ de Michel Foucault, conjugando-o com o conceito de ‘securitização’ verificamos que as imagens que dela são geradas e por ela produzidas mediaticamente com base em discursos e narrativas (tanto no exterior como a partir do seu interior) constituem-se como um sustentáculo justificativo para agendas de políticas externas específicas, através da seleção criteriosa e disseminação direcionada da informação oficial.”<sup>212</sup>

O regime de verdade ou a verdade que deve prevalecer é aquela que a China manipula.

Tópicos como Taiwan, Tiananmen, a minoria Uigur, direitos humanos na China, Liu Xiaobo e Falun Gong são apenas alguns dos principais “irritantes” ou linhas vermelhas que o PCC identifica. São manchas na narrativa oficial e os esforços chineses concentram-se na sua dissipação. Em seu lugar, promove-se uma história de sucesso sem igual, do milagre chinês; um modelo alternativo ao liberal; uma civilização e cultura milenar, superior, quase divina; e

---

<sup>211</sup> “Leveraging propaganda, disinformation, censorship, and influence over key nodes in the information flow, these efforts go beyond simply ‘telling China’s story.’ Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China’s Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”

<sup>212</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*, 34.

um sistema melhor e mais eficiente, pautado pela harmonia e respeito entre os povos, pela não-ingerência, e pelo desenvolvimento pacífico.

A imagem que se pretende construir encaixa nas linhas estratégicas mais gerais do PCC: da Iniciativa *Belt and Road*; e do *Made in China 2025*, e em última análise, convergem para a concretização do Sonho Chinês. Conforme argumentado por Alexandre Carriço<sup>213</sup>, o conceito estratégico estava previsto pela China desde 2014 através da gestão de percepções manipulada e calculada, associada ao conceito das 3 guerras políticas/informação: psicológica, jurídica e da opinião pública. Este é aplicado quando o *soft power* não logra atingir os seus fins, pelo que se troca a simples promoção de imagens positivas pela manipulação dos factos com fins específicos.

Sob a orientação do Chinese People's Political Consultative Congress (CPPCC) a narrativa oficial é gerida, através de métodos como:

“...cooptação, suborno, incentivo, desinformação ('fake news'), propaganda computacional (desinformação utilizando meios de comunicação social gerados por bots e/ou humanos), concessão/recusa de acesso, censura, investimento, empresas de 'dupla utilização', intercâmbios académicos, 'lawfare'...”<sup>214</sup>

O PCC aplica estas práticas de *sharp power* sobre variadas áreas, das quais, Michael Cole<sup>215</sup> e Christopher Walker<sup>216</sup> destacam 4: no campo académico, onde estudantes e investimento chineses levam universidades estrangeiras à autocensura; na área editorial e dos *media*, na qual o PCC usa o seu peso estratégico para impor a censura de certos tópicos ou obras, e onde através de parcerias e formações controla a narrativa que é apresentada ao público;

---

<sup>213</sup> Carriço, *Harmonizando o Poder*, 338-344.

<sup>214</sup> “...co-optation, bribery, incentivization, disinformation ('fake news'), computational propaganda (disinformation using social media generated by bots and/or humans), access granting/denial, censorship, investment, 'dual use' firms, academic exchanges, 'lawfare'...” Cole, "The Hard Edge of Sharp Power.", 9.

<sup>215</sup> *Ibidem*

<sup>216</sup> Walker, "China's Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions."

em governos estrangeiros, onde muitos agentes chineses, com ligações ao PCC ou pagos por este, se infiltram (cobrindo as suas ligações) e conduzem operações de favorecimento e adoção de políticas alinhadas com a visão chinesa; e por fim, nas comunidades da diáspora e organizações de fachada, que usa para monitorizar e instrumentalizar os seus cidadãos e chineses étnicos no sentido de se tornarem “agentes chineses” e silenciarem e denunciarem atividades ou críticas que não se coadunem com o PCC.

Todos estes métodos contribuem para o mesmo fim: a harmonização da narrativa geral de acordo com a narrativa oficial chinesa. “Contar a história correta” para cooptar e aplicar coerção para o sistema internacional aceitar e respeitar a agenda chinesa e no último estágio, estabelecer a ordem do Mundo Iliberal.

É evidente que estes esforços apenas se tornam possíveis graças ao capital e investimento chinês, pois criam, como o especialista Christopher Walker destaca, situações de dependência e coerção, que possibilitam a autocensura. Mas não só: a atratividade do seu mercado por si só exerce uma pressão significativa sobre parceiros, governos e indivíduos, e por último, possibilitam o desenvolvimento de práticas mais aguçadas de *sharp power*.<sup>217</sup>

Ao passo que a China tem sido pioneira na arte de “contar a sua história”, moldando opiniões em casa e no estrangeiro, explorando a abertura inerente às democracias liberais, por outro lado, protege-se de qualquer interferência estrangeira, impedindo editoras internacionais de publicarem certos tópicos, sob pena de não poderem publicar na China<sup>218</sup>, impedindo organizações e pessoas estrangeiras de realizar cerimónias religiosas online<sup>219</sup>, entre outros. Escudada pelo *Great Firewall*, a China está pronta a infiltrar-se no campo aberto do adversário.

---

<sup>217</sup> Walker, “What is “Sharp Power”?”, 11.

<sup>218</sup> Walker, “China’s Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions.”

<sup>219</sup> Lusa, “China proíbe estrangeiros de oferecer serviços religiosos online.” *TSF*, dezembro 21, 2021, acessado setembro 11, 2022.

<https://www.tsf.pt/mundo/china-proibe-estrangeiros-de-oferecer-servicos-religiosos-online-14428647.html>

No fluxo das narrativas mundiais a China criou um eficaz sistema de “*one way street*”. Impermeabilizou-se ao exterior, evoluindo as suas práticas de censura e propaganda, para que a sua história possa infiltrar-se, infetar e ser cooptada por aqueles de quem se protege.

Ainda assim, críticos argumentam que os exemplos de *sharp power* se centram somente no tópico China *versus* EUA. Fugindo a esse cliché, Anne-Marie Brady investiga o caso neozelandês, apontando o caso do *Chinese Herald*, o principal jornal de língua chinesa em Auckland que após ligações pessoais ao consulado chinês e colaboração com a All-China Federation of Overseas Chinese, abdicou da sua independência e imparcialidade para fazer a sua narrativa corresponder à oficial chinesa.<sup>220</sup> A própria autora confessa que a sua investigação sobre a China e a Antártica foi alvo de pressão chinesa.

A manipulação chinesa e a tentativa de ganhar destaque e espaço na agenda internacional é cada vez mais visível. Tanto que em fevereiro de 2022, oficiais chineses pediram a oficiais russos para adiar a invasão à Ucrânia para depois do fim dos Jogos Olímpicos em Pequim. A invasão começaria a 24 de fevereiro de 2022, dias após o encerramento dos mesmos.<sup>221</sup>

Uma tentativa para que a guerra não retirasse importância e protagonismo aos Jogos a decorrer na China. Desde então a China tem aproveitado a situação, com muito cuidado, procurando um lugar de mediador, mas mantendo uma “distância de segurança” para não antagonizar a Rússia, e para não quebrar um precedente que lhe poderá ser útil caso decida unilateralmente unificar-se com Taiwan.

Em suma, a China tenta promover uma imagem de potência pacífica, pregando o “desenvolvimento pacífico” e o “mundo harmonioso”, uma imagem que entra em conflito com

---

<sup>220</sup> Brady, “Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping,” 35.

<sup>221</sup> Steve Holland, “China asked Russia to delay Ukraine invasion until after Olympics -NYT.” *Reuters*, março 3, 2022, acessado setembro 11, 2022.  
<https://www.reuters.com/world/us-officials-say-china-asked-russia-delay-ukraine-war-until-after-beijing-2022-03-02/>

as ações inflamatórias do EPL (como por exemplo nas disputas territoriais no Mar do Sul da China), e bem como a sua tentativa de vender uma imagem enquanto civilização particular e peculiar, que acaba por ser inacessível e incompreensível.

O “sonho chinês”, como promovido pela RPC, é demasiado peculiar, abstrato, incompreensível e pretensioso para ser desejado. E as ações contraditórias acabam por deteriorar ainda mais a sua perceção internacional.

A China permanece, para o público geral externo um ator de grande peso, mas desconhecido, como um belo e imponente animal que ainda não conhecemos e que nos suscita em igual medida admiração/espanto e medo/insegurança. A comunicação e a perceção são elementos essenciais do “Sonho Chinês”, mas devido às suas prioridades estratégicas e às limitações de atratividade, as práticas chinesas contêm mais a narrativa interna do que promovem uma narrativa externa; escudam-se mais eficazmente do que comunicam a nível internacional; e a sua postura por vezes agressiva compromete as pequenas vitórias, corrompendo a imagem harmoniosa e pacífica que pretende transmitir.

No campo da imagem e perceção, apesar dos seus esforços e graças à sua natureza, a mensagem chinesa continua a ser mais eficaz para o público interno do que para a opinião pública internacional.

#### **4. A República Popular da China, a COVID-19 e o *Sharp Power***

A 12 de dezembro de 2019 foram identificados os primeiros casos de doentes com febre e falta de ar, na zona de Wuhan, na China. A 31 de dezembro do mesmo ano o Gabinete da Organização Mundial da Saúde no país tomou conhecimento da série de casos e pediu informações às autoridades chinesas. Apenas a 3 de janeiro de 2020, foram partilhadas as primeiras informações. A 7 de janeiro as autoridades chinesas identificam o novo coronavírus.<sup>222223</sup>

Foi este o prólogo da pandemia COVID-19, ditado à mercê das autoridades chinesas, numa lógica que deixou o mundo sempre dois passos atrás. Com o monopólio da informação, a China seguiu o método da gestão de perceção e conteve o vírus até este escapar as suas fronteiras. Seguiu-se uma época de filtragem de dados em que estes fossem partilhados ao ritmo e em termos chineses.

Um vírus da família dos coronavírus, o COVID-19 é uma doença respiratória, sendo os seus sintomas mais comuns a tosse, febre, dificuldade em respirar, dores corporais e a perda do olfato e palato.<sup>224</sup> Transmissível entre humanos, a doença espalhou-se pelo mundo, causando pânico, crises, doentes e mortes. Tendo as primeiras ligações sido identificadas no Mercado de Huanan, em Wuhan, onde são comercializados animais vivos, a origem do vírus permanece uma interrogação até aos dias de hoje.

O objetivo desta dissertação não se prende em responder a essa questão. Mas sim em analisar a forma como a China geriu a perceção sobre a narrativa COVID-19, e as consequências destes esforços.

---

<sup>222</sup> “Timeline: WHO's COVID-19 response.” World Health Organization, acessado junho 28, 2022. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#>

<sup>223</sup> “CDC Museum COVID-19 Timeline”. Centers for Disease Control and Prevention.

<sup>224</sup> “What Is Coronavirus?” Johns Hopkins Medicine, fevereiro 24, 2022, acessado junho 28, 2022. <https://www.hopkinsmedicine.org/health/conditions-and-diseases/coronavirus>

#### 4.1. Uso de *Sharp Power* relativamente à gestão de perceção da narrativa do COVID-

19

Num cenário internacional de crise, a pandemia alastrou-se, e com ela alastraram também os tentáculos de influência chinesa, atingindo meios de comunicação, sociedades e organizações internacionais como a OMS, como Elizabeth Economy evidencia<sup>225</sup>. O objetivo: conter os danos à sua reputação, e garantir a prevalência de uma narrativa de que “a China estava a ganhar a guerra contra a COVID-19”, alinhando-a com uma perceção de solidariedade, associação explicada por Zhang Weiwei<sup>226</sup>.

Além de tentar reverter a precária situação inicial causada pelo aparecimento do vírus em Wuhan, pela incapacidade de conter o mesmo ao seu país, e pela contenção e atrasos na partilha de dados epidémicos, a China procurou estabelecer-se como a referência de liderança, apresentando um aparente controlo com o “achatar da curva”, face ao caos ocidental.

Na estratégia chinesa para a narrativa da COVID-19 distinguem-se três grandes preocupações, a primeira dedicada à contenção inicial do vírus, literal e a nível de informação. Quando a sua contenção se tornou impossível, a preocupação vital foi garantir que a China não seria considerada culpada pela origem, descontrolo e espalhar do vírus. Por fim, os esforços alargaram, agarrando a oportunidade do momento para virar a história (*spinning*), e lançar uma campanha de propaganda sobre o seu sucesso, apresentando-se como o país mais dedicado e mais eficaz em resolver o problema comum. As preocupações aqui apresentadas alinham-se com as narrativas que Sarah Cook argumenta que a China tentou promover.<sup>227</sup>

---

<sup>225</sup> Economy, "The United States, China, and the Great Values Game", 375.

<sup>226</sup> Weiwei, "China's victory over COVID-19 underpinned by noble values." *CGTN*

<sup>227</sup> Cook, "Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets."

#### 4.1.1. O *Toolkit liberal* da China

A China aproveitou a pandemia para aplicar no exterior a mesma repressão que aplica em casa e Sarah Cook, especialista sobre a RPC, analisou os esforços do país para reescrever a história da pandemia. Na sua pesquisa, a autora identificou 3 narrativas-chave lançadas pela China, que o Estado procurou promover durante a gestão da pandemia nomeadamente:

“...primeiro, que a resposta da China à crise é um modelo a seguir por outros países; segundo, que a China é um líder global na luta contra a COVID-19 e está a prestar ajuda a nações gratas; e terceiro, que o coronavírus pode ter tido origem fora da China.”<sup>228</sup>

Segundo Sarah Cook, para a RPC avançar e disseminar estas estórias, usou várias estratégias diferentes. A primeira, prática já antiga do Estado autoritário, passa pela transferência de informação “oficial” ou “aprovada pelo estado” para outros estados através de acordos entre os *media* estatais e internacionais, de influência ou até de financiamento pela RPC. Com estas práticas, a China consegue amplificar o alcance da história que define como preferível, pois transfere-a diretamente para o exterior, através de canais que são considerados como válidos e fiáveis pelos leitores. Jornais de referência internacional como o *The Economist*, o *The Wall Street Journal*, e o *Telegraph*, publicaram artigos de propaganda paga.<sup>229</sup>

Similarmente, a China encontrou nas redes sociais, Facebook, Instagram, e Twitter, um meio para disseminar “o seu lado da história”. No caso do Facebook e do Instagram, comprou anúncios online para poder divergir a culpa para outros estados, onde partilhava informação produzida pelos meios de comunicação geridos pelo Estado. Importa referir que tanto no caso da publicidade no Facebook como no Instagram a origem dos conteúdos não era anunciada. Ou

---

<sup>228</sup> “...first, that China’s response to the crisis is a model for other countries to follow; second, that China is a global leader in the fight against COVID-19 and is providing aid to grateful nations; and third, that the coronavirus may have originated outside of China.” Cook, “Beijing’s Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets.”

<sup>229</sup> *Ibidem*

seja, que os leitores não estavam cientes de que os artigos e anúncios que liam eram produzidos por meios chineses ou controlados pelo Estado chinês.

Outra das estratégias mais usadas foi a disseminação de *fake-news* e propaganda de desinformação através de diplomatas chineses, especialmente no que toca às origens do vírus. Por exemplo, a 13 de março de 2020, o porta-voz e subdiretor geral do Gabinete de Informação do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, com 287000 seguidores no Twitter, Lijian Zhao, utilizou o Twitter para partilhar um artigo que afirmava que o vírus tinha tido origem nos EUA<sup>230</sup>.

Robert Boxwell desconstrói a origem desta história, desde a publicação de um artigo científico que indicava que o vírus encontrado no mercado em Wuhan tinha sido “importado internamente”, até ao manipular desta história pelo People’s Daily’s, sob o título *China’s Coronavirus: A Shocking Update. Did The Virus Originate in the US?*, invocando como referência “investigadores japoneses” e um “virologista taiwanense”, que é na verdade um farmacêutico e político apoiante da China; culminando com a ligação ao encerramento Fort Detrick, laboratório dos EUA.<sup>231</sup>

A 13 de março de 2020, Lijian Zhao partilhou artigos do Global Research, dizendo:

“Este artigo é muito importante para todos e cada um de nós. Por favor, leiam-no e re-tweetem-no. COVID-19: Mais provas de que o Vírus teve origem nos EUA. Seria útil ler este artigo anterior para obter antecedentes: O Coronavírus da China: Uma Actualização Chocante. Terá O Vírus ...” (ver anexo 11).

Dado ao sistema repressivo e de subordinação chinês, não é credível que um oficial faça um tweet sem que este seja premeditado. O número de seguidores de Lijian Zhao quase que

---

<sup>230</sup> Lijian Zhao, Twitter. março 13, 2020, acedido agosto 31, 2022.  
<https://twitter.com/zlj517/status/1238269193427906560>

<sup>231</sup> “This article is very much important to each and every one of us. Please read and retweet it. COVID-19: Further Evidence that the Virus Originated in the US. It would be useful to read this prior article for background: China’s Coronavirus: A Shocking Update. Did The Virus ...” Boxwell, “How China’s fake news machine is rewriting the history of Covid-19, even as the pandemic unfolds.” *POLITICO*

duplicou, e assim logrou colocar a versão chinesa da história “nas bocas do mundo”, ou seja, nos *media* internacionais, levantando dúvidas sobre a ideia de que o vírus tinha originado na China e sugerindo que tinha sido nos EUA. Como vimos no segundo capítulo, na gestão de percepção, a primeira versão da história que é apresentada é aquela que mais facilmente perdura.

Considerando que o Twitter, o Facebook e o Instagram estão bloqueados na China, estes são esforços que se focam nas audiências externas, aproveitando-se da abertura das redes de comunicação internacionais, enquanto o Estado autoritário protege as suas próprias redes de interferência externa.

Por fim, e aproveitando uma prática já muito conhecida dos estados autoritários, a China fez uso de *bots*, um software que mimica a ação humana na internet, para promover propaganda no Twitter. Sarah Cook alerta para o estudo feito pela ProPublica, que identificou várias contas falsas que divulgavam histórias favoráveis à China relativamente ao vírus, enquanto “promoviam desinformação ou atacavam adversários políticos nos Estados Unidos, no Reino Unido e em Hong Kong”.<sup>232</sup>

#### **4.1.2. Gestão de Percepção: Contenção de Informação sobre as origens da COVID-19**

No segundo capítulo aprendemos que o primeiro passo na gestão de percepção é assegurar o controlo da narrativa, e foi por aí que a China encetou os seus esforços. O PCC

---

<sup>232</sup> “...promoted disinformation or attacked political opponents in the United States, the United Kingdom, and Hong Kong.” Cook, “Beijing’s Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets.”

procurou conter inicialmente a informação sobre o vírus, evitando a discussão interna dos primeiros sinais do mesmo, de forma a proteger a sua reputação nacional e internacional.

Diretivas governamentais revistas pela ProPublica e pelo The New York Times comprovam que o Estado-partido lançou uma campanha de repressão e censura de tópicos relacionados com a nova doença nas redes sociais chinesas. Logo em janeiro de 2020, as ordens eram para suprimir notícias negativas, críticas e sinais de alarme, e simultaneamente reescrever uma narrativa de sucesso no combate ao vírus.<sup>233</sup>

A censura era interna, mas os efeitos impactavam o mundo. As diretrizes oficiais iam além da manipulação de uma narrativa positiva, “queriam também fazer com que o vírus parecesse menos grave - e as autoridades mais capazes - uma vez que o resto do mundo estava a assistir.”<sup>234</sup>

Os *media* foram orientados no sentido de “ativamente influenciar a opinião internacional”<sup>235</sup>, e como a China possuía o controlo de toda a informação que passa para o exterior, a perceção era gerida mediante as preocupações do partido.

A morte de Li Wenliang, um dos médicos ameaçados por tentar avisar sobre o aparecimento do novo vírus, foi um momento de particular inflamação das redes sociais chinesas. Procurando contornar o pânico e o descrédito no partido, a máquina de propaganda e os *media* trabalharam lado a lado, sob a coordenação da Administração do Ciberespaço da China para conter os ânimos e reprimir as histórias relacionadas com a COVID-19.

A narrativa foi apoiada por uma rede de *trolls* paga para criar comentários positivos. Adicionalmente *posts* foram eliminados, tópicos excluídos, contas sancionadas, websites penalizados e várias pessoas detidas. Das orientações do conteúdo e tom das notícias, até ao

---

<sup>233</sup> Zhong et al. "No 'Negative' News: How China Censored the Coronavirus." *The New York Times*.

<sup>234</sup> “They also wanted to make the virus look less severe — and the authorities more capable — as the rest of the world was watching.” *Ibidem*

<sup>235</sup> “...but also seek to “actively influence international opinion.” *Ibidem*

uso da tecnologia “Urun” para revistar as redes sociais por palavras como “vírus”, a China dedicou manifestos esforços para garantir a contenção da informação sobre o COVID-19 e a promoção de uma imagem positiva da sua gestão da pandemia, a nível nacional e internacional.<sup>236</sup>

A contenção começou em casa. Mas a China não tardaria a expandir a repressão. Além de se dedicar à criação de uma narrativa de sucesso em casa, procurando eliminar sinais de alarme e críticas, a RPC conteve dados epidémicos, não os partilhando com a Organização Mundial de Saúde e outros estados até ser inevitável fazê-lo.

A OMS tem sido o maior porta-voz da China perante a pandemia, e foram várias as vezes que agradeceu ao Estado pela sua rápida e eficaz resposta ao vírus, primeiro publicamente e mais tarde através do Relatório Conjunto. “Agradeceu repetidamente ao governo chinês por partilhar o mapa genético do vírus ‘imediatamente’, e disse que o seu trabalho e compromisso com a transparência eram ‘muito impressionantes, e para além das palavras’.”<sup>237</sup>

Estas palavras de agradecimento ilustram uma China comprometida para com a transparência e pronta a partilhar informação em prol do bem comum. Porém, de acordo com a investigação da The Associated Press<sup>238</sup> na verdade, quando a China mantinha o monopólio da informação sobre o vírus, conteve informações essenciais para a preparação da resposta global ao mesmo.

As queixas sobre os atrasos e a falta de informação apenas foram manifestadas em reuniões à porta fechada, enquanto publicamente a organização continuava a aplaudir a resposta chinesa. Por exemplo, a investigação indica: “...queixaram-se em reuniões na semana de 6 de

---

<sup>236</sup> Zhong et al. "No 'Negative' News: How China Censored the Coronavirus." *The New York Times*.

<sup>237</sup> “It repeatedly thanked the Chinese government for sharing the genetic map of the virus “immediately,” and said its work and commitment to transparency were “very impressive, and beyond words.” The Associated Press, "How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak." *NBC News*, junho 2, 2020, acedido dezembro 20, 2020. <https://www.nbcnews.com/health/health-news/how-china-blocked-who-chinese-scientists-early-coronavirus-outbreak-n1222246>

<sup>238</sup> Press, "How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak." *NBC News*

janeiro que a China não estava a partilhar dados suficientes para avaliar a eficácia da propagação do vírus entre seres humanos ou o risco que representava para o resto do mundo, perdendo um tempo valioso.”<sup>239</sup>

Apesar da investigação para construir o mapa genético do vírus ter começado em dezembro, após médicos em Wuhan terem levantado os primeiros sinais de alerta, e de vários laboratórios “terem a sequência genética completa do vírus nos primeiros dias de janeiro, (...) as autoridades chinesas bloquearam a partilha de qualquer informação sobre o vírus”, até que um laboratório o publicou num website a 11 de janeiro, tornando inevitável a partilha da informação. Apesar do Relatório Conjunto indicar que a China partilhou o genoma completo a 10 de janeiro<sup>240</sup>, só a 11 de janeiro é que a OMS acusou a receção do mesmo, indicando que seria publicado brevemente.<sup>241</sup>

Tendo notificado a OMS a 31 de dezembro de 2019, passou-se um mês até à declaração da Emergência Global por parte da OMS, a 30 de janeiro de 2020, durante o qual “a epidemia propagou-se a um fator de 100 a 200 vezes, de acordo com os dados retrospectivos de infeção do Centro Chinês de Controlo e Prevenção de Doenças.”<sup>242</sup> Depois, demoraria mais duas semanas até partilhar informação mais detalhada sobre os pacientes que sofriam com o novo vírus.

Esta contenção de informação é mais do que uma estratégia de comunicação e tem impactos muito reais: ao evitar a partilha de informação até esta ser inevitável, atrasou-se a preparação da resposta por parte de outros estados:

---

<sup>239</sup> “...Privately, they complained in meetings the week of Jan. 6 that China was not sharing enough data to assess how effectively the virus spread between people or what risk it posed to the rest of the world, costing valuable time.” Press, “How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak.” *NBC News*.

<sup>240</sup> “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19),” 14.

<sup>241</sup> “Listings of WHO’s response to COVID-19,” World Health Organization, modificado a janeiro 29, 2021, acedido agosto 29, 2022. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covidtimeline>

<sup>242</sup> “...the outbreak spread by a factor of 100 to 200 times, according to retrospective infection data from the Chinese Center for Disease Control and Prevention.” Press, “How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak.” *NBC News*.

“O atraso na divulgação do genoma paralisou o reconhecimento da sua propagação a outros países, juntamente com o desenvolvimento global de testes, medicamentos e vacinas. A falta de dados detalhados sobre os pacientes também tornou mais difícil determinar a rapidez com que o vírus se estava a propagar - uma questão crítica para travar a sua propagação.”<sup>243</sup>

De acordo com a investigação da The Associated Press, enquanto a China se preparava para uma epidemia internamente – testando a sua população – a OMS e o resto do mundo permaneciam às escuras, agindo de acordo com a informação que a China passava a contagotas. Mesmo após Wuhan ter sido colocado sob quarentena, a OMS continuou a declarar “a propagação do novo coronavírus na China como “limitada”<sup>244</sup>, e enquanto autoridade internacional, esta era a informação sob a qual o resto do mundo atuava.

A China foi também responsável pela crença inicial de que o vírus não era facilmente transmissível entre seres humanos. Foi através da informação que partilhava à data com a OMS, e que esta anunciou ao mundo, que a levou a não recomendar restrições de viagens, medidas que mais tarde viriam a ser aplicadas à escala global, dada a elevada taxa de transmissão entre humanos que caracteriza a doença.

A 12 de janeiro de 2020 a OMS informaria o mundo através do Twitter de que não estava comprovada a transmissibilidade do vírus entre humanos (ver anexo 8). A 14 de janeiro reconfirmaria esta tese, conforme Tweet no anexo 9. Apenas a 19 de janeiro, a OMS retraí a sua posição e afirma que “De acordo com as últimas informações recebidas e análise da @WHO, há provas de transmissão limitada de #nCOV entre humanos.”<sup>245</sup>

Apesar de todos os obstáculos que a China colocou à partilha de dados essenciais ao combate à pandemia e à livre investigação no país, a OMS corroborou a narrativa chinesa ao agradecer publicamente variadas vezes. São exemplo disto a conferência de imprensa de 29 de

---

<sup>243</sup> “The delay in the release of the genome stalled the recognition of its spread to other countries, along with the global development of tests, drugs and vaccines. The lack of detailed patient data also made it harder to determine how quickly the virus was spreading — a critical question in stopping it.” Press, “How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak.” *NBC News*.

<sup>244</sup> “... ‘limited.’” Press, “How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak.” *NBC News*.

<sup>245</sup> Anexo 10

janeiro, em que Tedros Adhanom, Diretor-Geral da Organização elogiou a China pela sua “incrível dedicação”.<sup>246</sup>

Um dos argumentos que a The Associated Press avança como motivo para a OMS ter apostado em ilustrar a China de forma positiva e não denunciar as suas falhas de informação é o medo de que ao avançar mais agressivamente, a China se retraísse e ocultasse ainda mais informação.<sup>247</sup> **O que mais uma vez assegura a tese de que a China consegue ter vantagem e poder sobre a informação.**

#### **4.1.3. Impedimento de livre investigação**

Tratando-se de um vírus novo, a informação é chave, e a sua partilha essencial. Contudo, a China também não facilitou esta vertente, na sua tentativa de contenção de reputação face à pandemia e de consequentes responsabilidades.

Guiado por estas preocupações o PCC impediu a livre investigação internacional sobre o vírus no país. Tendo permitido visitas, como a que originou o Relatório da Missão Conjunta da OMS-China sobre o Coronavírus, de 20 a 21 de janeiro de 2020, mas não de forma independente.

Da mesma forma, e aplicando a diplomacia de “*wolf warrior*”, o PCC enveredou esforços para prevenir pedidos de investigação internacional, os quais foram crescendo com o passar do tempo. Quando os pedidos surgiam, frustrando os seus esforços, a China aplicava

---

<sup>246</sup> “...calling its level of commitment ‘incredible.’” Press, “How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak.” *NBC News*.

<sup>247</sup> “a agência tentou retratar a China da melhor maneira, provavelmente como um meio de assegurar mais informação.” “...the agency did try to portray China in the best light, likely as a means to secure more information.” *Ibidem*

medidas punitivas. No seguimento de pedidos de investigação por parte da Austrália, Estado contra o qual a China já aplica *sharp power*, Elizabeth Economy descreve a retaliação chinesa:

“O embaixador da China na Austrália, Cheng Jingye, sugeriu que a população chinesa deixasse de enviar os seus filhos para estudar na Austrália, beber vinho australiano, e comer carne de vaca australiana. No prazo de duas semanas após as declarações do embaixador, Pequim proibiu mais de um terço das exportações de carne de bovino australiana e impôs uma tarifa de 80% sobre a cevada australiana.”<sup>248</sup>

#### 4.1.4. Construção e Exportação da Narrativa de Sucesso e Solidariedade

Marcando um contraste com o paradigma cerrado característico do Estado chinês, e que este aplicou na gestão da narrativa COVID-19 – tendo procurado conter os aspetos mais negativos da sua resposta à pandemia – em paralelo, foram lançadas estratégias para sustentar a narrativa de sucesso na gestão do vírus.

Desde a divulgação dos hospitais *pop-up* à adesão à COVAX, a China procurou embelezar a sua luta contra a pandemia. Em primeiro lugar e apesar da contenção de informação e do circuito fechado dos *media* chineses, a construção dos hospitais “milagre” foi detalhadamente partilhada com o mundo.

Em fevereiro de 2020, enquanto no resto do mundo os hospitais se preparavam para as primeiras vagas da pandemia e muitos enfrentavam défices estruturais, a China apresentava

---

<sup>248</sup> “China’s ambassador to Australia Cheng Jingye suggested that the Chinese people would stop sending their children to study in Australia, drinking Australian wine, and eating Australian beef. Within two weeks of the ambassador’s remarks, Beijing banned more than one-third of Australia’s beef exports and levied an 80% tariff on Australian barley.” Economy, “The United States, China, and the Great Values Game,” In *COVID-19 and World Order*, 376.

uma solução eficiente e rápida: em menos de duas semanas construía dois hospitais dedicados exclusivamente ao tratamento de pacientes com COVID-19.<sup>249</sup>

Um milagre que não ficaria sozinho, pois rapidamente o PCC aliou a política de “Zero-COVID” à sua narrativa oficial da pandemia, apresentando uma eficiência extraordinária no achatamento da curva de infecções no país. (ver anexo 13).

A missão da China era não só convencer a opinião pública nacional, mas também expandir a sua influência e construir uma reputação como líder credível e mais eficiente do que os EUA. Para o fazer, o Estado-partido apostou ainda numa política de solidariedade através da distribuição gratuita de materiais de proteção individual, equipamento médico e vacinas.

Contudo, Elizabeth Economy aponta que esta a distribuição gratuita não era um sinal de altruísmo, mas parte do seu plano mais alargado de se sobrepôr aos EUA na liderança internacional. A oferta era feita em troca de publicidade:

“enquanto os diplomatas chineses forneciam PPE e apoio médico a dezenas de países, exigiam também que os países expressassem publicamente a sua gratidão pelo PPE e pelo ‘grande esforço e sacrifício’ da China em nome do resto do mundo. Se os países não agradecessem publicamente à China, Pequim ameaçava reter os seus recursos médicos.”<sup>250</sup>

A RPC aderiu ainda à COVAX Facility<sup>251</sup>, cujo objetivo passa por garantir o igual acesso à vacina contra a COVID-19, em todos os países. Importa notar que a notícia das Nações Unidas de 9 de outubro de 2020, que anuncia a adesão da China, fá-lo denotando negativamente a não adesão dos EUA. “Notavelmente, tanto os Estados Unidos como a Rússia ainda não

---

<sup>249</sup> Hannah Miller, "In pictures: China is building two hospitals in less than two weeks to combat coronavirus." *CNBC*, fevereiro 3, 2020, acessado dezembro 16, 2020. <https://www.cnn.com/2020/01/31/pictures-china-builds-two-hospitals-in-days-to-combat-coronavirus.html>

<sup>250</sup> “While Chinese diplomats provided PPE and medical support to tens of countries, they also demanded that the countries express public gratitude for the PPE and for China’s ‘great effort and sacrifice’ on behalf of the rest of the world. If countries did not publicly thank China, Beijing threatened to withhold its medical supplies.” Economy, “The United States, China, and the Great Values Game”, 376.

<sup>251</sup> É uma iniciativa conjunta da Coalition for Epidemic Preparedness Innovations, Gavi, da Organização Mundial de Saúde e da UNICEF. “COVAX.” World Health Organization, acessado junho 28, 2022. <https://www.who.int/initiatives/act-accelerator/covax>

aderiram.”<sup>252</sup> O que mais uma vez promove a narrativa do sucesso chinês *versus* o afastamento norte-americano da gestão internacional da pandemia.

Também na Assembleia Geral da ONU de 22 de setembro de 2020, Xi Jinping usou a plataforma para reafirmar o compromisso do país com a solidariedade internacional, apresentando a pandemia como uma batalha a ser vencida pela Humanidade. Reforçou a ideia de que os estados se devem ver como membros da “*same big family*”, e como tal, devem lutar juntos, pelo que a pandemia não deverá ser alvo de politização,<sup>253</sup> rejeitando assim o “*blame game*” que ele próprio tinha encetado.

#### 4.1.5. A China e a OMS

A expansão do poder chinês faz-se não só pelos *media*, mas também através do uso de organismos internacionais com ampla influência. No caso do COVID-19, a Organização Mundial de Saúde foi o alvo mais visível, que Elizabeth Economy afirma estar sob “o risco de ser capturado pela China de forma prejudicial para os interesses da comunidade internacional em geral.”<sup>254</sup>

O Relatório produzido pela Missão Conjunta da OMS-China sobre o Coronavírus, datado de 28 de fevereiro de 2020, que dá a conhecer os primeiros factos sobre o vírus,

---

<sup>252</sup> “Notably, both the United States and Russia have not so far signed on.” “China joins global effort to ensure COVID vaccine access for all.” United Nations | UN News, outubro 9, 2020, acessado dezembro 19, 2020.

<https://news.un.org/en/story/2020/10/1075032>

<sup>253</sup> “‘Enhance solidarity’ to fight COVID-19, Chinese President urges, also pledges carbon neutrality by 2060.” United Nations | UN News, setembro 22, 2020, acessado dezembro 19, 2021.

<https://news.un.org/en/story/2020/09/1073052>

<sup>254</sup> “...risk being captured by China in ways that are harmful to the interests of the larger international community.” Economy, “The United States, China, and the Great Values Game”, 382.

multiplica os elogios à resposta chinesa, apresentando-a como o modelo a seguir pela comunidade internacional.

Louvada pelo “extraordinário feito”<sup>255</sup>, a China foi apresentada como o herói altruísta que se sacrificou pela comunidade internacional. Já a sociedade chinesa foi parabenizada pela solidariedade<sup>256</sup> e pela submissão às regras e restrições, sem críticas. Por contraste, o Relatório aponta negativamente a falta de obediência da comunidade internacional, afirmando que:

“ainda não está preparada, mental e materialmente, para implementar as medidas que têm sido utilizadas para conter a COVID-19 na China. **Estas são as únicas medidas atualmente comprovadamente capazes de interromper ou minimizar as cadeias de transmissão nos seres humanos.**”<sup>257</sup>

O Relatório considera que as lições deixadas pela resposta chinesa não devem ser ignoradas. A OMS corrobora a narrativa chinesa, afirmando que “as medidas de prevenção e controlo têm sido implementadas rapidamente, desde as fases iniciais em Wuhan e outras áreas-chave de Hubei, até à atual epidemia nacional global.”<sup>258</sup>

Enfatiza também a eficiência da resposta chinesa, a qual, implementou medidas rigorosas de controlo, mesmo antes da OMS declarar a Emergência Global, como a citação indica:

“A 20 de Janeiro, a COVID-19 foi incluída no relatório notificável de doenças infecciosas de classe B e doenças infecciosas de quarentena na fronteira, com controlos de temperatura, declarações de cuidados de saúde, e quarentena contra a COVID-19 instituída nos depósitos de transporte, de acordo com a lei. A 23 de Janeiro, Wuhan implementou restrições de tráfego

---

<sup>255</sup> “...extraordinary feat...” “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 19.

<sup>256</sup> “A contenção desta pandemia, porém, tem sido feita com grande custo e sacrifício por parte da China e do seu povo, tanto em termos humanos como materiais.” “*Containing this outbreak, however, has come at great cost and sacrifice by China and its people, in both human and material terms.*” *Ibidem*, 17.

<sup>257</sup> “...is not yet ready, in mindset and materially, to implement the measures that have been employed to contain COVID-19 in China. These are the only measures that are currently proven to interrupt or minimize transmission chains in humans.” *Ibidem*, 19.

<sup>258</sup> “The prevention and control measures have been implemented rapidly, from the early stages in Wuhan and other key areas of Hubei, to the current overall national epidemic.” *Ibidem*, 14.

rigorosas.”<sup>259</sup>

“Velocidade notável”,<sup>260</sup> “cobertura excepcional”, “solidariedade marcante”<sup>261</sup>, “única e sem precedentes”<sup>262</sup>, são as expressões que o Relatório utiliza para descrever a resposta chinesa, ou nas palavras da OMS “o esforço de contenção de doença mais ambicioso, ágil e agressivo da história”<sup>263</sup> transformando o Estado no modelo a seguir a nível internacional.

Reitera-se que esta resposta eficaz e antecipada foi responsável pela contenção do vírus não só na China, mas no mundo, não se referindo os casos que poderiam ter sido identificados e evitados se a China tivesse partilhado os dados expeditamente, dando tempo resposta ao resto do mundo. O Relatório afirma que:

**“a ousada abordagem da China para conter a rápida propagação deste novo patógeno respiratório alterou o curso de uma epidemia rápida e mortífera. Uma estatística particularmente convincente é que no primeiro dia de trabalho da equipa avançada foram comunicados 2478 casos recentemente confirmados de COVID-19 na China. Duas semanas depois, no último dia desta Missão, a China comunicou 409 casos recentemente confirmados. Este declínio nos casos de COVID-19 em toda a China é real.”**<sup>264</sup>

Declarações que não só apoiam a liderança da China na luta contra a COVID-19 a nível internacional, mas que simultaneamente advogam a veracidade dos números apresentados.

O Relatório declara que a redução de casos na China “desempenhou um papel significativo na proteção da comunidade global e na criação de uma primeira linha de defesa

---

<sup>259</sup> “On 20 January, COVID-19 was included in the notifiable report of Class B infectious diseases and border health quarantine infectious diseases, with temperature checks, health care declarations, and quarantine against COVID-19 instituted at transportation depots in accordance with the law. On 23 January, Wuhan implemented strict traffic restrictions.” “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 15.

<sup>260</sup> “...remarkable speed...” *Ibidem*, 16.

<sup>261</sup> “...exceptional coverage...” *Ibidem*, 17.

<sup>262</sup> “...unique and unprecedented...” *Ibidem*, 19.

<sup>263</sup> “...the most ambitious, agile and aggressive disease containment effort in history.” *Ibidem*, 16.

<sup>264</sup> “China’s bold approach to contain the rapid spread of this new respiratory pathogen has changed the course of a rapidly escalating and deadly epidemic. A particularly compelling statistic is that on the first day of the advance team’s work there were 2478 newly confirmed cases of COVID-19 reported in China. Two weeks later, on the final day of this Mission, China reported 409 newly confirmed cases. This decline in COVID-19 cases across China is real.” *Ibidem*, 17.

mais forte contra a propagação internacional.”<sup>265</sup> Mas, enquanto a China saía de cara lavada da 1ª vaga da COVID-19, o resto do mundo apenas começava a preparar a sua resposta, tardiamente, graças também aos atrasos e contenções de informação que variadas vezes levaram a OMS a fazer declarações erróneas, através das quais o mundo se regia. Durante março as infeções na China não ultrapassam os 1000 novos casos por semana<sup>266</sup>, face aos EUA onde a 30 de março de 2020 se atingiam os 176150 novos casos por semana.<sup>267</sup>

O problema não é apenas a óbvia propaganda que é feita via OMS, o maior perigo é que estas afirmações e elogios não correspondem à realidade e ao serem perpetradas por uma instância com uma influência global e com uma reputação credível como a OMS, ganham maior tração.

Além de não fazer menção às falhas de informação, à contenção de dados e ao atraso na gestão da pandemia, o Relatório glorifica a resposta chinesa, associando o seu sucesso a medidas não-farmacêuticas, com margens de atuação que são caracteristicamente autoritárias. Desde políticas públicas ao uso de tecnologia de ponta, como o G5, plataformas de BigData e Inteligência Artificial em prol do controlo e gestão da pandemia, a China instrumentalizou ferramentas sem preocupação para com as liberdades, garantias e direitos dos seus cidadãos. A RPC usou a tecnologia para controlar e rastrear pessoas<sup>268</sup>, sem limites, e foi aplaudida e apresentada como modelo a seguir por isso, conforme a seguinte passagem clarifica:

“A China capitalizou o uso de tecnologia, Big Data e IA para a preparação, prontidão e resposta à COVID-19. Informação autoritária e fiável, orientação médica, acesso a serviços

---

<sup>265</sup> “...has also played a significant role in protecting the global community and creating a stronger first line of defense against international spread.” “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 17.

<sup>266</sup> “China,” World Health Organization, acessado setembro 11, 2022.

<https://covid19.who.int/region/wpro/country/cn>

<sup>267</sup> “United States of America,” World Health Organization, acessado setembro 11, 2022.

<https://covid19.who.int/region/amro/country/us>

<sup>268</sup> “Foram aplicadas novas tecnologias tais como o uso de Big Data e inteligência artificial (IA) para reforçar o rastreio de contactos e a gestão de populações prioritárias” “New technologies were applied such as the use of big data and artificial intelligence (AI) to strengthen contact tracing and the management of priority populations.” “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 15.

online, fornecimento de ferramentas educacionais e ferramentas de trabalho remoto foram desenvolvidos e utilizados em toda a China. Estes serviços aumentaram a acessibilidade aos serviços de saúde, **reduziram a desinformação e minimizaram o impacto de notícias falsas.**<sup>269</sup>

Tenha a OMS sido motivada por um medo de represálias por parte de uma China com o monopólio da informação cuja partilha poderia suspender por completo, ou por ter sido diretamente manipulada, a verdade é que o relatório produzido louvou a ação chinesa, reforçou a posição de liderança chinesa, não teceu críticas nem exigiu justificações quanto à crónica falha de informação, e passou uma “carta branca” ao PCC.

De forma geral, o Relatório avalia a resposta chinesa de forma muito positiva, corrobora a narrativa chinesa, reforça a sua luta pela liderança global, tornando a OMS num dos maiores aliados da China no primeiro ano da pandemia. A Organização não só avalia positivamente a gestão chinesa, como recomenda ao mundo que siga o exemplo chinês, aplicando as pioneiras práticas não-farmacêuticas.<sup>270</sup>

Numa altura em que a pandemia se disseminava pelo mundo, e a contenção da propagação entre estados era mais urgente, o Relatório Conjunto desaconselha contra restrições excessivas no que toca a deslocações e comércio com a China, como demonstrado na citação:

“É ainda mais urgente agora, com a escalada da epidemia de COVID-19 fora da China, reavaliar constantemente quaisquer restrições às viagens e/ou comércio para a China que vão além das recomendações do Comité de Emergência do RSI sobre a COVID-19”.<sup>271</sup>

---

<sup>269</sup> “China has capitalized on the use of technology, big data and AI for COVID-19 preparedness, readiness and response. Authoritative and reliable information, medical guidance, access to online services, provision of educational tools and remote work tools have been developed in and used across China. These services have increased accessibility to health services, reduced misinformation and minimized the impact of fake news.”

“Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 31.

<sup>270</sup> *Ibidem*

<sup>271</sup> “It is even more urgent now, with escalating COVID-19 outbreaks outside of China, to constantly reassess any restrictions on travel and/or trade to China that go beyond the recommendations of the IHR Emergency Committee on COVID-19.” *Ibidem*, 18.

Medidas que se tornaram um dos *trademarks* da resposta à COVID-19, aplicadas em quase uníssono global, e que até aos dias de hoje se mantêm, tendo vindo a ser reajustadas com o aparecimento das vacinas. Ainda assim, o Relatório desaconselha a prática que a própria China usou: o encerramento das fronteiras. A 28 de março de 2020, a RPC fechou as suas fronteiras a estrangeiros, limitando fortemente a entrada no país.<sup>272</sup>

Também a autora Elizabeth Economy realça como as afirmações da OMS levantavam preocupações sobre a instrumentalização da organização pela China, como as suas palavras evidenciam:

“os apelos da OMS para que a comunidade internacional evite impor proibições de viagem ou isolar a China, a sua relutância em declarar uma Emergência de Saúde Pública de Preocupação Internacional, e os seus elogios à forma como o governo chinês lidou com a crise levantou sérias questões na mente de muitos observadores sobre indevida influência chinesa”<sup>273</sup>

#### **4.1.6. O *Blame Game***

Como parte da estratégia chinesa de deflacionar e distrair a opinião pública da narrativa de que o vírus tinha tido origem na China, o país criou várias realidades alternativas, encetando um “*blame game*”. Os EUA e a Itália foram os principais alvos destas acusações ou histórias alternativas.<sup>274</sup>

Por um lado, o Ministério de Negócios Estrangeiros chinês criticava o Presidente dos EUA, Donald Trump e o seu Vice-Presidente, Mike Pence, por chamarem de “vírus chinês” à COVID-19 e afirmarem que o mesmo tinha tido origem na RPC, de acordo com os dados

---

<sup>272</sup> Doug Palmer, "China closes border to foreign travelers." *POLITICO*, março 26, 2020, acessado agosto 29, 2022. <https://www.politico.com/news/2020/03/26/china-closes-border-150455>

<sup>273</sup> “...the WHO’s calls for the international community to avoid imposing travel bans or otherwise isolating China, its reluctance to declare a Public Health Emergency of International Concern, and its praise for the Chinese government’s handling of the crisis raised serious questions in the minds of many observers about undue Chinese influence” Economy, "The United States, China, and the Great Values Game", 375.

<sup>274</sup> Cook, "Beijing’s Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets."

conhecidos à data, acusando-os de racismo. Por outro lado, e mais uma vez perpetuando o jogo da culpa, foi reportado que a Embaixada Chinesa em Tóquio se referia ao vírus como o ““coronavírus japonês””.<sup>275</sup>

Simultaneamente, o PCC enveredou esforços no sentido de manchar a reputação do seu maior adversário, os EUA, criticando a sua gestão desumana da pandemia, a política de America First face à solidariedade comunitária chinesa, e até criticando a sua decisão de aplicar um *travel ban*. Esta última medida acabou por ser aplicada de forma generalizada a nível mundial, e recomendada por organizações como a Organização Mundial de Saúde, sem despoletar consequências negativas ou criticismo por parte da RPC.

Contudo, a 12 de março de 2020, quando a medida de restringir as viagens entre os EUA e a Europa, foi anunciada por Donald Trump, provocou uma onda de críticas nas redes sociais chinesas.<sup>276</sup> Ainda que como já foi mencionado, a própria RPC encerrasse as suas fronteiras a cidadãos estrangeiros.

Paralelamente, a China procurou associar o COVID-19 com solidariedade e responsabilidade, contudo, não assumiu responsabilidade pela expansão inicial do vírus e a sua exportação mundial. “O apertado controlo sobre a informação, bem como a falta de transparência, uma comunicação social aberta, e o Estado de direito, atrasaram a transmissão de informação crítica que poderia ter contido a propagação do vírus nas suas fases iniciais.”<sup>277</sup>

O autoritário e repressivo regime chinês, com a preocupação em conter informação prejudicial, “manipulou e destruiu informação sobre o verdadeiro número de casos e mortes”<sup>278</sup>,

---

<sup>275</sup> “... ‘Japanese coronavirus’...” Charlie Campbell, “‘What Is He Afraid Of?’ Trump’s European Travel Ban Prompts Scorn in China.” *TIME*, março 12, 2020, acedido dezembro 19, 2020. <https://time.com/5801617/china-coronavirus-us-europe-travel-ban/>

Cook, “Beijing’s Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets.”

<sup>276</sup> Campbell, “‘What Is He Afraid Of?’ Trump’s European Travel Ban Prompts Scorn in China.” *TIME*.

<sup>277</sup> “The tight control over information, as well as the lack of transparency, an open media, and the rule of law, delayed the transmission of critical information that could have contained the spread of the virus in its initial stages.” Economy, “The United States, China, and the Great Values Game”, 373.

<sup>278</sup> “... manipulated and destroyed information regarding the true number of cases and deaths...” *Ibidem*

prende críticos, jornalistas e cientistas que tentaram investigar independentemente ou passar informação para o exterior.<sup>279</sup>

Na sua luta pelo poder, a pandemia serviu como distração para a expansão do seu poder duro, da região do pacífico às mais altas instâncias de cooperação internacional. No caso de Taiwan, a China aproveitou para afirmar a sua soberania sobre a mesma, impondo o seu poder a nível internacional para impedir o acesso direto aos briefings da OMS sobre a COVID-19, bem como a participação na reunião anual da Assembleia da OMS.<sup>280</sup>

Os exemplos evidenciam como a China procurou expandir o seu poder, através da manipulação de informação, ingerência em organismos internacionais e agentes de *media*, instrumentalizando-os para promoverem a sua narrativa. Esta é uma ameaça real e: “como a pandemia sublinhou, se não for abordada, as instituições internacionais, como a OMS, arriscam-se a ser capturadas pela China de forma prejudicial para os interesses da comunidade internacional em geral.”<sup>281</sup>, avisa Elizabeth Economy.

#### **4.1.7. A batalha dos valores**

Na base dos esforços de influência chinesa estavam motivos que em nada se relacionavam com o COVID-19: por um lado a necessidade de sobrevivência e manutenção da união, do “consenso da verdade” a nível interno; por outro, a oportunidade de usar a luta contra a pandemia para afirmar a liderança chinesa, a nível internacional.

---

<sup>279</sup> Economy, "The United States, China, and the Great Values Game", 373.

<sup>280</sup> *Ibidem*, 374.

<sup>281</sup> “Moreover, as the pandemic underscored, if left untended, international institutions, such as the WHO, risk being captured by China in ways that are harmful to the interests of the larger international community.” *Ibidem*, 382.

Assim, de acordo com as ligações explicadas por Elizabeth Economy<sup>282</sup> houve um alinhamento de objetivos: vencer a guerra contra a COVID-19 passou também a significar vencer a batalha contra os EUA, o ocidente, e os valores que este mundo representa. Face ao caos a China apresentou ordem; no lugar do individualismo e egoísmo, mostrou solidariedade; onde o ocidente representou desgoverno ou falta de liderança, a China demonstrou uma liderança forte e capaz.

A pandemia transformou-se numa questão essencial de sobrevivência, concorrência e influência ligada ao centro de gravidade da República Popular da China. Tendo como objetivos estabelecer-se regional e globalmente, impor uma ordem internacional alternativa à ordem existente, como demonstrado no terceiro capítulo, o primeiro passo é desacreditar esta última. Neste parâmetro a pandemia criou a oportunidade ideal pois evidenciou os problemas existentes, e perante a mesma, a ordem revelou-se obsoleta. Assim, criou-se o momento para a RPC se afirmar face à deterioração do sistema liberal. De forma intrínseca, depor os EUA, líder do sistema, era vital para atingir os objetivos. Com a pandemia aprofundou-se o conflito entre as duas potências, caídas na “armadilha de Tucídides”.

O deteriorar da ordem vinha a ser acentuado pela viragem da política externa norte-americana, marcadamente focada no bilateralismo e no *America First* em detrimento dos compromissos multilaterais. E o COVID-19 não foi exceção. Pelo contrário, durante a pandemia os EUA exacerbaram a sua posição.

“Crises globais inevitavelmente levantam questões sobre a liderança global”<sup>283</sup>, e neste campo os EUA ficaram aquém do esperado. Internamente, a incapacidade de responder ao desafio da COVID-19 veio juntar-se aos já evidentes problemas na Democracia liberal, enfraquecendo a imagem da potência. A nível internacional, a falta de liderança dos EUA a

---

<sup>282</sup> Economy, "The United States, China, and the Great Values Game"

<sup>283</sup> "Global crises inevitably raise questions of global leadership." Economy, "The United States, China, and the Great Values Game", 369.

nível mundial, aliada a uma política externa que não cuida das instituições e normas multilaterais que deveria defender, aprofundou o vazio de poder.

E a China, aplicando a máxima de Sun Tzu de “a oportunidade que nos permite derrotar o inimigo é-nos fornecida pelo próprio inimigo”<sup>284</sup> aproveitou este vazio para tentar exportar uma imagem positiva, associando a sua luta contra a COVID-19 com a solidariedade em prol da comunidade internacional, estabelecendo-se como *benchmark* internacional, avançando um modelo de *governance* alternativo e eficiente (pelo menos de acordo com os números de contágio que indicava), apresentando-se de forma aparentemente altruísta e benévola como candidato ao cargo que os EUA pareciam deixar vago.

O artigo de Zhang Weiwei no CGTN *China's victory over COVID-19 underpinned by noble values*, espelha claramente esta mensagem:

“Hoje, o conjunto de valores nobres que sustentaram a vitória da China sobre a COVID-19 deromantizou o mundo ocidental, o modelo ocidental, e a narrativa ocidental. Esta nova onda de emancipação da mente vai ajudar a China a marchar para o centro do palco mundial com mais confiança.”<sup>285</sup>

Para o autor a China venceu porque os seus valores são superiores aos ocidentais: a primazia por “todas as vidas” face à visão mais utilitarista ocidental; a solidariedade ao serviço do Estado, em nome das pessoas, em contraste com a visão mais individualista do mundo livre; a responsabilidade coletiva que impera sobre a Liberdade individual; o sentido de responsabilidade comunitária contra o unilateralismo do *America First*; o uso da tecnologia de informação ao serviço da comunidade *versus* a Liberdade que alimenta o caos.

---

<sup>284</sup> Tzu, *Arte da Guerra*, 53.

<sup>285</sup> “Today, the set of noble values that underpinned China's victory over COVID-19 has deromanticized the Western world, the Western model, and the Western narrative. This new wave of emancipation of the mind is bound to help China march to the center of the world stage with more confidence.” Weiwei, “China's victory over COVID-19 underpinned by noble values.” *CGTN*

Na China a Nação vem em primeiro lugar e só depois o indivíduo.<sup>286</sup>No ocidente os papéis invertem-se, e a Liberdade de cada um entra em direto confronto com o Estado. Ao passo que na China, e de acordo com Relatório Conjunto da OMS como já demonstrado, eram tomadas as medidas necessárias para conter o vírus, no ocidente essas mesmas medidas, como por exemplo a restrição à circulação, o uso de máscaras ou o distanciamento entre indivíduos, levavam a protestos e críticas.<sup>287</sup>

Segundo Zhang Weiwei estes problemas mostram os perigos e fraquezas intrínsecos à Liberdade. É este o verdadeiro valor em questão na pandemia: "A noção de liberdade, o núcleo do liberalismo e da democracia ocidentais".<sup>288</sup>

Para Elizabeth Economy<sup>289</sup> e Zhang Weiwei<sup>290</sup>, a China procurou usar o momento COVID-19 como rampa de lançamento para a liderança da comunidade internacional. Associando a sua luta com a luta de todos, de índole solidária, alavancando o “sentido de responsabilidade do povo chinês para com a comunidade internacional”, como forma de mascarar o seu avanço de pacífico.

Com as palavras ordem “eficiência” e “eficácia”, a China apresentou-se como modelo moral a seguir. Em resumo:

“proporcionar ao seu povo a liberdade e os direitos humanos no **verdadeiro sentido dos termos**. (...) colocar a vida das pessoas em primeiro lugar, solidariedade, um equilíbrio entre **liberdade e autodisciplina, o sentido de uma comunidade global com um futuro partilhado**, e ‘modernidade centrada nas pessoas’.”<sup>291</sup>

---

<sup>286</sup> Vaz-Pinto, *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen*

<sup>287</sup> Rita Rato Nunes, "Berlim, Londres, Paris. Milhares nas ruas contra as medidas sanitárias anti-covid." *Diário de Notícias*, agosto 29, 2020, acessado setembro 25, 2022. <https://www.dn.pt/mundo/berlim-londres-paris-milhares-nas-ruas-contras-medidas-sanitarias-anti-covid-12564664.html>

<sup>288</sup> “*The notion of freedom, the core of Western liberalism and democracy...*” Weiwei, "China's victory over COVID-19 underpinned by noble values." *CGTN*

<sup>289</sup> Economy, "The United States, China, and the Great Values Game"

<sup>290</sup> Weiwei, "China's victory over COVID-19 underpinned by noble values." *CGTN*

<sup>291</sup> “...to deliver to its people freedom and human rights in the true sense of the terms. (...) putting people's lives first, solidarity, a balance between freedom and self-discipline, the sense of a global community with a shared future, and ‘people-centered modernity.’” *Ibidem*

A pandemia expôs as fragilidades da ordem internacional, que precisa de reforma, e simultaneamente “...revelou o alcance e a escala da ambição da China de remodelar a paisagem geoestratégica e reformar as instituições internacionais para refletir as suas normas, valores, e políticas preferenciais.”<sup>292</sup>

De acordo com Elizabeth Economy<sup>293</sup> o momento COVID-19 também serviu para a expansão do modelo chinês, não da sua ideologia, mas de elementos de *governance* autoritários. Por outro lado, os seus esforços são consistentemente defraudados pela falta de transparência, violações dos direitos humanos e desrespeito pelas normas internacionais, que semeiam a desconfiança pelo regime.

Em suma,

“A China (...) procurou agarrar o título de líder mundial. Forneceu apoio material e técnico para grande parte do mundo e prometeu uma assistência significativa para enfrentar o desafio de futuras pandemias. No entanto, a sua resposta foi prejudicada tanto pela **falta de transparência como pela falta de responsabilização** que permitiu a propagação do vírus dentro e fora da China e a **sua diplomacia presunçosa e coerciva.**”<sup>294</sup>

Na guerra contra a COVID-19, havia mais em jogo do que apenas vencer a pandemia. O que verdadeiramente estava a ser desafiado era o lugar de potência líder, no sentido em que os ideais e normas que a caracterizam definem em larga medida os ideais e normas do sistema internacional. Era o sistema liberal *versus* o sistema autocrático.

---

<sup>292</sup> “...laid bare the scope and scale of China’s ambition to reshape the geostrategic landscape and reform international institutions to reflect its preferred norms, values, and policies.” Economy, “The United States, China, and the Great Values Game”, 370.

<sup>293</sup> *Ibidem*

<sup>294</sup> “China (...) sought to grasp the mantle of global leadership. It provided material and technical support for much of the world and pledged significant assistance to meet the challenge of future pandemics. Its response was marred, however, by both a lack of transparency and accountability that enabled the virus to spread within China and abroad and its self-aggrandizing and coercive diplomacy.” *Ibidem*, 370.

#### 4.1.8. E quanto aos seus efeitos?

A China quis apresentar-se como a referência mundial de combate à COVID-19. O Relatório Conjunto China-OMS afirma até que as medidas aplicadas pela China “...são as únicas medidas atualmente comprovadamente capazes de interromper ou minimizar as cadeias de transmissão nos seres humanos.”<sup>295</sup>

Porém, hoje, após o aparente sucesso inicial em que a China logrou “achatar a curva” enquanto os restantes estados começavam a preparar-se para combater o vírus, a situação inverteu-se. Hoje o coronavírus no ocidente atingiu níveis que permitiram uma reabertura e relaxamento das restrições. No caso específico dos EUA, nem todos os estados chegaram a decretar confinamento. Mas os que o fizeram, retiraram a medida ainda durante o primeiro ano da pandemia, 2020.<sup>296</sup>

A China, por contraste, tinha conseguido achatar a curva até ao início do ano de 2022<sup>297</sup>, altura em que os números começaram a subir exponencialmente. Mantendo-se fiel à sua política de “COVID-ZERO”, vê-se obrigada a aplicar medidas de prevenção do vírus, tendo decretado novamente confinamento, em pelo menos 68 cidades, para “dezenas de milhões de pessoas nas megacidades do Sul, na sequência de campanhas de testes em massa.”<sup>298</sup>

É neste contexto que importa avaliar os resultados da tentativa de gerir as perceções sobre a China e a COVID-19. Segundo Joseph Nye, como referido no primeiro capítulo, o *soft power* mede-se pelas opiniões mudadas. Da mesma forma, o poder duro avalia-se pela sua capacidade de obrigar os outros a mudar de política ou ação, através da coerção.

---

<sup>295</sup> “...are the only measures that are currently proven to interrupt or minimize transmission chains in humans.” “Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19).” World Health Organization, 19.

<sup>296</sup> “COVID-19 restrictions.” *USA TODAY*, julho 11, 2022, acessado setembro 25, 2022. <https://eu.usatoday.com/storytelling/coronavirus-reopening-america-map/#restrictions>

<sup>297</sup> “China,” World Health Organization.

<sup>298</sup> “...for tens of millions of people in the southern megacities following mass testing campaigns.” Primrose Riordan et al. “China extends Covid lockdowns for tens of millions in Chengdu and Shenzhen.” *Financial Times*, setembro 5, 2022, acessado setembro 25, 2022. <https://www.ft.com/content/62bab8f1-859b-4aa0-9699-ff12f535040a>

Assim, além dos argumentos expostos neste capítulo, falta analisar e responder à pergunta se terá a China conseguido mudar as percepções sobre a sua gestão da pandemia. O relatório *The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy* produzido pelo International Federation of Journalists incide sobre isto mesmo, tendo levado a cabo uma investigação internacional, procurando decifrar a estratégia chinesa para a COVID-19 e o seu impacto nos *media* e no jornalismo livre e independente. A conclusão a que chegam é clara: **a China usou a pandemia para impulsionar uma imagem positiva.**<sup>299</sup>

Um dos fatores chave na gestão de percepção é o controlo da informação, conforme demonstrado no segundo capítulo, e neste caso a RPC possuía a vantagem de “jogar em casa”, num território onde a informação já é controlada diariamente. A isto adiciona-se a repressão e até revogação de vistos de jornalistas estrangeiros, tornando-se assim impossível obter informação imparcial, fora dos canais oficiais chineses. Os resultados do relatório sustentam o argumento:

“56% de todos os países reportaram que a cobertura da China no seu país se tinha tornado mais positiva de forma geral desde o início da pandemia COVID-19, enquanto apenas 24% afirmaram que a cobertura da China se tinha tornado mais negativa.”<sup>300</sup>

Adicionalmente,

“Quando se pediu aos países que classificassem como a cobertura da China tinha mudado desde a pandemia numa escala de 1 a 10, sendo 1 muito negativo e 10 muito positivo, o resultado médio foi de 5,38. A Europa foi o continente que viu as maiores mudanças positivas na cobertura da China, com uma pontuação de 6,3. No outro extremo do espectro, a América do Norte viu as mudanças mais negativas na cobertura da China, com uma pontuação de 3,5.”<sup>301</sup>

---

<sup>299</sup> Lim et al, “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.”2.

<sup>300</sup> “..., 56 percent of all countries reported that coverage of China in their country had become more positive overall since the Covid-19 outbreak, while only 24 percent said coverage of China had become more negative.” *Ibidem*, 3.

<sup>301</sup> “When countries were asked to rate how coverage of China had changed since the pandemic on a scale of 1 to 10, with 1 being very negative and 10 being very positive, the mean result was 5.38. Europe was the continent which saw the biggest positive changes to China coverage, scoring 6.3. On the other end of the spectrum, North America saw the most negative changes to China coverage, scoring 3.5.” *Ibidem*

Também a investigação *Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries* conduzida pelo Pew Research Center, entre 10 de junho e 3 de agosto de 2020, incide especificamente sobre o tema da COVID-19 e a China. A amostra do relatório foi constituída por 14276 sujeitos de 14 países desenvolvidos: EUA, Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Países Baixos, Espanha, Suécia, Reino Unido, Austrália, Japão e Coreia do Sul.<sup>302</sup>

Nestes países a opinião negativa sobre a China superou a positiva, com uma mediana de 73%. O Japão, a Suécia e a Austrália são os casos mais evidentes, com uma percentagem de 86%, 85% e 81% de perceção negativa, respetivamente.

O Relatório regista um aumento das perceções negativas sobre a China, que “surge entre críticas generalizadas sobre a forma como a China tem lidado com a pandemia do coronavírus”<sup>303</sup>. A correlação mostrada argumenta a favor da tese de que o *sharp power*, pelas suas características decetivas e manipulativas, causa desconfiança.

Pelo menos é o que parece ter acontecido na Austrália. O “feitiço virou-se contra o feiticeiro” e as tentativas para encobrir as origens do vírus, geraram uma perceção ainda mais negativa. Como? A Austrália foi um dos estados que pediu investigação independente sobre as origens do vírus, e como resposta a China aplicou medidas punitivas, como demonstrado por Elizabeth Economy neste mesmo capítulo. O resultado foi uma subida de 24 pontos percentuais das opiniões negativas sobre a China, de 2019 para 2020.

Especificamente em relação à gestão do vírus, a mediana de 61% afirma que “a China fez um mau trabalho a lidar com a epidemia coronavírus”<sup>304</sup>. Comparativamente, o gráfico (anexo 12) evidencia que desta amostra, que inclui vários países e a própria OMS, apenas os

---

<sup>302</sup> Silver et al. “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 2.

<sup>303</sup> “The rise in unfavorable views comes amid widespread criticism over how China has handled the coronavirus pandemic.” *Ibidem*, 5.

<sup>304</sup> “...China has done bad job handling COVID-19...” *Ibidem*

EUA suplantam a China, com uma mediana de 84% a afirmar que o país “fez um mau trabalho a lidar com a epidemia coronavírus”. Como a seguinte passagem mostra:

**“A exceção a este padrão surge nas avaliações da gestão do vírus por parte dos Estados Unidos, que recebe classificações ainda mais negativas na sua estratégia COVID-19: Uma mediana de 84% acredita que a resposta americana à pandemia tem sido má, enquanto apenas 15% a classificam como boa.”**<sup>305</sup>

As opiniões nestes países mantêm-se francamente mais positivas em relação à China do que aos EUA, com 23 pontos percentuais de diferença. Ainda assim, apesar de este ser um resultado que favorece a China, não é possível afirmar que se deve apenas aos esforços chineses. Todas as tentativas de prejudicar a imagem dos EUA foram também auxiliadas pelas próprias políticas norte-americanas.

As perceções negativas sobre os EUA superam também as da China no campo específico da confiança nos seus líderes. O Relatório afirma que ao passo que “as preocupações acerca de Xi aumentam, na maioria dos países, há mais confiança no Presidente Xi do que no Presidente Trump.”<sup>306</sup> Enquanto uma mediana de 78% afirma que “não têm confiança no Presidente chinês, Xi Jinping, para fazer a coisa certa em relação aos assuntos mundiais”<sup>307</sup>, no mesmo inquérito – o Summer 2020 Global Attitudes survey – uma mediana de 83% declara “não ter confiança no Presidente dos EUA para fazer a coisa certa em relação aos assuntos mundiais”.<sup>308</sup>

---

<sup>305</sup> “The exception to this pattern comes in assessments of the United States’ handling of the virus, which receives even more negative ratings on its COVID-19 strategy: A median of 84% believe the American response to the pandemic has been bad, while just 15% rate it as good.” Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 12.

<sup>306</sup> “...as concerns about Xi rise, in most countries, more have faith in President Xi than in President Trump.” *Ibidem*, 6.

<sup>307</sup> “...they have no confidence in Chinese President Xi to do the right thing when it comes to international affairs...” *Ibidem*, 15.

<sup>308</sup> “...they have no confidence in the U.S. president to do the right thing in world affairs.” Richard Wike et al. “U.S. Image Plummets Internationally as Most Say Country Has Handled Coronavirus Badly.” *Pew Research Center*, setembro 15, 2020, acedido setembro 4, 2022. <https://www.pewresearch.org/global/2020/09/15/us-image-plummets-internationally-as-most-say-country-has-handled-coronavirus-badly/>

#### 4.1.9. Respostas ao *Sharp Power*

A verdade é que o *sharp power* está a expandir-se, mas e como Michael Cole e Sarah Cook demonstram nos seus relatórios *The Hard Edge of Sharp Power*<sup>309</sup> e *Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence*<sup>310</sup>: é possível responder-lhe.

Enquanto Michael Cole apoia uma posição mais ligada à “ilegalização” das táticas de *sharp power*, procurando preencher o vazio legal que atualmente existe<sup>311</sup>, Sarah Cook defende uma abordagem alicerçada na sociedade civil e nos *media*.<sup>312</sup>

A autora alerta que: “O PCC adota uma abordagem global da sociedade ao controlo autoritário, e uma resposta global da sociedade - como apropriado numa política democrática - é necessário.”<sup>313</sup> Da sociedade civil, aos *media*, ao governo, à academia e setor educativo, às empresas, todos os agentes são necessários para responder ativamente a este risco.

Sarah Cook apresenta uma coletânea de respostas eficazes (ver anexo 7), sendo que o que todas estas têm em comum: partem de importantes *stakeholders* de uma sociedade livre, seja os *media*, empresas de tecnologia, *thinktanks*, até à própria sociedade civil. É nas respostas não governamentais que se encontram as respostas ao *sharp power*, as quais podem assumir variadas formas, como Sarah Cook afirma:

“...projetos de apoio ao jornalismo de investigação relacionado com a China, documentação das narrativas dos meios de comunicação social e da atividade dos meios de comunicação social por parte dos meios estatais e diplomatas chineses, estudos de casos aprofundados de redes de influência em vários cenários, e dossiers políticos bem informados oferecendo soluções legislativas, regulamentares e outras soluções concretas aos decisores.”<sup>314</sup>

---

<sup>309</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power

<sup>310</sup> Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence"

<sup>311</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power, 22-23.

<sup>312</sup> Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence", 9-16.

<sup>313</sup> "The CCP takes a whole-of-society approach to authoritarian control, and a whole-of-society response—as appropriate in a democratic polity—is necessary." *Ibidem*, 14.

<sup>314</sup> "...projects to support investigative journalism related to China, documentation of media narratives and social media activity by Chinese state outlets and diplomats, in-depth case studies of influence networks in

Para a autora um dos objetivos comuns das respostas que têm surgindo é a exposição e análise das táticas de desinformação. E na sua investigação identifica 4 áreas essenciais de ação: na investigação; nos *media*; na sociedade civil e nas empresas de tecnologia.

Recomenda então que se investigue e identifique claramente as táticas usadas pela China, promovendo este conhecimento por toda a sociedade. Na área do jornalismo, a principal ação será a rejeição ou suspensão de acordos de partilha de conteúdos desenvolvidos por *media* controlados pelo estado chinês ou mesmo publicidade paga.<sup>315</sup>

Tanto os *media* como as empresas de tecnologia devem fazer um esforço para identificar claramente os autores de conteúdos, como por exemplo, tanto o Twitter como o Facebook já começaram a fazer (ver anexo 7). E podem agir no sentido de identificar e remover contas falsas, e campanhas de desinformação.

Já os indivíduos e a sociedade civil em geral podem promover a literacia mediática, através da divulgação e partilha de conhecimento e de boas práticas. Adicionalmente, podem apresentar queixas formais e trabalhar com os legisladores e políticos no sentido de encontrar soluções que promovam a transparência de investimentos e a proteção de dados.<sup>316</sup>

A academia deve investigar e expor as táticas chinesas de forma racional e credível, encontrando mecanismos para identificar facilmente novas medidas de influência e manipulação. Os *media* têm de ser consciencializados para os perigos da colaboração com entidades ligadas ao PCC, e ao potencial risco de comprometerem a sua imparcialidade jornalística. Além da descontinuação de programas de troca de conteúdo, deve-se identificar

---

*various settings, and well-informed policy briefs offering concrete legislative, regulatory, and other solutions to decision makers.*” Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”, 10.

<sup>315</sup> *Ibidem*

<sup>316</sup> *Ibidem*, 13-16.

claramente a origem dos conteúdos e incluir cláusulas nos acordos que salvaguardem a integridade dos jornalistas.

No mesmo relatório Sarah Cook sugere ainda que os *media* podem desenvolver iniciativas próprias, para se escudarem de possíveis ingerências externas. Michael Cole propõe que as universidades desenvolvam currículos dedicados a estas novas ameaças, promovendo o conhecimento sobre as mesmas, bem como a diversificação de especialistas em *think tanks*.<sup>317</sup>

Por fim, na área jurídica, Michael Cole recomenda em particular: o “...aumento do limiar de difamação e calúnia, e impondo penas mais pesadas para um queixoso cujo caso é considerado frívolo e exclusivamente destinado a intimidar um jornalista ou académico.”<sup>318</sup>

---

<sup>317</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power

<sup>318</sup> “... raising the threshold for defamation and libel, and by imposing stiffer penalties on a plaintiff whose case is deemed to have been frivolous and solely meant to intimidate a journalist or academic.” *Ibidem*, 22.

## Resultados da Pesquisa

Esta investigação tinha como base a conceptualização do novo conceito de *sharp power*, essencialmente distinguindo-o do *soft power*. Um poder concretamente duro, mas que se mascara de *soft* ao associar-se a elementos tipicamente ligados à influência. A diferença fulcral que os distingue é a forma como um e outro levam outros aos seus fins. Enquanto o *soft power* pode levar outros estados a alinharem-se com os seus objetivos através da genuína influência e sedução; o *sharp power* fá-lo usando a manipulação, a decepção, distração e subversão.

Mais que isso, o *sharp power* constitui uma ameaça porque ao ser utilizado contra democracias liberais, infiltra-se nas suas estruturas base, manipulando-as. O *sharp power* ativamente visa a vitória de uma narrativa sobre outra, e as suas características subversivas ameaçam os estados visados.

Sendo a China líder mundial na prática desta forma de poder, no terceiro capítulo justificou-se a ligação entre ambas, escrutinando os motivos pelos quais a RPC opta pelo *sharp power*, em detrimento de outros tipos de poder. O carácter autoritário do Estado, alicerçado na censura, manipulação e na crença de uma “liberdade controlada”, aliados à necessidade da manutenção do consenso para a sobrevivência do Estado-partido, alinham-se com o poder em questão. A par disto, a sua tendência cultural inspirada nos ensinamentos de Sun Tzu leva a China a procurar vencer os seus inimigos por outros meios que não o campo tradicional de batalha.

Com isto não se quer dizer que a China não faça esforços no campo do *soft power*, porém, o que se avaliou é que estes acabam por ser frustrados pelas suas ações contraditórias. Um Estado que se declara pela cooperação e por um “desenvolvimento pacífico”, mas sucessivamente rejeita diretivas internacionais sobre disputas territoriais, ou faz demonstrações

de força, dificilmente mantém uma reputação de credibilidade, conforme demonstrado no terceiro capítulo.

Tendo construído esta base conceptual e justificado a aplicação do *sharp power* como necessidade alinhada com a estratégia chinesa e o Sonho Chinês, seguiu-se a análise da situação em concreto: o momento COVID-19.

O *case-study* incidia sobre o uso do *sharp power* pela RPC durante o primeiro ano da pandemia. A questão fulcral era perceber se o poder tinha conseguido gerir a perceção da narrativa COVID-19, e efetivamente alterar a história, promovendo a “vitória da China sobre a COVID-19”.

Para agilizar a análise dos esforços de gestão de perceção chineses, utilizou-se primariamente dois estudos: o *The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy* produzido pela International Federation of Journalists<sup>319</sup>, e o *Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries* do Pew Research Center<sup>320</sup>. Incidindo sobre vários estados, consideravam-se representativos da opinião internacional.

Como demonstrado no quarto capítulo, ambos afirmam que os resultados foram limitados. No primeiro caso a investigação demonstrou que os *media* foram instrumentalizados para promover uma imagem mais positiva da China, mas isto não se transferiu diretamente para uma opinião internacional totalmente positiva.

A investigação *Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries* do Pew Research Center, demonstra que no verão de 2020, a opinião sobre a China piorou bastante nos seguintes países: EUA, Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Alemanha, Itália,

---

<sup>319</sup> Lim et al., “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.”

<sup>320</sup> Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”

Países Baixos, Espanha, Suécia, Reino Unido, Austrália, Japão e Coreia do Sul<sup>321</sup>, em comparação com estudos anteriores.

De forma geral a opinião negativa supera a positiva, com uma mediana de 73%. Destacam-se os casos do Japão, da Suécia e da Austrália, com uma percentagem de 86%, 85% e 81% de percepção negativa, respetivamente. Na maior parte dos estados analisados, incluindo os EUA, trata-se da opinião mais negativa em 10 anos.

Segundo o Relatório este “aumento de opiniões desfavoráveis surge entre críticas generalizadas sobre a forma como a China tem lidado com a pandemia do coronavírus”<sup>322</sup>. O que mais uma vez prova a insustentabilidade da propaganda óbvia e da dificuldade da influência positiva pelo meio do *sharp power*. Citando Joseph Nye novamente: “«não há audiência internacional para a propaganda evidente.»”<sup>323</sup>

Levanta-se a questão se terão sido os pedidos de investigação sobre as origens do vírus e as consequentes “penas” ou consequências negativas com as quais a China respondeu, que poderão ter levado a que na Austrália, no espaço de um ano, as opiniões negativas sobre a China tenham subido 24 pontos percentuais. Isto reforça o argumento de que atos percecionados como punitivos ou “duros” prejudicam o *soft power*, que depende de credibilidade e benignidade.

Apesar de 61% afirmar que “a China fez um mau trabalho a lidar com a epidemia coronavírus”<sup>324</sup>, o anexo 12 mostra-nos que as percepções sobre os EUA foram ainda mais negativas:

**“A exceção a este padrão surge nas avaliações da gestão do vírus por parte dos Estados Unidos, que recebe classificações ainda mais negativas na sua estratégia COVID-**

---

<sup>321</sup>Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 2.

<sup>322</sup> “The rise in unfavorable views comes amid widespread criticism over how China has handled the coronavirus pandemic.” *Ibidem*, 5.

<sup>323</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 111.

<sup>324</sup> “...China has done bad job handling COVID-19...” Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 5.

**19: Uma mediana de 84% acredita que a resposta americana à pandemia tem sido má, enquanto apenas 15% a classificam como boa.”<sup>325</sup>**

Em comparação com os EUA, as percepções sobre a China não são tão negativas, nem em relação ao Estado (onde 23 pontos percentuais os separam), nem em relação ao seu líder. O Relatório evidencia que o público confia mais em Xi Jinping do que em Donald Trump em matéria de relações internacionais. Enquanto 78% “não têm confiança no Presidente chinês, Xi Jinping, para fazer a coisa certa em relação aos assuntos mundiais”<sup>326</sup>, para a mesma pergunta em relação a Donald Trump, 83% declaram não ter confiança.<sup>327</sup>

Contudo, não se pode afirmar que este resultado é apenas fruto da gestão de percepção chinesa. A reputação dos EUA já tinha vindo a ser prejudicada pela política *America First*, e como tal, a China explorou essa fraqueza.

A informação recolhida sustenta que a China procurou ativamente alterar a história internacional da COVID-19. Histórias sobre o vírus ter começado na China ou sobre o facto de este “ter escapado” ao Estado chinês, foram suplantadas pela narrativa de que a “China estava a vencer a guerra contra a COVID-19”, e de forma solidária, conforme argumentado no quarto capítulo.

Esta narrativa apoiaria a sua corrida ao poder, apresentando-se como um líder mundial capaz, eficiente e altruísta. A investigação conduzida permite-nos distinguir duas grandes preocupações: a primeira prende-se com a contenção inicial do vírus, tanto a nível físico, dentro

---

<sup>325</sup> “The exception to this pattern comes in assessments of the United States’ handling of the virus, which receives even more negative ratings on its COVID-19 strategy: A median of 84% believe the American response to the pandemic has been bad, while just 15% rate it as good.” Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 12.

<sup>326</sup> “...they have no confidence in Chinese President Xi to do the right thing when it comes to international affairs...” *Ibidem*, 15.

<sup>327</sup> “...they have no confidence in the U.S. president to do the right thing in world affairs.” Wike et al. “U.S. Image Plummet Internationally as Most Say Country Has Handled Coronavirus Badly.”

das fronteiras, como a nível de informação, procurando conter dados sobre a epidemia e sobre a sua origem.

Quando a epidemia se transformou numa pandemia e se tornou impossível conter informação, a China manteve a sua preocupação de conter as origens do vírus, mas alargou os seus esforços, promovendo uma narrativa positiva da sua gestão do vírus. Durante esta fase a RPC procurou alinhar estes esforços com a sua estratégia global de expansão do poder a nível internacional. Aqui além de procurar desenvolver uma imagem positiva de si, promoveu narrativas que atribuíam a culpa aos seus inimigos, semeando a discórdia e incentivando uma imagem negativa da gestão da pandemia por parte dos EUA.

Aquilo que se conseguiu observar do *case-study* é que o *sharp power* é uma forma de poder que pode ter bastante impacto. Pese embora todas condicionantes, a China conseguiu “sair por cima” e manter uma imagem mais positiva do que os EUA, seu principal inimigo. Conseguiu também influenciar estados com democracias frágeis, expandindo o seu poder nos mesmos.<sup>328</sup>

Ainda assim, a sua eficácia fica comprometida com a base manipulativa dos meios aplicados. A desconfiança e falta de transparência fizeram com que no jogo pela liderança mundial, a China ficasse aquém da expectativa.

Contudo, e partindo da perspetiva chinesa, e olhando para os objetivos, muitos foram concretizados: conseguiu conter inicialmente a história das origens. Também inicialmente conseguiu virar a história, utilizando a Organização Mundial de Saúde como um megafone para partilhar as suas políticas e promover a China como um modelo a seguir pelos restantes países. Conseguiu espalhar uma narrativa de solidariedade em vários canais internacionais, histórias

---

<sup>328</sup> Lim et al., “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.”

que só depois começariam a ser questionadas, como evidenciado pela investigação da The Associated Press.<sup>329</sup>

Alguns dos esforços foram frustrados pelos media independentes, como por exemplo as tentativas de difundir histórias sobre origens alternativas do vírus. Mas olhando para o quadro geral, terão mesmo sido falhadas? Foram rejeitadas, mas suscitaram dúvida, divergiram a história e por momentos, retiraram as atenções da “culpa chinesa”.

Em suma, o *sharp power* tem uma grande potencialidade nas relações internacionais, principalmente no mundo crescentemente interligado das comunicações. Mas tem, como qualquer outra forma de poder as suas fragilidades, nomeadamente quando enfrentado com respostas por parte dos *media* independentes e da sociedade livre, como demonstrado por Sarah Cook.<sup>330</sup>

Como explicado no primeiro capítulo a influência depende da benignidade e credibilidade. E o *sharp power* tem dificuldades comparativamente com o *soft power*, em geral, aliás, quando as táticas são reveladas, ainda prejudica mais a reputação do Estado perpetrador. Mas o *sharp power* não se trata apenas de promover uma imagem positiva, como acontece na influência. Pelo outro lado, trata-se de subverter. E neste campo é bastante impactante. Como já demonstrado pelas opiniões ainda mais negativas sobre os EUA.

A barreira que não consegue ultrapassar é a criação de uma reputação credível com base numa consistência e coerência entre as palavras e as ações. No caso da COVID-19, os resultados da propaganda lançada poderiam ter tido um impacto mais duradouro, mas foram prejudicados por não corresponderem à realidade, e frustrados pelas contraditórias ações chinesas.

---

<sup>329</sup> Press, "How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak." *NBC News*.

<sup>330</sup> Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence" Cook, "Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets."

Da mesma forma, a narrativa que se procurou criar era fabricada e como fora explicado no segundo capítulo, a gestão de percepção funciona melhor se a imagem criada corresponder a uma ideia pré-existente. A China procurou avançar uma história de sucesso e altruísmo a nível internacional. Mas a reputação que a RPC tem vindo a desenvolver não prima pela veracidade nem transparência. Por outro lado, a sua narrativa foi mais bem-sucedida face aos EUA, pois também já existiam condicionantes que preparavam o resultado. As políticas de Donald Trump e o *America First* votavam os EUA a um isolacionismo, exacerbado pela retirada de apoio à OMS.<sup>331</sup> Perante este quadro foi mais eficiente promover a dúvida e “despromover” os EUA da liderança mundial.

Tal como explicado no caso do *soft power*, as tentativas de embelezamento da história chinesa acabam por ser prejudicadas por demonstrações de poder duro, tais como demonstrações de poder militar, ou posições mais assertivas e até mesmo agressivas face a outros países, como a Austrália, Taiwan e Hong Kong, e face às problemáticas do Mar do Sul da China e da minoria Uigur. Nas palavras de Sarah Cook, “depois da propagação global do coronavírus ter sido exacerbada por um encobrimento inicial por oficiais do PCC, opiniões públicas da China e de Xi Jinping atingiram mínimos históricos em muitos países.”<sup>332</sup> Apesar dos esforços chineses, no caso específico da COVID-19, não têm obtido sucesso em alterar completamente a percepção sobre a origem do vírus.

Segundo Sarah Cook em *China's Global Media Footprint*, os esforços de *sharp power* intensificaram-se “à medida que o PCC tenta restaurar a sua reputação internacional após o seu

---

<sup>331</sup> “Coronavirus: Trump moves to pull US out of World Health Organization.” *BBC*, julho 7. 2020, acessado 2 agosto, 2022.

<https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53327906>

<sup>332</sup> “After the global spread of the coronavirus was exacerbated by an initial cover-up by CCP officials, public views of China and Xi Jinping have reached historic lows in many countries...” Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”, 7.

encobrimento inicial do surto da COVID-19 e tirar partido da fraqueza económica e divisões políticas que surgiram dentro e entre as democracias durante a crise.”<sup>333</sup>

Muitos dos esforços chineses de desinformação e deturpação da realidade foram contrariados pela Liberdade de imprensa nos países livres. Pelo que a sua campanha da COVID-19 não foi plenamente bem-sucedida. Sarah Cook indica que os *media* em Espanha, nos Países Baixos, República Checa e em Portugal noticiaram que muitos dos equipamentos médicos comprados à China eram defeituosos. Nos EUA os *media* surgiram também em defesa, contrariando as *fake-news* sobre as origens do vírus.

Contudo, apenas podemos achar que a China não foi bem-sucedida a nível internacional. A nível interno, conseguiu conter a história e reunificar a população sob a história da pandemia. Internamente, os *media* chineses manipularam as afirmações de uma cientista italiana para promover a ideia de que o vírus tinha tido origem em Itália. Da mesma forma, foram publicados artigos que disseminavam *fake-news* de que a pandemia tinha tido origem nos EUA.

## 1. O *Toolkit Liberal*: Respostas ao *Sharp Power*

O *sharp power* é, como já vimos, uma forma de poder perigosa no sentido em que ameaça as democracias e o sistema internacional demoliberal. Sendo um poder com um potencial perigoso, do que se depreende do seu efeito no caso da COVID-19, importa além de o identificar, construir um quadro de resposta ao mesmo: o *toolkit liberal*.

---

<sup>333</sup> “...as the CCP attempts to restore its international reputation after its initial cover-up of the COVID-19 outbreak and take advantage of the economic weakness and political divisions that have emerged within and among democracies during the crisis.” Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China’s Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”, 2.

Onde o poder autocrático procure subjugar de forma velada e prejudicar regimes através da subversão, os estados deverão saber responder de forma adequada. Mas e porque este poder visa outros elementos da sociedade civil que não os estritamente estatais: desde indivíduos, *media*, ONGs, empresas e instituições de educação, também a resposta a este não os poderá excluir.

A especialista Sarah Cook acredita que a resposta aos perigos do *sharp power*, em específico do “Factor CCP”, como lhe chama, passa necessariamente pela consciencialização em massa da problemática, desde o campo académico, onde se devem expandir os trabalhos de análise e desconstrução das práticas de influência, de forma credível, à sociedade civil e aos *media*, onde se devem desenvolver estratégias de educação (tal como a China por sua vez faz), preparação e treino para saber reconhecer e responder a este problema.<sup>334</sup>

É também necessário que os *media* estejam cientes dos perigos que os acordos com entidades chinesas podem trazer para a sua Liberdade e integridade jornalística. Por fim, o setor tecnológico pode desempenhar um grande papel, ao identificar perigos derivados de contas ligadas à China, garantindo plataformas livre para vozes independentes, não se subjugando a vontades e pressões autoritárias.

Fundamentalmente, e segundo as recomendações de Sarah Cook<sup>335</sup> e de Michael Cole<sup>336</sup> apresentadas no quarto capítulo, a resposta passa pela independência, seja ela jornalística ou política, e pela Liberdade, de ideias, de expressão, de oposição e de crítica. Para responder a uma ameaça que nos procura roubar da nossa Liberdade, é necessário responder com Liberdade. É preciso educar para o problema, abrir os olhos da sociedade civil para os perigos, e capacitá-

---

<sup>334</sup> Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”

<sup>335</sup> *Ibidem*

<sup>336</sup> Cole, “The Hard Edge of Sharp Power”

la dos meios para lhe responder. É preciso reforçar os *media* livres e independentes e exigir transparência nos acordos e nos conteúdos transmitidos.

Como tanto Michael Cole<sup>337</sup> como Anne-Marie Brady<sup>338</sup> referem, o *sharp power* passa pelas entrelinhas dos atuais sistemas legais, pelo que é vital delinear linhas vermelhas no que toca à influência em instâncias governamentais, porque não se pode aceitar um açaimo nem autocensura imposto por um governo externo ou seu *proxy*.

A natureza subversiva do *sharp power* ameaça a credibilidade dos seus estados alvo. Como tal, os governos democráticos têm de ser fortes e resilientes para não sucumbirem a pressões externas. E nesse sentido é novamente necessário reforçar a transparência e a responsabilidade das organizações e dos indivíduos.

Sarah Cook<sup>339</sup> e Michael Cole<sup>340</sup> consideram que uma abordagem agressiva, equiparada às medidas chinesas é contraproducente. Como tal, excluem-se aqui medidas que promovam restrições à Liberdade, censura. Além de prejudicarem os valores que pretendem defender, reforçam a narrativa de vitimização que a China utiliza como proteção, de que o sistema internacional é injusto e hipócrita porque a exclui.

Assim o elo comum das soluções apresentadas é a “exposição e análise de campanhas e táticas de desinformação”<sup>341</sup>, que assim desconstroem narrativas erróneas que se procuram estabelecer. Plataformas tecnológicas como o Twitter e o Instagram têm removido contas problemáticas e denunciado campanhas, conforme anexo 7.

Porém, importa referir que estas medidas não devem ser arbitrárias nem parciais no que toca à China, nem a outros estados autoritários. Já o próprio Joseph Nye afirmava que nem tudo

---

<sup>337</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power"

<sup>338</sup> Brady, "Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping"

<sup>339</sup> Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence",

<sup>340</sup> Cole, "The Hard Edge of Sharp Power"

<sup>341</sup> "...exposure and analysis of disinformation campaigns and tactics." Cook, "Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence", 9.

é *sharp power*, e a China, tal como outro Estado, tem todo o direito de procurar influenciar, de forma legítima, através do *soft power*.<sup>342</sup>

Os *media*, em especial no mundo anglófono, têm descontinuado acordos de suplementos pagos por *media* controlados pelo Estado chinês, na sequência da publicação de conteúdos relacionados com a pandemia. Também a sociedade civil tem produzido respostas eficazes: desenvolvendo projetos de jornalismo de investigação sobre a China, e propostas de alterações legislativas e regulatórias. Destacam-se ainda as colaborações entre *stakeholders* e a troca de boas práticas das quais é exemplo “um projeto conjunto de uma empresa de análise de dados e um jornalista de investigação produziu um relatório sobre uma campanha de manipulação por *bots*, no Twitter, em Itália.”<sup>343</sup>

Da mesma forma que a China oferece treino a jornalistas, onde aproveita para promover propaganda, também o ocidente deve oferecer formação aos seus jornalistas sobre formas de influência nos *media*, para contrariar narrativas unilaterais. Grupos de interesse, associações e a sociedade civil em geral deverão procurar desenvolver projetos que promovam o conhecimento sobre a China e as suas práticas, bem como capacitar os agentes para saber responder às mesmas. Também as universidades e entidades formadoras devem incluir a China e as novas práticas de influência nos currículos. Deve-se promover a literacia dos consumidores, ensinando a:

“identificar meios de comunicação estatais chineses como a Xinhua e os seus laços com o Estado-partido chinês, narrativas comuns e problemáticas do PCC, exemplos de campanhas de desinformação passadas, estruturas de propriedade dos *media*, e o histórico das aplicações chinesas de vigilância e censura na China.”<sup>344</sup>

---

<sup>342</sup> Nye, "China's soft and sharp power."

<sup>343</sup> “A joint project by a data analysis firm and an investigative journalist produced a report on a Twitter bot manipulation campaign in Italy;” Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”, 10.

<sup>344</sup> “...identify Chinese state media such as Xinhua and their ties to the Chinese party-state, common and problematic CCP narratives, examples of past disinformation campaigns, media ownership structures, and Chinese-owned apps’ track record of surveillance and censorship within China.” *Ibidem*, 15.

A sociedade civil pode ainda propor legislação e fazer pressão junto das autoridades estatais para exigir um maior escrutínio, transparência e um quadro legal que enquadre o *sharp power*. Já plataformas de comunicação e *social media* deverão continuar o seu trabalho na identificação e eliminação de contas falsas, *bots*, e no desmascarar de campanhas de desinformação. Contudo, deverá existir transparência nos processos e regras claras, para não se escorregar para a censura.

Estes esforços deverão ser acompanhados por um reforço da Liberdade, não eliminado nem censurando conteúdos chineses *à priori*, mas sim promovendo a Liberdade, a transparência e a transferência de conhecimento.

## Conclusão

Começamos esta investigação com a busca pela definição e justificação do *sharp power*. Conceptualizamo-lo como uma forma de poder duro, que se mascara de *soft*. Uma prática antiga ligada à construção de imagem e reputação, o *sharp power* é hoje um “novo poder” porque ganhou novo protagonismo graças às novas tecnologias das quais capitaliza. Simultaneamente é um poder “*sharp*” porque funciona integrando-se no meio de outros estados, invadindo silenciosamente, e infetando os *media*, o governo, a academia e a cultura, manipulando-os para atingir os seus fins, de forma subversiva.

Um poder velado, que esconde o seu verdadeiro propósito, procura manipular os seus adversários, para que estes se alinhem à imagem construída ou alinhem os seus objetivos com os do agente, e assim contribui para a vitória da batalha das narrativas.

A sua conceptualização justifica-se com a crescente utilização da tipologia de poder que é cada vez mais sofisticada e abrangente devido às tecnologias das quais faz uso. Pode-se dizer que o *sharp power* está a aguçar a sua lâmina. Como tal, e dada a evidência da prática, importa medir o seu impacto, bem como apresentar as melhores medidas lhe responder.

Para se chegar a estas respostas, escolheu-se examinar o caso prático da gestão de perceção da República Popular da China (RPC) sobre a narrativa COVID-19. Uma situação de relevância para a investigação dado que a China é um dos principais praticantes de *sharp power*, e porque a atualidade da temática torna-a importante para a compreensão não só da comunicação política de hoje, mas também para o sistema internacional que se reconfigura diante de nós.

A investigação do caso prático procurou demonstrar que desde a descoberta dos primeiros casos suspeitos de uma nova infeção respiratória na China, até janeiro de 2021, o Partido Comunista Chinês (PCC) procurou encobrir e ocultar informação, conter dados reais

sobre a pandemia, desenvolver campanhas de desinformação e *fake-news* e promover narrativas alternativas para que a história fosse contada ao público de acordo com a versão que mais favorecia a RPC.

Demonstrando o alcance do seu poder, ingeriu na Organização Mundial de Saúde (OMS), utilizando-a como um *proxy* ou “fantoche” para promover a narrativa de que a China estava a vencer a guerra contra a COVID-19, de forma altruísta, sacrificando-se em prol do bem comum. Uma narrativa que corroboraria os seus esforços no palco da liderança mundial, em especial face ao aparente afastamento dos EUA.

Como demonstrado no quarto capítulo, conseguiu também gerar dúvidas sobre as origens do vírus, através do lançamento e promoção de *fake-news* que colocavam o ónus nos EUA, em Itália ou até mesmo no Japão. Tudo para desviar as atenções e evitar que a culpa fosse atribuída ao PCC e a sua reputação ficasse manchada.

Para o conseguir foi fulcral manter o monopólio da informação: a China conseguia manipular a informação porque é uma rede fechada e sendo esta a origem da informação, obteve desde cedo a vantagem de poder controlar exatamente aquilo que passava para o exterior. Importa reiterar, que no caso da COVID-19, o público mundial foi informado a conta-gotas – aplicando as máximas descritas por Derek Reveron e Peter Callamari, descritas no segundo capítulo – e assim foi criada a narrativa inicial.

O passo que se seguiu foi a avaliação da eficácia destas práticas, por forma a perceber qual o possível impacto do *sharp power*. Avaliando dum ponto de vista meramente ocidental, podemos concluir que pese embora todos os esforços chineses, estes ficaram aquém da expectativa, pois a falta de transparência e o encobrimento de informação, bem como a força

dos media independentes acabaram por falar mais alto, demovendo a narrativa chinesa no ocidente.<sup>345</sup>

No caso específico da China e da COVID-19, pode-se dizer que os resultados foram limitados. A eficácia foi prejudicada pela falta de transparência e pela reputação que a China tem construído. A narrativa de solidariedade e pacifismo não se coaduna com as posições agressivas, as demonstrações de poder e as respostas punitivas que aplica.

No caso da COVID-19, a par disto, a obstrução de informação causou mais desconfiança, e as tentativas de esconder o problema e de minimizar o vírus, tiveram um efeito contrário, de gerar mais dúvida. A óbvia propaganda que acompanhou o encobrimento da pandemia e que pretendia apresentar a China a “vencer a guerra contra a COVID-19” aumentou as suspeitas.

No final, o controlo da narrativa foi limitado. A China foi bem-sucedida na aplicação, e enveredou grandes esforços através da criação de *fake-news* e da sua implantação em *media* internacionais, bem como promoveu a desinformação ao colocar as culpas no seu adversário, os EUA. Contudo, a maioria dos estados presentes neste estudo<sup>346</sup>, especialmente os desenvolvidos, não acreditam que a China tenha gerido bem a pandemia.

A China procurou fazer o *spin* à história da COVID-19, mas apenas o conseguiu fazer de forma limitada. Ainda assim, conseguiu provocar uma perceção mais positiva do que a dos EUA, conseguiu expandir a sua influência junto de estados menos desenvolvidos, e demonstrou até onde o seu poder pode chegar.

A narrativa da COVID-19 escorregou das mãos da RPC, da mesma forma que o vírus escapou do seu território. As suas implicações eram demasiado abrangentes e a falta de

---

<sup>345</sup> Cook, "Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets."

<sup>346</sup> Conforme analisado no quarto capítulo.

transparência e evidente propaganda, bem como a fraca reputação que a acompanham, garantiram o seu insucesso.

Porém, neste case-study a China demonstrou a abrangência do seu poder. Conseguiu infiltrar-se nos *media* ocidentais, conseguiu instrumentalizar a OMS, a organização internacional de referência a nível de saúde, conseguiu promover a sua narrativa nas redes sociais. E o seu impacto na comunidade internacional foi vasto. Promoveu a discórdia, a dúvida, atrasou a resposta face à pandemia, criou uma referência do combate ao vírus impossível de recriar.

Não podemos deixar de ver também a perspetiva chinesa. O *sharp power* é para os estados autoritários uma necessidade e uma inevitabilidade. Perante o seu deficiente uso do *soft power*, utilizam o *sharp power* tanto na promoção da sua história a nível internacional, como uma garantia da narrativa a nível interno, para manter a união.

E neste aspeto, a China foi mais bem-sucedida, conseguindo manter a união, escondendo e reprimindo eficientemente o criticismo e as denúncias. Ainda que haja dúvidas sobre a história da COVID-19 na China, a verdade permanece largamente um mistério para o exterior.

Também quanto às origens do vírus, que tanto interessava à China desviar a culpa, continuam encobertas em pontos de interrogação. Os primeiros casos foram documentados no mercado em Wuhan, mas a sua origem segue uma incerteza. Da mesma forma não há consenso sobre como terá aparecido, se naturalmente, se criada pelo homem.

Além disso, importa reiterar que dado à natureza subversiva do *sharp power*, os esforços chineses foram bem-sucedidos a infiltrar-se (ainda que depois as suas táticas tenham sido desmascaradas) e a promover a desinformação e uma opinião mais negativa sobre os EUA.

Contudo, importa compreender como esta luta, como a narrativa da COVID-19, era mais um passo, numa longa história, do Sonho Chinês. Restaurar a China à sua glória de outrora, e

garantir-lhe um lugar de primazia é o principal objetivo político, a longo prazo. E isto implica suprimir o seu maior oponente, os EUA.

Neste campo, a China obteve uma clara vitória. Conseguiu ter uma imagem menos negativa do que a dos EUA. Se o seu objetivo era roubar os EUA do papel de líder mundial – roubo facilitado pelas políticas norte-americanas – então o seu afastamento da OMS e a retirada de apoio monetário por parte dos EUA constituíram uma vitória aos olhos chineses.<sup>347</sup>

O Presidente norte-americano anunciou a decisão de retirar fundos da OMS em maio de 2020, “acusando a OMS de estar sob o controlo da China na sequência da pandemia de coronavírus.”<sup>348</sup> Em julho do mesmo ano, avançou com o processo de retirada da organização junto da ONU e do Congresso, situação entretanto revertida pelo novo Presidente, Joe Biden.

Com este caso prático, conseguimos compreender que no ambiente crescentemente interligado, onde a comunicação é cada vez mais importante, as narrativas são também uma fonte de poder<sup>349</sup>, daí a relevância atribuída à reputação e imagem geradas.

No caso específico da COVID-19 entende-se que apesar da sua importância, o *sharp power* faz um uso deficiente das armas de comunicação, porque se automutila ao agarrar-se à falta de transparência, à manipulação e à construção maquinista da narrativa.

Ainda que com esta investigação não se conclua, para lá de qualquer dúvida, que o *sharp power* é eficaz em todos aspetos, e que até se tenha descoberto muitas das suas fragilidades e impotências, o argumento final que determina a sua utilidade é a capacidade de se ter escrutinado a importância de um tipo de poder cuja aplicação cresce.

---

<sup>347</sup> “Coronavirus: Trump moves to pull US out of World Health Organization.” *BBC*

<sup>348</sup> “...accusing the WHO of being under China's control in the wake of the coronavirus pandemic.” *Ibidem*

<sup>349</sup> “O que une as pessoas? Exércitos? Ouro? Bandeiras? Histórias. Não há nada no mundo mais poderoso do que uma boa história. Nada a pode impedir. Nenhum inimigo a pode derrotar. “*What unites people? Armies? Gold? Flags? Stories. There’s nothing in the world more powerful than a good story. Nothing can stop it. No enemy can defeat it.*” Guerra dos Tronos, Temporada 8, Episódio 6, dirigido por David Benioff e D. B. Weiss (2019)

Adicionalmente clarificou-se a definição de poder duro. Afastando-se a concepção comum de que esta se tem de prender com armas. “Em tempos, Mao Tsé-Tung disse que o poder estava no cano de uma arma.”<sup>350</sup> Como já se explicou o poder duro é o uso da força, a coerção, seja pela força das balas, ou das palavras. O que se passa hoje e que chama a atenção para este tipo de poder, é que a reputação está sob constante escrutínio. As audiências globais estão atentas, mas a sua atenção é escassa e há que lutar para manter a relevância e por garantir que a nossa narrativa, ou aquela que nos favorece, prevalece.

O seu contrário pode significar uma espécie de exclusão do sistema internacional, criar problemas internos, e descredibilizar regimes. A tecnologia, a omnipresença e acesso à informação criaram o ambiente em que a comunicação e a imagem são elementos-chave para o poder.

O caso COVID-19 demonstrou-nos isso mesmo: preocupados com a perceção que o público tinha da sua gestão da pandemia, o PCC lutou com os meios que mais se alinham com a sua natureza para garantir que geriam a perceção e assim controlavam a narrativa.

Podem não ter sido bem-sucedidos em tudo, mas impactaram negativamente a gestão internacional da COVID-19, ao atrasarem o tempo de resposta de outros países; instrumentalizaram a OMS, tendo-a utilizado como megafone para a sua propaganda; tomaram partido da liberdade de imprensa e dos *media* livres do mundo internacional, levando-os a publicar propaganda sua; deram PPE em troca de agradecimento público; castigaram aqueles que levantaram questões sobre a possível origem do vírus.

E as consequências? A curto-prazo conseguiram criar dúvidas sobre as origens do vírus, levantando a questão se teria tido origem num dos estados seus concorrentes; afetaram a credibilidade da OMS, uma organização internacional de peso, mancharam a reputação dos EUA ao contraporem a sua visão egoísta, autocentrada, e caótica, por uma visão de

---

<sup>350</sup> Nye, *O Futuro do Poder*, 84.

solidariedade, liderança e ordem. A China preencheu o espaço vazio dos EUA, durante este período.

O seu objetivo mais abrangente de concorrer à liderança do sistema internacional foi certamente o que orientou a ação. E este momento foi mais um passo nessa direção, construindo reputação, e apresentando liderança quando esta faltou.

Como o poder, e o poder pela força, se trata de obrigar o outro a algo, como demonstrado no primeiro capítulo, terá a China conseguido usar a coação? Segundo a investigação da International Federation of Journalists, sim:

“Mais de metade de todos os países disse que a cobertura da China nos seus meios de comunicação social nacionais foi mais positiva desde o início da pandemia. A percentagem de nações que declaram que a China tem uma presença visível nos seus ecossistemas mediáticos subiu de 64 por cento a 76 por cento num ano”<sup>351</sup>.

Além disso, conseguiu “destronar” aos olhos públicos os EUA do lugar de líder, comprovado pelo estudo da opinião pública do Pew Research Center.

Durante esta dissertação falou-se de poder. Do poder de mudar a ação de outrem, de levá-los a agir de acordo com os nossos interesses em detrimento dos seus. Mas também se distinguiu entre formas de poder que o fazem em Liberdade, e outras que não. O poder pela coerção *versus* a influência que inspira.

O *sharp power* pertence ao primeiro grupo. Ao poder pela coerção, que obriga e limita. Limita porque as suas consequências não influenciam, não inspiram nem levam à crença genuína. É um poder que reduz as opções, subtrai as narrativas, deixando o visado sem alternativa senão aquela para a qual é conduzido.

---

<sup>351</sup> “More than half of all countries said that coverage of China in their national media was more positive since the start of the pandemic. The percentage of nations reporting China to have a visible presence in their media ecosystems was up from 64 percent to 76 percent in a year.” Lim et al., “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.”, 2.

Fá-lo de forma mascarada. Não se declara uma opção entre A e B. Trabalham-se narrativas, excluem-se opções. As opções deixadas são não um resultado da escolha livre do visado, mas uma construção do ator.

Sub-repticiamente, o *sharp power* infiltra-se para constranger, para obrigar. E na sua base está um elemento-chave: a Liberdade. Neste caso a falta dela. É que é a liberdade de opção que distingue um poder duro de um poder suave. Ser “obrigado a” é diferente de ser “influenciado a”. A China pode encetar todos os esforços de charme, seja através de pacotes financeiros, seja através de acordos com meios de comunicação. Mas se forem verdadeiramente esforços suaves, ninguém é obrigado a aceitar, ou a mudar o seu discurso, a sua narrativa ou até mesmo a sua forma de agir, se não for essa a sua vontade.

Quando os *media* ou mesmo os governos se autocensuram, deixam de falar de tópicos sensíveis para a China, ou até mesmo alteram a sua narrativa para beneficiar o Estado chinês, porque foram obrigados a tal, não se trata de *soft power*. Trata-se de um poder duro que reduziu a suas alternativas e que os conduziu até aqui. Seja através de pressões económicas interligadas com acordos de conteúdos com *media* estatais chineses, *student exchanges*, ou até a infiltração em redes internacionais de comunicação, como o Twitter, ou organizações internacionais como a OMS.

Usando armas, palavras ou dinheiro, o poder duro é a aplicação da força. Da coerção. Da obrigação. É um assalto à mão armada, com palavras a fazer as vezes da pólvora, que dispara histórias fabricadas.

Mas, e este é o aspeto mais perigoso desta forma de poder, nem todos interpretam o *sharp power* como um poder duro. Porque não é assim que este se declara, e porque as suas artimanhas não o denunciam imediatamente. Usa as mesmas ferramentas que são comumente associadas ao *soft power*, mas nem por isso é menos violento. Na verdade, é mais.

Estávamos habituados a um mundo mais simples. Mais preto no branco. Hoje imperam as zonas cinzentas. Ou os estados ou eram assumidamente autoritários ou democráticos. Hoje a Democracia e o iliberalismo tomam várias formas. Ou havia uma guerra aberta ou paz. Hoje florescem os conflitos internos, as crises. Ou havia poder duro ou havia poder suave. Hoje temos também o *sharp power*.

O seu perigo é evidente. Ignorá-lo não é a solução. Constitui uma ameaça aos valores que o Mundo Liberal representa. Porém, e se o cerne da questão é a Liberdade, não é com a sua subtração que se poderá responder.

A resposta está naquilo que distingue um mundo do outro: a Liberdade. A transparência, a Democracia, a liberdade de expressão, de consciência, dos *media*, e a independência. É o livre mercado de ideias.

Como Pierre Bourdieu afirmava “as opiniões são forças e as relações de opinião são conflitos de forças.”<sup>352</sup> Hoje, as forças liberais e iliberais estão em conflito. E o caso da COVID-19 foi mais um exemplo de como as duas forças procuram influenciar, ou no caso da China, manipular as opiniões, fazendo a sua prevalecer.

Isaiah Berlin ensinou-nos a importância de chamar as coisas pelos seus próprios nomes. E da mesma forma que “Liberdade é liberdade, não é igualdade ou equidade ou justiça ou felicidade humana ou uma consciência tranquila”<sup>353</sup>, também *sharp power* não é *soft power*, não é influência, não é atração, não é charme. *Sharp power* é poder duro. E atribuir-lhe outro nome apenas contribui para uma fraca conceptualização e compreensão do tipo de poder e das suas características.

Na mesma medida também os seus efeitos não podem ignorados nem desculpados. A divisão cultural entre o Mundo Liberal e o Mundo Autoritário é clara, daí resultam também

---

<sup>352</sup> “... *opinions are forces and relations of opinions are conflicts of forces.*” Pierre Bourdieu, *Public Opinion does not Exist*, 128.

<sup>353</sup> Isaiah Berlin, *Two Concepts of Liberty* (1958)

diferenças de percepção que levam a o que um considera legítimo, o outro acha o seu contrário e vice-versa.

No sistema internacional, anárquico por natureza, não é possível obrigar um estado a terminar práticas consideradas legítimas ou abusivas, se não, respondendo com poder, seja este suave, duro ou um pouco de ambos. Já o filósofo Montesquieu nos deu a máxima de que apenas o poder pode responder ao poder: “é necessário, pela própria natureza das coisas, que o poder seja um controlo do poder.”<sup>354</sup>

A consciencialização para a inevitabilidade deste poder, é essencial para que se possa responder efetivamente às possíveis ameaças que representa. No mundo de omnipresente comunicação, da fibra ótica ao ciberespaço, as possibilidades são infindáveis. Mas também os seus abusos e manipulações.

Podemos concluir que o *sharp power* é um poder com muita potencialidade, especialmente no que toca à subversão, mais até do que na criação de percepções positivas. E com o caso da COVID-19 percebemos que pode ser aplicado e impactar negativamente não só opiniões, mas instituições e neste caso até a gestão de um problema comum.

A comunicação é chave e o controlo da narrativa é um dos meios para a preservação do estatuto e reputação. O *sharp power* compreende a sua importância, e instrumentaliza-a para os seus fins. É, portanto, necessário compreendê-lo também, e responder-lhe não “na mesma moeda”, mas tendo em mente o conselho deixado por Michael Cole:

“À medida que combatemos este ataque orwelliano contra as nossas sociedades, não devemos, na nossa resposta, tornar-nos nós próprios orwellianos, pois fazê-lo apenas ajudaria a China nos seus esforços para enfraquecer o bom funcionamento e a nossa crença nas instituições democráticas que definem quem somos.”<sup>355</sup>

---

<sup>354</sup> Montesquieu, "Constitutional Government." In *Do espírito das leis* (Livro 6, Capítulo 17, 1748)

<sup>355</sup> *As we fight this Orwellian assault against our societies, we must not, in our response, become Orwellian ourselves, as doing so would only assist China in its efforts to undermine the good functioning of, and our belief in, the democratic institutions that define who we are.* Cole, "The Hard Edge of Sharp Power, 21.

## Bibliografia

### Livros e Capítulos de Livros

- Aristóteles. *Política*, ed. bilingue trad. port. António Campelo Amaral e Carlos Gomes. Vega, 1998.
- Berlin, Isaiah. *Two Concepts of Liberty*. 1958.
- Bourdieu, Pierre. *Public Opinion does not Exist*. 124-130, 1972.  
[https://is.muni.cz/el/fss/podzim2019/POLn4102/um/blok1/Bourdieu\\_PO\\_Does\\_Not\\_Exist.pdf](https://is.muni.cz/el/fss/podzim2019/POLn4102/um/blok1/Bourdieu_PO_Does_Not_Exist.pdf)
- Carriço, Alexandre. *Harmonizando o Poder: Imagem, Diplomacia Pública e Diplomacia Militar da China*. Letras Itinerantes, Edição e Distribuição de Livros, 2015.
- Chomsky, Noam. *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*. Traduzido por Fernando Santos. São Paulo: umfmartinsfontes, 2014.
- Couto, Abel Cabral. *Elementos de Estratégia, Apontamentos para um curso, VOLUME 1*. Alfragide: LeYa, 2020.
- Economy, Elizabeth. "The United States, China, and the Great Values Game." In *COVID-19 and World Order*, editado por Hal Brands e Francis J. Gavin, 369-387. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2020.
- Edney, Kinglsey, Stanley Rosen e Ying Zhu. *Soft Power with Chinese Characteristics*. Versão e-book: London and New York: Routledge, 2020.
- Fenby, Jonathan. *The Penguin History of Modern China*. Reino Unido: Penguin Books, 2019.
- Figueiras, Rita. "Mediatização 2.0: a integração." In *Comunicação Política*, editado por B. Carriço Reis & S.R. Magos, 45-75. Lisboa: NIP-C@M & UAL, 2019.

- Galbraith, John Kenneth. "La anatomía del poder. Una perspectiva general." In *La anatomía del poder*, por John Kenneth Galbraith, 18-27. Ariel Economía.
- Hayek, Friedrich. *A Constituição da Liberdade*. Traduzido por Pedro Elói Duarte. Lisboa: EDIÇÕES 70, 2018.
- Kagan, Robert. *The Jungle grows back*. New York: Alfred A. Knopf, 2018.
- Kissinger, Henry. *On China*. Great Britain: Penguin Books, 2012.
- Montesquieu. "Constitutional Government." In *Do espírito das leis*. Livro 6, Capítulo 17, 1748.
- Moreira, Adriano. *Ciência Política*. Coimbra: Edições Almedina, 2014.
- Moreira, Adriano. *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Edições Almedina, 2016.
- Nye, Joseph S. *O Futuro do Poder*. Círculo de Leitores, 2012.
- Owen IV, John M. "Prefácio." In *O Poder Autoritário e o desafio para as democracias liberais*, editado por William Hasselberger e Francisco Proença Garcia, 5-8. Óbidos: Alêtheia, 2022.
- Orwell, George. *Nineteen eighty-four*. New York: Alfred A. Knopf, 1992.
- Santos, José A. Loureiro dos. *Incursões no Domínio da Estratégia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- Tzu, Sun. *Arte da Guerra*. Traduzido por Cristina Carvalho. Lisboa: Clássica Editora, 2012.
- Vaz-Pinto, Raquel. *A Grande Muralha e o Legado de Tiananmen*. Lisboa: Tinta da China, 2010.
- Vogel, Ezra F. *Deng Xiaoping and the Transformation of China*. Versão e-book: Harvard University Press, 2011.

## Papers e Relatórios

- "Report of the WHO-China Joint Mission on Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)." *World Health Organization*, fevereiro 28, 2020. Acedido junho 28, 2022.
- Brady, Anne-Marie. "China in Xi's "New Era" - New Zealand and the CCP's "Magic Weapons". *Journal of Democracy* Volume: 28 N°: 2 68-75. (2018). Acedido maio 25, 2022. <https://www.journalofdemocracy.org/articles/china-in-xis-new-era-new-zealand-and-the-ccps-magic-weapons/>
- Brady, Anne-Marie. "On the Correct Use of Terms." CHINA BRIEF Volume: 19 N°: 9 (2019). Acedido dezembro 16, 2020. <https://jamestown.org/program/on-the-correct-use-of-terms-for-understanding-united-front-work/>
- Brady, Anne-Marie. "Magic Weapons: China's political influence activities under Xi Jinping." Texto apresentado na conferência "The corrosion of democracy under China's global influence" da Taiwan Foundation for Democracy. USA: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 2017.
- Callamari, Peter e Derek Reveron. "China's Use of Perception Management." *International Journal of Intelligence and CounterIntelligence* N° 16, 1-15. (2003)
- Canavilhas, João. "A Comunicação Política na Era da Internet." Texto apresentado no VIII Lusocom. 1-14.
- Cole, J. Michael. "The Hard Edge of Sharp Power." A Macdonald-Laurier Institute Publication. Outubro, 2018.
- Cook, Sarah. "Beijing's Coronavirus Propaganda Has Both Foreign and Domestic Targets." *Freedom House*, Abril 20, 2020. Acedido agosto 2, 2022. <https://freedomhouse.org/article/beijings-coronavirus-propaganda-has-both-foreign-and-domestic-targets>.

- Cook, Sarah. “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China's Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence” *National Endowment for Democracy*, International Forum for Democratic Studies. (2021) Acedido a abril 6, 2021 <https://www.ned.org/wp-content/uploads/2021/02/Chinas-Global-Media-Footprint-Democratic-Responses-to-Expanding-Authoritarian-Influence-Cook-Feb-2021.pdf>
- Fukuyama, Francis. “The End of History?”. *The National Interest*, No. 16, 3-18. (1989)
- Hoffman, Samantha. "Social Credit." Australian Strategic Policy Institute - Policy Brief, N° 6, 2-15. (2018)  
[https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-\(covid-19\)](https://www.who.int/publications/i/item/report-of-the-who-china-joint-mission-on-coronavirus-disease-2019-(covid-19))
- Lim, Louisa, Julia Bergin e Johan Lidberg. “The COVID-19 Story: Unmasking China's Global Strategy.” *International Federation of Journalists*. Bélgica: Maio, 2021. [https://www.ifj.org/fileadmin/user\\_upload/IFJ\\_-\\_The\\_Covid\\_Story\\_Report.pdf](https://www.ifj.org/fileadmin/user_upload/IFJ_-_The_Covid_Story_Report.pdf)
- Narayanan, Maj General Rajiv. "Strategic Continuum of China’s Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC." USI Occasional Paper, Centre for Strategic Studies and Simulation (CS3), N° 1, 1-12. (2018)
- Sanny, Josephine e Edem Selormey. “Africans regard China’s influence as significant and positive, but slipping”. *Afrobarometer*. Dispatch No. 407, novembro 17, 2020. Acedido setembro 28, 2022. <https://www.afrobarometer.org/publication/ad407-africans-regard-chinas-influence-significant-and-positive-slipping/>
- Silver, Laura, Kat Devlin e Christine Huang. “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.” *Pew Research Center*, outubro 6, 2020. Acedido maio 25, 2022. [file:///C:/Users/User/Downloads/PG\\_2020.10.06\\_Global-Views-China\\_FINAL.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/PG_2020.10.06_Global-Views-China_FINAL.pdf)

- Walker, Christopher. "China's Foreign Influence and Sharp Power Strategy to Shape and Influence Democratic Institutions." Testemunho no U.S. House Permanent Select Committee on Intelligence, maio 16, 2019. Acedido dezembro 16, 2020.  
<https://www.ned.org/chinas-foreign-influence-and-sharp-power-strategy-to-shape-and-influence-democratic-institutions/>
- Walker, Christopher e Jessica Ludwig. "Sharp Power: Rising Authoritarian Influence: Introduction." *National Endowment for Democracy*, International Forum for Democratic Studies (2017) <https://www.ned.org/wp-content/uploads/2017/12/Introduction-Sharp-Power-Rising-Authoritarian-Influence.pdf>
- Walker, Christopher. "What is "Sharp Power"?" *Journal of Democracy*. Volume: 29, Nº 3, 9-21. (2018)

## Notícias e Outros

- "China joins global effort to ensure COVID vaccine access for all." United Nations | UN News. Outubro 9, 2020. Acedido dezembro 19, 2020.  
<https://news.un.org/en/story/2020/10/1075032>
- "China." World Health Organization. Acedido setembro 11, 2022.  
<https://covid19.who.int/region/wpro/country/cn>
- "COVAX." World Health Organization. Acedido junho 28, 2022.  
<https://www.who.int/initiatives/act-accelerator/covax>
- "COVID-19 restrictions." *USA TODAY*. julho 11, 2022. Acedido setembro 25, 2022.  
<https://eu.usatoday.com/storytelling/coronavirus-reopening-america-map/#restrictions>
- "Distribution of crude oil production worldwide in 2021, by leading country." Statista. Acedido setembro 25, 2022. <https://www.statista.com/statistics/236605/share-of-global-crude-oil-production-of-the-top-15-oil-producing-countries/>

- “GDP (current US\$) – China, United States”. The World Bank, accessed junho 18, 2022. [https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-US&name\\_desc=false](https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?locations=CN-US&name_desc=false)
- “GDP growth (annual %) - China”. The World Bank, accessed junho 18, 2022. <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?locations=CN>
- "Listings of WHO’s response to COVID-19." World Health Organization. Modified on January 29, 2021. Accessed August 29, 2022. <https://www.who.int/news/item/29-06-2020-covid-timeline>
- "Microtargeting." Information Commissioner's Office. Accessed September 25, 2022. <https://ico.org.uk/your-data-matters/be-data-aware/social-media-privacy-settings/microtargeting/>
- "OPEC Share of World Crude Oil Reserves." Organization of the Petroleum Exporting Countries. Accessed September 25, 2022. [https://www.opec.org/opec\\_web/en/data\\_graphs/330.htm](https://www.opec.org/opec_web/en/data_graphs/330.htm)
- "subversion" Merriam-Webster. Accessed September 25, 2022. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/subversion>
- "United States of America." World Health Organization. Accessed September 11, 2022. <https://covid19.who.int/region/amro/country/us>
- “‘Enhance solidarity’ to fight COVID-19, Chinese President urges, also pledges carbon neutrality by 2060." United Nations | UN News. September 22, 2020. Accessed December 19, 2021. <https://news.un.org/en/story/2020/09/1073052>
- “CDC Museum COVID-19 Timeline”. Centers for Disease Control and Prevention. January 5, 2022. Accessed junho 28, 2022. <https://www.cdc.gov/museum/timeline/covid19.html>
- “Data » China.” The World Bank. Accessed junho 20, 2022. [https://data.worldbank.org/country/china?most\\_recent\\_value\\_desc=true](https://data.worldbank.org/country/china?most_recent_value_desc=true)

- “National Minorities Policy and Its Practice in China”. Permanent Mission of the People's Republic of China to the United Nations Office at the Geneva and other Internacional Organizations in Switzerland. Setembro 1999. Acedido junho 20, 2022. <https://www.mfa.gov.cn/ce/cegv/eng/bjzl/t176942.htm>
- “The Soft Power 30.” USC Center on Public Diplomacy Portland. Acedido maio 25, 2022. <https://softpower30.com/>
- “Timeline: WHO's COVID-19 response.” World Health Organization. Acedido junho 28, 2022. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline#>
- “What Is Coronavirus?” Johns Hopkins Medicine. Fevereiro 24, 2022. Acedido junho 28, 2022. <https://www.hopkinsmedicine.org/health/conditions-and-diseases/coronavirus>
- Albert, Eleanor e Lindsay Maizland. “Religion in China”. Council on Foreign Relations. Setembro 25, 2020. Acedido junho 20, 2022. <https://www.cfr.org/backgrounder/religion-china>
- Albert, Eleanor, Lindsay Maizland, e Beina Xu, “The Chinese Communist Party”. Council on Foreign Relations. Junho 23, 2021. Acedido maio 21, 2022. <https://www.cfr.org/backgrounder/chinese-communist-party>
- "Coronavirus: Trump moves to pull US out of World Health Organization." BBC, julho 7. 2020. Acedido 2 agosto, 2022. <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-53327906>
- Bill Bishop. Excerto do *The Long Game: China's Grand Strategy to Displace American Order* por Rush Doshi. (E-mail pelo Sinosism), julho 20, 2021.
- Boxwell, Robert. "How China’s fake news machine is rewriting the history of Covid-19, even as the pandemic unfolds." *POLITICO*, abril 4, 2020. Acedido 2 agosto, 2022

- <https://www.politico.com/news/magazine/2020/04/04/china-fake-news-coronavirus-164652>
- Campbell, Charlie. "'What Is He Afraid Of?' Trump's European Travel Ban Prompts Scorn in China." *TIME*, março 12, 2020. Acedido dezembro 19, 2020. <https://time.com/5801617/china-coronavirus-us-europe-travel-ban/>
  - Guerra dos Tronos, Temporada 8, Episódio 6. Dirigido por David Benioff e D. B. Weiss. 2019.
  - Holland, Steve. "China asked Russia to delay Ukraine invasion until after Olympics - NYT." *Reuters*, março 3, 2022. Acedido setembro 11, 2022. <https://www.reuters.com/world/us-officials-say-china-asked-russia-delay-ukraine-war-until-after-beijing-2022-03-02/>
  - Lusa. "China proíbe estrangeiros de oferecer serviços religiosos online." *TSF*, dezembro 21, 2021. Acedido setembro 11, 2022. <https://www.tsf.pt/mundo/china-proibe-estrangeiros-de-oferecer-servicos-religiosos-online-14428647.html>
  - Lusa. "Dívida queniana pode levar China a penhorar maior porto do país." *Diário de Notícias*, dezembro 19, 2018. Acedido setembro 11, 2022. <https://www.dn.pt/lusa/divida-queniana-pode-levar-china-a-penhorar-maior-porto-do-pais-10344497.html>
  - Maddox, Bronwen. "New world disorder: An interview with Henry Kissinger." *Prospect*. Setembro 18, 2014. Acedido setembro 25, 2022. <https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/new-world-disorder-an-interview-with-henry-kissinger>
  - Matteucci, Aldo. "Soft Power: The Means to Success in World Politics." *Diplomacy*. 2005. Acedido maio 21, 2022. <https://www.diplomacy.edu/resource/soft-power-the-means-to-success-in-world-politics/>

- Miller, Hannah. "In pictures: China is building two hospitals in less than two weeks to combat coronavirus." *CNBC*, fevereiro 3, 2020. Acedido dezembro 16, 2020. <https://www.cnn.com/2020/01/31/pictures-china-builds-two-hospitals-in-days-to-combat-coronavirus.html>
- Nunes, Rita Rato. "Berlim, Londres, Paris. Milhares nas ruas contra as medidas sanitárias anti-covid." *Diário de Notícias*, agosto 29, 2020. Acedido setembro 25, 2022. <https://www.dn.pt/mundo/berlim-londres-paris-milhares-nas-ruas-contra-as-medidas-sanitarias-anti-covid-12564664.html>
- Nye, Joseph S. "China's soft and sharp power." *The Strategist*. Janeiro 8, 2018. Acedido dezembro 1, 2021. <https://www.aspistrategist.org.au/chinas-soft-sharp-power/>
- Palmer, Doug. "China closes border to foreign travelers." *POLITICO*, março 26, 2020. Acedido agosto 29, 2022. <https://www.politico.com/news/2020/03/26/china-closes-border-150455>
- Riordan, Primrose, Cheng Leng, Gloria Li e Maiqi Ding. "China extends Covid lockdowns for tens of millions in Chengdu and Shenzhen." *Financial Times*, setembro 5, 2022. Acedido setembro 25, 2022. <https://www.ft.com/content/62bab8f1-859b-4aa0-9699-ff12f535040a>
- Santos, Pedro Emanuel. "É possível apagar o nosso rasto online? Fomos descobrir" *Jornal de Notícias Magazine*, fevereiro 11, 2020. Acedido a setembro 25, 2022. <https://www.noticiasmagazine.pt/2020/privacidade-online-adeus-e-ate-sempre/estilos/comportamento/242664/>
- Strauss, Valerie e Daniel Southerl. "How Many Died? New Evidence Suggests Far Higher Number for the Victims of Mao Zedong's Era." *The Washington Post*, julho 17, 1994. Acedido setembro 25, 2022. <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1994/07/17/how-many-died-new->

[evidence-suggests-far-higher-numbers-for-the-victims-of-mao-zedongs-era/01044df5-03dd-49f4-a453-a033c5287bce/](https://www.bbc.com/news/health-561044df5-03dd-49f4-a453-a033c5287bce/)

- The Associated Press. "How China blocked WHO and Chinese scientists early in coronavirus outbreak." *NBC News*, junho 2, 2020. Acedido dezembro 20, 2020. <https://www.nbcnews.com/health/health-news/how-china-blocked-who-chinese-scientists-early-coronavirus-outbreak-n1222246>
- Tweet 1. World Health Organization. Janeiro 12, 2020. Acedido agosto 29, 2022. <https://twitter.com/who/status/1216397232427147264>
- Tweet 2. World Health Organization. Janeiro 14, 2020. Acedido agosto 29, 2022. <https://twitter.com/who/status/1217043229427761152>
- Tweet 3. World Health Organization (WHO) Western Pacific. Janeiro 19, 2020. Acedido agosto 29, 2022. <https://twitter.com/WHOWPRO/status/1218741294291308545?s=20>
- Weiwei, Zhang. "China's victory over COVID-19 underpinned by noble values." *CGTN*, agosto 7, 2020. Acedido 31 julho, 2022. <https://news.cgtn.com/news/2020-08-07/China-s-victory-over-COVID-19-underpinned-by-noble-values-SKSMLRcyGY/index.html>
- Wike, Richard, Janell Fetterolf e Mara Mordecai. "U.S. Image Plummetts Internationally as Most Say Country Has Handled Coronavirus Badly." *Pew Research Center*, setembro 15, 2020. Acedido setembro 4, 2022. <https://www.pewresearch.org/global/2020/09/15/us-image-plummetts-internationally-as-most-say-country-has-handled-coronavirus-badly/>
- Wong, Brian. "China's Two Pronged Diplomacy." *The Diplomat*. Setembro 12, 2020. Acedido 31 julho, 2022. <https://thediplomat.com/2020/09/chinas-two-pronged-diplomacy/>

- Zhao, Lijian. Twitter. Março 13, 2020. Acedido agosto 31, 2022.  
<https://twitter.com/zlj517/status/1238269193427906560>
- Zhong, Raymond, Paul Mozur, Jeff Kao e Aaron Krolik. "No 'Negative' News: How China Censored the Coronavirus." *The New York Times*, dezembro 19, 2020. Acedido agosto 29, 2022. <https://www.nytimes.com/2020/12/19/technology/china-coronavirus-censorship.html>

## Anexos

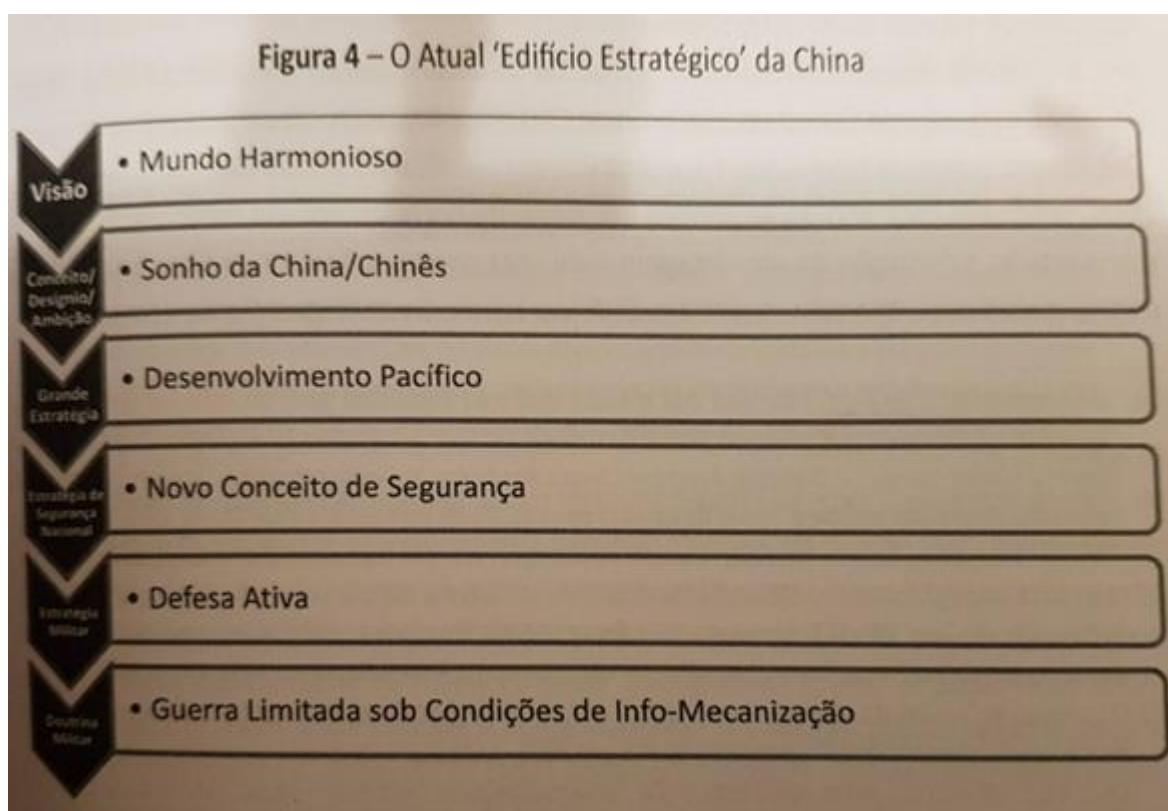
### Anexo 1. Gráfico do Continuum Estratégico da República Democrática da China

Narayanan, "Strategic Continuum of China's Strategic Behaviour: Implications for India Post the 19th Congress of the CPC.", 3.



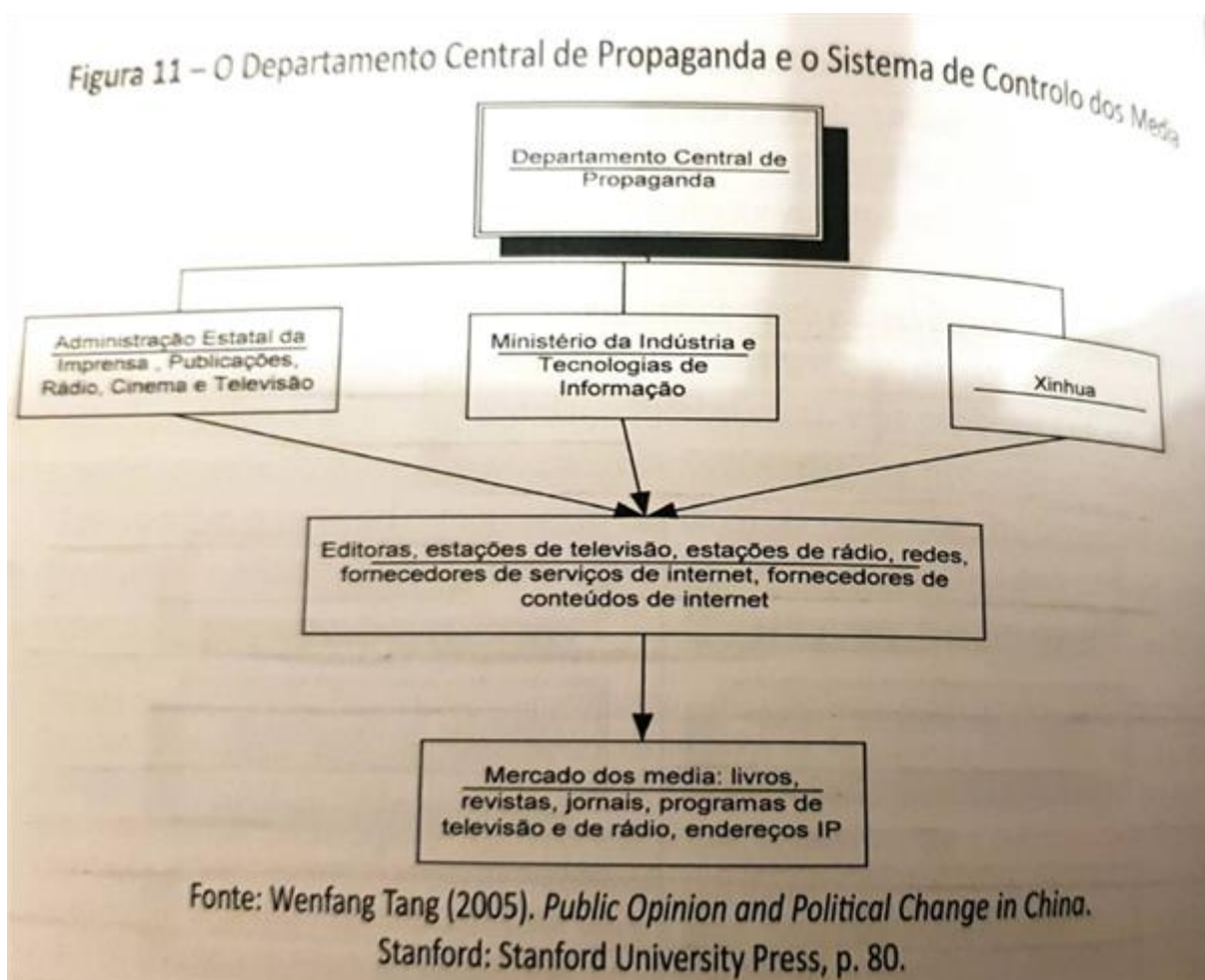
## Anexo 2. Tabela do Atual Edifício Estratégico da China

Carrigo, *Harmonizando o Poder*, 93.



**Anexo 3.** Organograma do “Departamento Central de Propaganda e o Sistema de Controlo dos Media”

Cariço, *Harmonizando o Poder*, 282.



**Anexo 4.** Quadro com a Comparação entre *Soft Power* e *Hard Power*

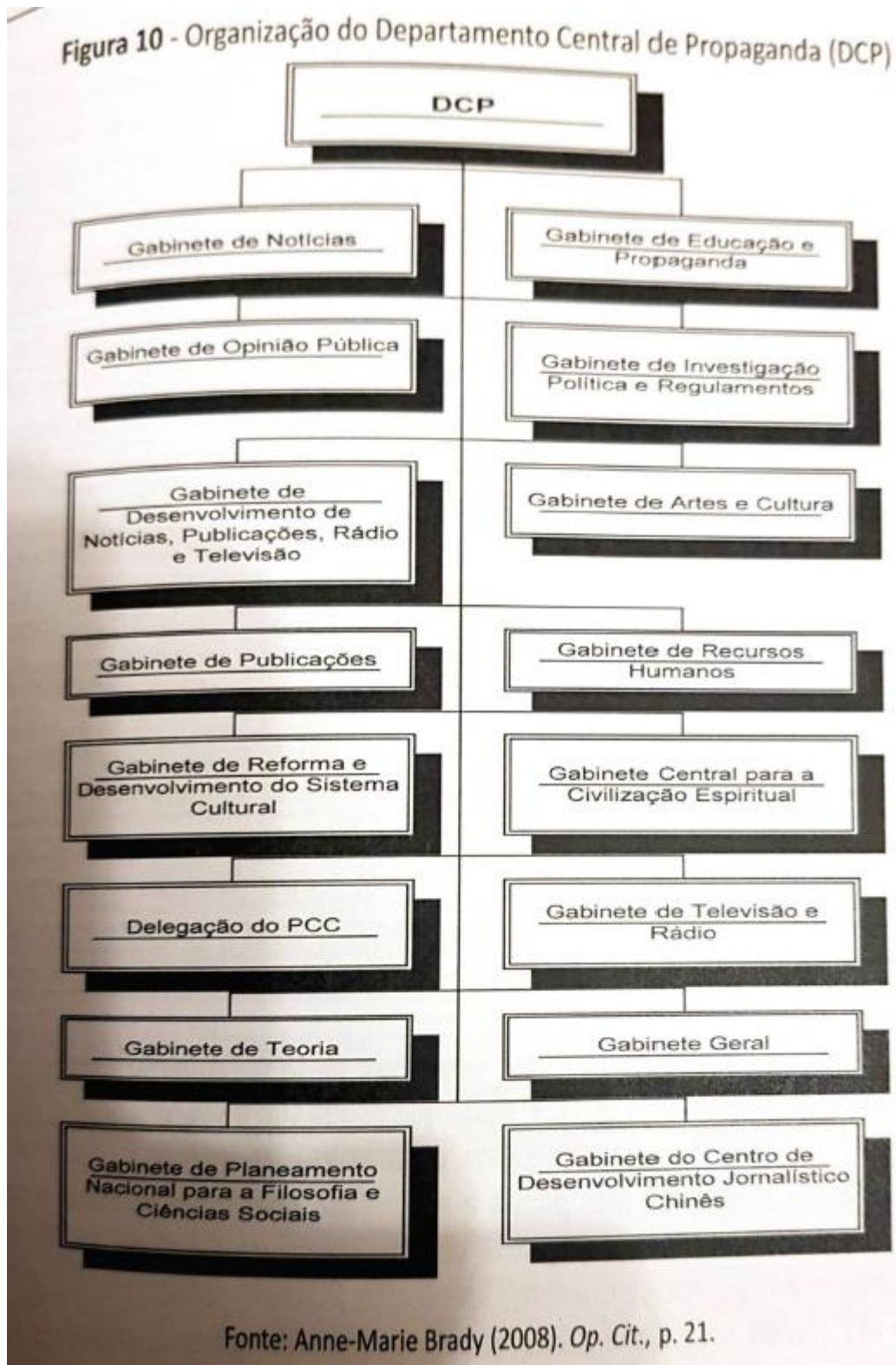
Carrigo, *Harmonizando o Poder*,53.

**Quadro 1 – Comparação entre *Soft Power* e *Hard Power***

<b><i>Soft Power</i></b>	<b><i>Hard Power</i></b>
Capacidade de moldar as preferências de outros através da atração	Capacidade de alterar o comportamento de outros através da força ou indução
Poder cultural	Poder político-diplomático, poder militar e poder económico
Cooptação, influência	Coerção e força
Relativo (baseado no contexto)	Absoluto
Intangível (difícil de medir e imprevisível)	Tangível e mensurável e algo previsível
Não especificável e com múltiplas fontes	Especificável
Difícilmente controlável pelo Estado	Controlado pelo Estado ou organizações
Interno, reação, atração	Externo, ação, força
Indireto, de longo prazo e efeitos dilatados no tempo	Direto, de curto prazo e com efeitos imediatos

## Anexo 5. Organograma do Departamento Central de Propaganda

Carrico, *Harmonizando o Poder*. 281.

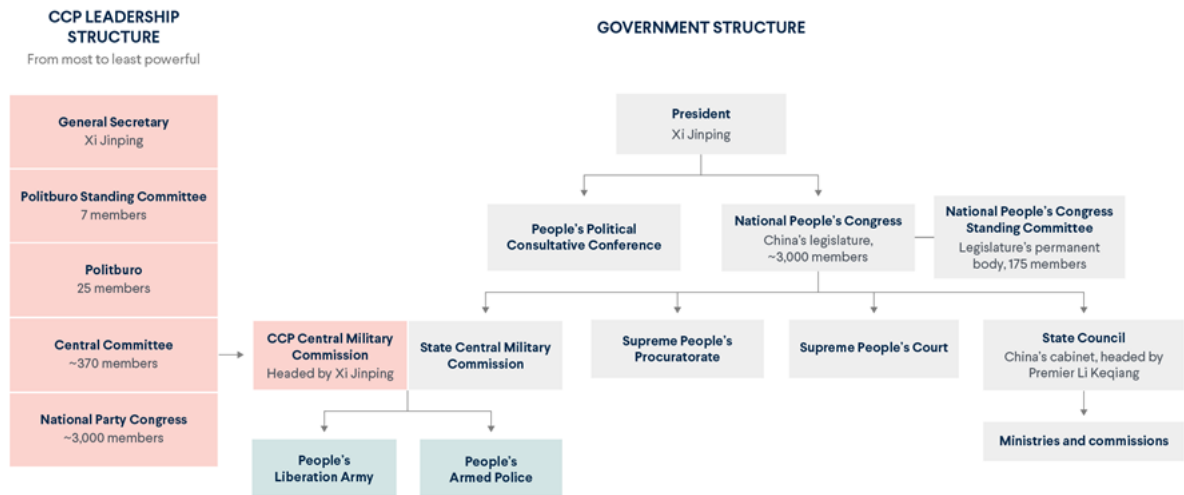


Fonte: Anne-Marie Brady (2008). *Op. Cit.*, p. 21.

## Anexo 6. Organograma do Partido Comunista e Governo Chinês

Eleanor Albert et al., “The Chinese Communist Party”. *Council on Foreign Relations*, junho 23, 2021, acessado maio 21, 2022. <https://www.cfr.org/background/chinese-communist-party>

### The CCP and China's Government



Sources: U.S.-China Business Council; CFR research.

COUNCIL ON  
FOREIGN  
RELATIONS

## Anexo 7. Tabela de Respostas ao *Sharp Power*

Cook, “Sharp Power and Democratic Resilience Series: China’s Global Media Footprint: Democratic Responses to Authoritarian Influence”, 11-12.

### BUILDING RESILIENCE TO SHARP POWER ACROSS THE MEDIA ECOSYSTEM

Sector	Nongovernmental Response	Location	Details
Media	Discontinuing paid advertorials	United States, United Kingdom	Several prominent U.S. and British news outlets discontinued some or all paid advertorial supplements from Chinese state media. The outlets include the <i>Telegraph</i> , the <i>Economist</i> , the <i>New York Times</i> , and the <i>Washington Post</i> . <sup>72</sup>
Media	Launching independent digital media start-ups	Taiwan, Hong Kong	Professional journalists, dissatisfied with growing self-censorship in mainstream media due to CCP influence, launched alternative digital news outlets like <i>Storm Media</i> , <i>New Talk</i> , <i>InMedia</i> , <i>Hong Kong Free Press</i> , and <i>Initium Media</i> .
Media	Rejecting paid content containing clearly defamatory disinformation	Argentina	At least three outlets refused a bid by a local intermediary for a Chinese agent to publish a questionable article that vilified local Falun Gong practitioners as a threat to public health during the COVID-19 pandemic. <sup>73</sup>
Media	Publishing in-depth reports on China’s media influence in the local media market	Thailand, Sri Lanka	The <i>Thai Inquirer</i> and the <i>Colombo Gazette</i> published lengthy features on Xinhua and other Chinese state outlets’ penetration of their respective local media markets. <sup>74</sup>
Media	Engaging in collective industry pushback	Ghana	The Ghanaian Independent Broadcasters Association issued a letter to regulators that voiced concerns about a potential US \$95 million contract with Beijing-based StarTimes to build Ghana’s digital television infrastructure, urging the government to use local firms and protect the broadcast sector from content controls promoted by Beijing.
Media	Exposing Chinese embassy efforts to dictate local media coverage	India	An Indian journalist exposed a threatening Chinese embassy letter sent to 250 reporters that demanded adherence to Chinese government phrases when reporting on Taiwan’s National Day, prompting broader pushback. <sup>75</sup>
Media	Publishing contextualized, objective reporting after being taken on Chinese government-sponsored tours in Xinjiang	Albania, Jordan	A journalist and a university lecturer from Muslim-majority countries were taken on tours of Xinjiang, including detention facilities, and investigated beyond the official Chinese government narrative, relaying descriptions of heavy security restrictions and closed mosques. <sup>76</sup>
Media	Submitting complaints to local redress mechanism for suspicious dismissal	Canada	An editor from the <i>Global Chinese Press</i> filed a complaint with the British Columbia Human Rights Tribunal over an apparent dismissal for actions that were disliked by Beijing. <sup>77</sup>
Media/Civil Society	Balancing opinion editorials published by Chinese diplomats	Chile	After China’s ambassador published an op-ed in <i>El Mercurio</i> that attacked a Chilean legislator for visiting leaders of the democracy movement in Hong Kong, Fundación para el Progreso wrote a letter to the editor and helped Hong Kong activist Joshua Wong translate and place a response article. <sup>78</sup>
Media/Civil Society	Disinformation campaign detection and analysis	Italy, Serbia, Taiwan	Media and civil society groups— <i>Formiche</i> , <sup>79</sup> Digital Forensics Center, <sup>80</sup> and Doublethink Lab <sup>81</sup> —engaged in detection and forensic analysis of disinformation campaigns on Twitter, Facebook, and LINE.

Sector	Nongovernmental Response	Location	Details
Media/Civil Society	Investigating content manipulation affecting foreign users of Chinese-owned social media applications	Indonesia, Germany, Canada, Global	Investigations revealed systematic content manipulation on ByteDance's short-video platform TikTok, <sup>82</sup> and on its news aggregator Baca Berita. <sup>83</sup> Citizen Lab investigated politicized surveillance of WeChat posts by international users. <sup>84</sup>
Media/Civil Society	Surveying journalist unions and publishing recommendations from within the media sector	Global	The International Federation of Journalists conducted a survey of 58 journalists' unions around the world, revealing patterns in CCP influence tactics, and issued recommendations to journalists' unions and media owners. <sup>85</sup>
Civil Society	Submitting complaints to broadcasting regulator over violations by Chinese state media	United Kingdom	Safeguard Defenders launched a campaign to help victims of forced televised confessions that were aired in the United Kingdom file complaints, resulting in investigations and expected penalties against Chinese state media. <sup>86</sup>
Think Tank	Tracking and analyzing global social media influence and activity	United States, Global	The German Marshall Fund's Hamilton 2.0 Dashboard has aggregated Twitter, Facebook, and YouTube messaging by Chinese state media and diplomats, enabling documentation and analysis. <sup>87</sup>
Think Tank	Conducting content analysis related to Chinese media influence in designated countries	Czech Republic, Slovakia, Hungary, Poland	The MapInfluCE project has provided content analysis on the quantity and tone of coverage on China in Central Europe, <sup>88</sup> it also offers social network mapping of those setting the agenda for media discourse. <sup>89</sup>
Think Tank	Annual/recurring conferences on CCP influence in various countries and sectors, including media and technology	Czech Republic, Europe, Taiwan, Asia-Pacific	Sinopsis hosts an annual conference on "Mapping China's Footprint in the World." The 2020 gathering included papers on the Czech Republic, Estonia, Finland, Germany, Japan, Lithuania, Poland, Sweden, and Switzerland. <sup>90</sup> Doublethink Lab also convened experts from the Asia-Pacific, Europe, and North America during its 2020 "China in the World Online Meeting."
Think Tank	Producing detailed policy brief on legislative and regulatory options for addressing hostile foreign media influence	Czech Republic	MapInfluCE issued a policy brief with recommendations for the European Union on complex media regulation topics like investment screening, cross-ownership rules, broadcasting rules, and ownership transparency. <sup>91</sup>
Tech	Labeling authoritarian state media content	United States, Global	Facebook and Twitter introduced labels to inform users that Chinese state media pages and posts are "Chinese state-funded" or "Chinese state-affiliated."
Tech	Restricting advertising rights for state media accounts	Twitter, Global	Twitter updated its advertising policy to bar "news media entities that are either financially or editorially controlled by the state" (including those based in China) from using the ad service. <sup>92</sup>
Tech	Detecting, dismantling, and publicly exposing disinformation campaigns	United States, Taiwan, Global	Facebook, Twitter, and YouTube removed inauthentic disinformation networks linked to China, publicly acknowledged the campaigns, and shared partial or complete datasets with researchers and journalists for analysis. <sup>93</sup>
Tech/Civil Society	Fact-checking disinformation	Taiwan	The LINE social media app created a fact-checking bot that users can insert in chats, with links to civil society fact-checking efforts. <sup>94</sup>

## Anexo 8. Tweet da OMS

Tweet 1, *World Health Organization*, janeiro 12, 2020, acessado agosto 29, 2022.

<https://twitter.com/who/status/1216397232427147264>



The image shows a screenshot of a tweet from the World Health Organization (WHO). The tweet text states: "At this stage, there is no clear evidence of human-to-human transmission in the novel #coronavirus (2019-nCoV) outbreak in #Wuhan, #China 🇨🇳. However, the Chinese authorities continue intensive surveillance and follow-up measures, including environmental investigations." Below the text is a blue graphic with the text "CORONAVIRUS (2019-nCoV)" and the WHO logo. The tweet is from "World Health Organization (WHO) Western Pacific" and was posted at 4:31 PM on Jan 12, 2020. It has 194 retweets, 317 quote tweets, and 165 likes.

 World Health Organization (WHO)   
@WHO 

At this stage, there is no clear evidence of human-to-human transmission in the novel #coronavirus (2019-nCoV) outbreak in #Wuhan, #China 🇨🇳. However, the Chinese authorities continue intensive surveillance and follow-up measures, including environmental investigations.

**CORONAVIRUS  
(2019-nCoV)**

 World Health Organization

 World Health Organization (WHO) Western Pacific

4:31 PM · Jan 12, 2020 · Twitter for iPhone

194 Retweets 317 Quote Tweets 165 Likes

**Anexo 9.** Tweet da OMS

Tweet 2, World Health Organization, janeiro 14, 2020, acessado agosto 29, 2022.  
<https://twitter.com/who/status/1217043229427761152>

← Tweet

 World Health Organization (WHO)   
@WHO 

Preliminary investigations conducted by the Chinese authorities have found no clear evidence of human-to-human transmission of the novel [#coronavirus](#) (2019-nCoV) identified in [#Wuhan](#), [#China](#) .





11:18 AM · Jan 14, 2020 · Twitter Web App

23.2K Retweets 51.7K Quote Tweets 29.3K Likes

## Anexo 10. Tweet da OMS

Tweet 3, World Health Organization (WHO) Western Pacific, janeiro 19, 2020, acessado agosto 29, 2022.

<https://twitter.com/WHOWPRO/status/1218741294291308545?s=20>



**Anexo 11.** Tweet de Lijian Zhao, Porta-Voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros do PCC.

Lijian Zhao, *Twitter*.



 Tweet

 **Lijian Zhao 赵立坚**   
@zlj517  
China government official

This article is very much important to each and every one of us. Please read and retweet it. COVID-19: Further Evidence that the Virus Originated in the US. [globalresearch.ca/covid-19-furth...](https://globalresearch.ca/covid-19-furth...)

 **Informe-se**   
Conheça os fatos da COVID-19 [Saiba mais](#)

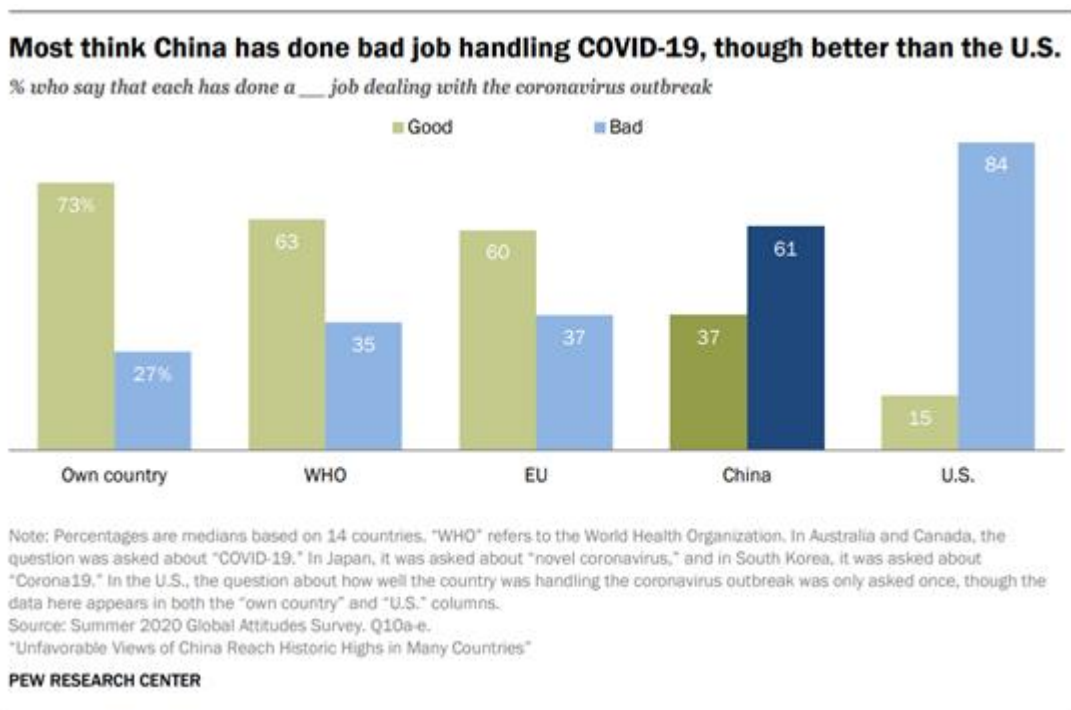
1:02 AM · 13 de mar de 2020 · Twitter Web App

**10,7 mil** Retweets   **4.814** Tweets com comentário   **17,5 mil** Curtidas

**Anexo 12.** Gráfico “a maioria pensa que a China fez um mau trabalho a lidar com a COVID-19, embora melhor do que os EUA”.

Silver et al., “Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries.”, 5



**Anexo 13.** Gráfico com a Evolução dos Casos e mortes de COVID-19 na China, de janeiro de 2020 a setembro de 2022.

"China," *World Health Organization*

